



CHANDELIN JEAN BAPTISTE

**TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA E MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: O
CASO DOS JOVENS HAITIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO**

CAMPINAS
2015



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

CHANDELIN JEAN BAPTISTE

**TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA E MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: O
CASO DOS JOVENS HAITIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO**

**ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Joice Melo Vieira
COORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Roberta Peres Guimarães**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
da Universidade Estadual de Campinas, para
obtenção do Título de Mestra em
Demografia.

Este exemplar corresponde à versão FINAL da dissertação defendida pela aluna Chaneline Jean Baptiste, orientada pela Prof^ª. Dr^ª. Joice Melo Vieira e coorientada pela Prof^ª. Dr^ª. Roberta Peres Guimarães

CAMPINAS

2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

B229t Baptiste, Chaneline Jean, 1987-
Transição para a vida adulta e migração internacional : o caso dos jovens haitianos na cidade de São Paulo / Chaneline Jean Baptiste. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Joice Melo Vieira.

Coorientador: Roberta Guimarães Peres.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Juventude - Haiti. 2. Jovens - Aspectos sociológicos. 3. Haitianos - Brasil. I. Vieira, Joice Melo, 1980-. II. Peres, Roberta Guimarães. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Transition to adulthood and international migration : the case of Haitian youths in São Paulo city

Palavras-chave em inglês:

Youth - Haiti

Young - Sociological aspects

Haitians - Brazil

Área de concentração: Demografia

Titulação: Mestra em Demografia

Banca examinadora:

Joice Melo Vieira [Orientador]

Marta Maria do Amaral Azevedo

Duval Magalhães Fernandes

Data de defesa: 09-04-2015

Programa de Pós-Graduação: Demografia



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 09 de abril de 2015, considerou a candidata CHANDELIN JEAN BAPTISTE aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Profª. Dra. Joice Melo Vieira

Joice Melo Vieira

Profª. Dra. Marta Maria do Amaral Azevedo

Marta Maria do Amaral Azevedo

Prof. Dr. Duval Magalhães Fernandes

Duval Magalhães Fernandes

Resumo

A transição para a vida adulta é um momento importante para se entender o curso de vida dos indivíduos. Atualmente independentemente do nível de desenvolvimento da sociedade, esse processo de transição vem passando por várias mudanças. No que diz respeito à juventude e à transição para a vida adulta, a migração pode, por um lado, ser incorporada como uma das opções desejáveis e possíveis para se tornar adulto. Por outro lado, também pode levar ao adiamento de certos eventos na vida do sujeito. O principal objetivo deste trabalho é analisar a transição para a vida adulta dos jovens migrantes haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto de janeiro 2010, e se encontravam na cidade de São Paulo no momento da entrevista. Busca-se entender se a migração desempenha ou não um papel no processo de transição deles. Para realizar essa investigação, opta-se pela metodologia qualitativa. Foram realizadas 20 entrevistas semiestruturadas. Essa técnica permite explorar a trajetória de vida retrospectiva dos jovens e possíveis conexões entre o processo migratório e a transição para a vida adulta.

Palavras-Chave: Juventude - Haiti; Jovens - Aspectos sociológicos; Haitianos - Brasil.

Abstract

The transition to adulthood is very important moment for understanding the individual life course. In fact, regardless of the development level of society, this process is suffering many different changes. With respect to youth and the transitional process, migration can be both: a way to achieve adulthood and to postpone some events in individual trajectory. The main aim of this work is to analyze that transitory period in the lives of young Haitian migrants who arrived in Brazil after the 2010 earthquake, especially in the city of São Paulo. The research tries to understand the relation between international migration and transition to adulthood. The method used was qualitative. It was realized twenty semi-structured interview for to reconstruct the retrospective trajectory of the young migrants.

Keywords: Youth - Haiti; Young - Sociological aspects; Haitians - Brazil.

Sumário

Introdução	1
Capítulo I – Aspectos contextuais da sociedade de origem dos jovens migrantes haitianos	5
1.1 Haiti que país é esse?	5
1.1.1 Período pré-colombiano	6
1.1.2 Período colonial	7
1.1.3 Período revolucionário	9
1.1.4 Período Nacional	11
1.2 A emigração haitiana	18
Capítulo II – A emigração haitiana para o Brasil e transição para a vida adulta	29
2.1 A Presença brasileira no Haiti	31
2.2 Contextos migratórios haitianos para o Brasil	33
2.3 Recente fluxo migratório haitiano para o Brasil	37
2.4 Os jovens haitianos no Brasil: refugiados, migrantes econômicos ou “invasores”?	42
2.5 A migração internacional como <i>turning point</i> na trajetória juvenil: um evento a mais a marcar a transição para a vida adulta?	49
Capítulo III – Demografia da juventude haitiana e a transição para a vida adulta	59
3.1 A demografia haitiana da segunda metade do século XX aos dias atuais: uma visão geral	59
3.2 A demografia da juventude no Haiti atual: algumas pistas sobre as idades das transições para a vida adulta	64
Capítulo IV – Metodologia	77
Capítulo V – As vozes dos jovens haitianos em São Paulo: Análise dos resultados	81
5.1 História retrospectiva e contexto de vida no país de origem	81
5.2 Catástrofe ambiental	83
5.3 Processo migratório	84
5.3.1 Motivações para migrar	88
5.3.2 Decisão pelo país de destino	90
5.3.3 Chegada ao Brasil	92
5.4 Perspectivas futuras e possíveis mudanças na vida dos jovens ocasionadas pela migração	97
5.5 Eventos relacionados à transição para a vida adulta	99
5.5.1 saída da escola	99
5.5.2 Entrada no mercado de trabalho	102
5.5.3 Saída da casa da família de origem	103
5.5.4 Primeira união e o vínculo amoroso	104
5.5.5 Nascimento do primeiro filho	105
5.6 Significado de ser jovem e ser adulto	107

Considerações finais	113
Referências bibliográficas	119
Anexo	125

À minha mãe que me ensinou tudo da vida, embora partisse para a luz eterna alguns meses antes da minha defesa.

Agradecimentos

Queria agradecer a minha mãe embora não esteja mais aqui, por fazer de mim a mulher que eu sou hoje, pela educação recebida e por todos os sacrifícios feitos por mim.

Agradeço a minha orientadora Joice Melo Vieira por ter me ensinado o caminho da Demografia enquanto estava ainda na graduação, através da disciplina “Estudos Populacionais”. Professora Joice, a sua atitude, o seu jeito de ensinar me deram uma grande vontade de ser pesquisadora e professora de universidade. Obrigada, sobretudo por esses últimos meses que foram tão difíceis na minha vida, mas você sempre me entendia rapidamente. Antes de ser uma orientadora, você foi por mim, uma educadora, uma psicóloga. Depois de cada conversa nossa sempre saí da sua sala com muitos pensamentos e energias positivas para continuar as minhas tarefas. Tu me rappelles étrangement ma maman. Obrigada por tudo!

Queria agradecer também a professora Roberta Peres, por ter aceitado ser minha coorientadora tirando-me dúvidas sobre migração internacional.

Às professoras Elisabete Dória Bilac e Marta Azevedo, por suas contribuições em meu exame de qualificação. As sugestões recebidas deixaram tudo bem mais claro para mim.

Aos professores Duval Fernandes e Marta Azevedo, já mencionada acima, por aceitarem participar da minha banca examinadora de conclusão do Mestrado, junto com minha orientadora.

Muito obrigada aos professores do departamento de Demografia, aos pesquisadores e funcionários do Núcleo de Estudos População “Elza Berquó” pela paciência. Embora seja uma aluna estrangeira de língua e cultura diferentes, eu nunca me senti excluída nas aulas e no ambiente físico do NEPO.

Ao governo brasileiro pelo contrato bilateral assinado com o Haiti, logo depois do terremoto de 2010, com o propósito de reforçar o ensino superior haitiano, razão pela qual estou estudando aqui hoje.

À CAPES, pelo financiamento recebido durante esses 24 meses de pesquisa.

À Unicamp, que aceitou receber universitários haitianos, possibilitando-lhes continuar seus estudos depois do terremoto. Obrigada por ter me permitido estudar em uma das melhores universidades da América Latina.

Aos professores Omar Thomaz e Sebastião Nascimento, por me acolherem aqui na Unicamp no programa PRÓ-HAITI, um ano depois do terremoto de 2010 que ocorreu no meu país de origem.

Obrigada a Arthur que me acolheu na sua casa em São Paulo durante o trabalho de campo. Obrigada também a Dafne e ao Diego que me acompanharam até a Igreja Nossa Senhora da Paz no bairro de Liberdade, em São Paulo, para a realização das entrevistas.

Um agradecimento muito especial a todos os jovens haitianos que, para além das suas preocupações na época, aceitaram conversar comigo sobre a vida e a realidade que eles estão vivendo no Brasil.

Meus sinceros agradecimentos aos colegas de diferentes coortes do programa de pós-graduação em Demografia, especialmente a turma de 2013, não apenas pelos dias e noites de estudos e discussões de laboratórios, mas também pela convivência ao longo desses dois anos. Fiquei impressionada ao ver a solidariedade que existe entre colegas da Demografia aqui na Unicamp.

Obrigada às colegas do grupo de estudo “Transição para a vida adulta”, pelas discussões sobre a teoria do curso de vida.

Obrigada especialmente a todos aqueles que me apoiaram nesses últimos meses de luto. Obrigada Encina, Dafne, Fausto, Rodrigo, Giovana, Gui, Késia, Natália, Carla entre outros. Com vocês percebi que não ganhei apenas amigos, mas ganhei também irmãos e irmãs no Brasil. Obrigada de coração a Flávia e a Heloisa (amigas de todas as horas) que compartilharam e estão compartilhando ainda palavras e mensagens de reconforto, quando estou abatida pela tristeza.

Aos meus colegas haitianos da Unicamp: Francky, Berno, Wesner, Dieumettre, François, Tomy, Ralph, Carine... e todos aqueles com quem tive a chance de conviver e conhecer dentro do programa PRÓ-HAITI. Muito obrigada pelos encorajamentos e as considerações de vocês.

Por fim, obrigada a todos aqueles que fazem parte da minha trajetória migratória no Brasil e que estão me ajudando ainda a fazer a minha transição para a vida adulta.

Lista de tabelas

Tabela 1: Principais presidentes da República do Haiti de 1804 até os dias atuais e a respectiva duração do governo	13
Tabela 2: Estimativa das remessas (em milhão/ US\$) enviadas ao Haiti em 2012	24
Tabela 3: Grau de instrução dos haitianos entrevistados por sexo em 2013	38
Tabela 4: Número de vistos concedidos aos haitianos – 2011/2012	49
Tabela 5: Alfabetização segundo sexo e idade no Haiti em 2012	69
Tabela 6: Estado conjugal por sexo e idade no Haiti em 2012	70
Tabela 7: Ocupação por sexo e idade no Haiti em 2012	71
Tabela 8: Estatística básica das idades de ocorrência da iniciação sexual, primeira união e nascimento do primeiro filho por sexo, Haiti, 2012	73
Tabela 9: Estatística básica das idades de ocorrência da iniciação sexual, primeira união e nascimento do primeiro filho por sexo e grupo etário, Haiti, 2012	74

Lista de gráficos e figuras

Gráfico 1: Haitianos no mundo em 2010	19
Gráfico 2: Migração de haitianos para os Estados Unidos de 1960 a 2011	21
Gráfico 3: Distribuição etária dos haitianos por sexo em 2013	38
Gráfico 4: População total haitiana entre 1950 a 2010	60
Gráfico 5: Taxa de crescimento populacional: Haiti e América Latina, 1955-2010	60
Gráfico 6: Distribuição da população do Haiti por situação de domicílio entre 1950 e 2010	61
Gráfico 7: Taxa de fecundidade total no Haiti e na América Latina, 1955-2010	62
Gráfico 8: Esperança de vida ao nascer no Haiti e na América Latina entre 1955 e 2010	63
Gráfico 9: Haiti e América Latina, 1955-2010: Taxa de mortalidade infantil	63
Gráfico 10: Pirâmide etária do Haiti em 2012	65
Gráfico 11: Proporção de indivíduos que frequentaram o sistema educacional no ano escolar 2011 segundo sexo e grupo etário, no Haiti em 2012	66
Gráfico 12: Haiti, 2012: Proporção de indivíduos do sexo masculino que vivenciaram diversos eventos que marcam a entrada na vida adulta	67
Gráfico 13: Haiti, 2012: Proporção de indivíduos do sexo feminino que vivenciaram diversos eventos que marcam a entrada na vida adulta	67
Figura 1: Localização da República do Haiti	5
Figura 2: Principais rotas migratórias de haitianos para o Brasil	41

Lista de abreviaturas

ABC: Agência Brasileira de Cooperação
CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior
CDHCI: Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante
CIDES: Conferência Internacional para o Desenvolvimento Econômico e Social
CNIg: Comitê Nacional de Imigração
CONARE: Comitê Nacional para Refugiados
DHS: Demographic Health Surveys
IHU: Instituto Humanistas Unisinos
MENFP: Ministère de l'Éducation Nationale et de la Formation Professionnelle
MHAVE: Ministère des Hâtien Vivant à l'Étranger
MEC: Ministério de Educação
MINUSTAH: Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
MJ: Ministério da Justiça
MRE: Ministério das Relações Exteriores
MTE: Ministério de Trabalho e Emprego
OIF: Organisation Internationale de la Francophonie
ONG: Organização Não Governamental
ONU: Organização das Nações Unidas
PEC-G: Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PEC-PG: Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação
PIB: Produto Interior Bruto
SEsu: Secretaria de Educação Superior
SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SPM: Serviço Pastoral dos Migrantes
UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina
UFScar: Universidade Federal de São Carlos
UFRGS: Universidade Federal de Rio Grande do Sul
UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas
UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância

Introdução

Eu sempre me interessei pela juventude. Desde o meu ingresso no mestrado, pensei em estudar apenas a transição para a vida adulta dos jovens haitianos. No final de 2013 e início de 2014, quando a migração haitiana começou a se tornar um assunto relevante na academia, na mídia e no debate público e político no Brasil, surgiu a ideia de estudar a transição para a vida adulta desses jovens migrantes.

Dia 12 de janeiro de 2010, a República do Haiti vivenciou um terremoto de magnitude 7,3 na escala Richter, que custaria a vida a mais de 200.000 indivíduos. Este número, longe de ser definitivo, faz deste sismo uma das catástrofes mais mortais que o país vivenciou ao longo da sua história (JOURDAN, 2012). Devido à situação do país após essa catástrofe, a migração foi para muitos jovens a única saída. Assim, vários países do mundo – Benin, Brasil, França, Polônia, Canadá, Estados Unidos, Espanha, China entre outros – têm oferecido a jovens haitianos a possibilidade de continuarem os seus estudos universitários no exterior, com o objetivo de fortalecer o ensino superior haitiano. Neste contexto de catástrofe, mais de um ano depois do terremoto, no início de julho de 2011, recebi uma chamada da embaixada brasileira no Haiti dizendo que eu havia sido selecionada para participar do programa Pró-Haiti, organizado pelo Ministério da Educação do Brasil. Desde então (2011), sou uma migrante haitiana em território brasileiro. Foi para mim a realização de um sonho que sempre tive: o desejo de estudar em um país estrangeiro. Ao mesmo tempo, iniciava-se ali uma grande aventura.

Cheguei ao Brasil em agosto de 2011, quando comecei a estudar na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Como todo migrante, vivenciei e estou vivendo certas dificuldades ao longo da minha experiência migratória no país. As minhas dificuldades estão ligadas à utilização de um novo idioma diferente da minha língua materna, à adaptação a uma nova cultura, novo sistema educativo, nova maneira de ensinar, saudade da família e amigos..., além da minha sensação de angústia que tinha a ver com a falta de planejamento do programa Pró-Haiti desde o princípio.

No Haiti, mesmo com uma escolaridade de nível superior, a inserção no mercado de trabalho permanece difícil. Neste contexto, os jovens com maior escolarização – ainda que oriundos dos grupos sociais mais favorecidos – são obrigados a deixar o país. No

entanto, não são apenas estes que deixaram o Haiti. Também, muitos outros menos favorecidos optaram por migrar para fugir da situação precária que se seguiu à catástrofe. Estes últimos migraram, sobretudo, para países onde o acesso e a permanência parecem ser mais fáceis, ainda que para tanto assumam riscos e se submetam a condições altamente vulneráveis.

Desde o início da década 1970, a literatura acadêmica explora o conceito de transição para a vida adulta. Por transição para a vida adulta entende-se a passagem do estado de adolescência para o estado de adulto. Em geral, os estudos analisam essa fase de vida considerando cinco eventos principais: a saída da escola, a entrada no mercado laboral, a saída da casa da família de origem, a formação do par conjugal e o nascimento do primeiro filho. Com base nisso, para Galland (2009) entrar na vida adulta significa alcançar certo status tornando-se trabalhador, responsável por um domicílio independente, cônjuge e pai ou mãe de família. Por conseguinte, na perspectiva demográfica, a transição para a vida adulta tem a ver com a aquisição de novos status, novas responsabilidades e novas funções sociais.

Segundo Warren (2007) a transição à idade adulta é percebida como um período no qual os jovens tomam diversos tipos de decisões como: onde eles vão morar e com quem; como eles prosseguirão seus estudos, qual será o tipo de trabalho desejado. Passam a definir também seus interesses, fazer escolhas importantes sobre sua vida afetivo-sexual e sobre a reprodução.

Zenteno et al (2011) afirmam que, no que diz respeito à juventude e à transição para a vida adulta, a migração pode ser incorporada como uma das opções desejáveis e possíveis para se tornar adulto. Estudos já mostraram a importância da migração sobre a transição para vida adulta dos jovens haitianos. Schwartz (2010 apud Herket, 2010) mostra que a migração foi sempre um aspecto importante na transição para a vida no Haiti, mas as experiências migratórias e suas significações têm evoluído de maneira espetacular.

O principal objetivo desta investigação é estudar o processo de transição para a vida adulta dos jovens migrantes haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto de 2010. Pretende-se conhecer a realidade deles e explorar o impacto que a migração poderia ter sobre a transição para a vida adulta.

A hipótese principal é que a migração, enquanto *turning point* na trajetória dos indivíduos pode ser considerada um evento a mais a pautar a transição para a vida adulta deles. Por *turning point* entende-se uma experiência forte, um divisor de água que marque um antes e um depois na vida dos sujeitos.

É impossível estudar a transição para a vida adulta sem falar em algum momento de categorizações de idade. Os grupos etários que caracterizam a juventude podem variar de acordo com a sociedade. Assim, segundo o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Haiti, o grupo considerado jovem são indivíduos de 15 a 34 anos. Por isso, a nossa população alvo nessa pesquisa são os haitianos dessas faixas etárias que migraram para o Brasil e que se encontravam na cidade de São Paulo no momento da entrevista (julho de 2014).

Bourdieu, ao escrever o prefácio da obra de Sayad (1998), vai além do conteúdo dos manuais de metodologia para explicar o quanto é “indispensável” certa aproximação (o conhecimento da realidade, da língua e da tradição de um povo) para entender um fenômeno tão complexo como a migração. Segundo ele, as regras epistemológicas e as instruções metodológicas não contribuiriam muito se não pudessem contar com disposições mais profundas vinculadas à experiência ou à trajetória social do indivíduo (SAYAD, 1998). Enquanto jovem migrante haitiana no Brasil, em plena fase de transição para a vida adulta, e dispondo do conhecimento necessário a respeito da origem, da vivência, da realidade sociocultural haitiana, é importantíssimo analisar a realidade dos jovens do meu país de origem.

Para realizar este trabalho, optamos pela metodologia qualitativa. Ao todo foram efetuadas 20 entrevistas semiestruturadas. Essa metodologia permite entender a trajetória de vida dos jovens, o processo migratório de cada um, e explorar a trajetória educacional, laboral e familiar retrospectiva.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos o contexto sócio-histórico da sociedade de origem dos jovens migrantes e da migração internacional haitiana. Este capítulo tem como principal objetivo oferecer uma visão panorâmica da história haitiana, as estruturas que definem o Haiti atual assim como uma descrição dos principais fluxos migratórios haitianos do passado.

No segundo capítulo nos ocupamos especificamente da migração haitiana para o Brasil. Recuperamos a discussão atual que se desenvolve tanto na academia quanto na mídia e entre as instituições reguladoras da migração. Neste capítulo também são delineados os principais conceitos que norteiam esta pesquisa.

Com base nos dados da *Demographic Health Surveys* (DHS) levada a campo no Haiti em 2012 e em informações do Banco Mundial datadas de 2010, o terceiro capítulo faz um retrato da população jovem haitiana da segunda metade do século XX até os dias atuais. Neste mesmo capítulo, apresentamos alguns dados dos marcos transicionais relacionados à educação, família e trabalho. Esse capítulo procura traçar um panorama sobre a situação atual da juventude haitiana.

O quarto capítulo foi dedicado à exposição da metodologia e da técnica de coleta de dados adotada na pesquisa de campo realizada em julho de 2014 na cidade de São Paulo.

Por fim, os resultados da pesquisa de campo e a análise dos dados levantados são apresentados no capítulo cinco.

Tanto a migração quanto a transição para a vida adulta são temas consolidados na literatura internacional e no Brasil. No entanto, poucos estudos abordam a questão da inter-relação entre ambos, e ainda menos para o caso haitiano. A principal contribuição desta investigação é conhecer a realidade dos jovens haitianos que migram para o Brasil – e especialmente para a cidade de São Paulo – buscando entender a transição para a vida deles em um contexto migratório bem específico. À sua maneira, este estudo visa dar visibilidade e voz a eles.

Capítulo I

Aspectos contextuais da sociedade de origem dos jovens migrantes haitianos

O principal objetivo deste capítulo é apresentar a origem e a história da sociedade haitiana, as principais dificuldades vivenciadas pelo povo e os fatores que impulsionam a migração. Na sequência, destacam-se os principais destinos tradicionais dos haitianos.

1.1 Haiti: Que país é esse?

A ilha do Haiti, a segunda maior ilha das grandes Antilhas após Cuba, é dividida desde 1844 em dois países independentes, mas ligados por um longo passado histórico. A República do Haiti ocupa a parte oeste com uma superfície de 27.500 km², território equivalente ao Estado de Alagoas (ROCHA, 1995); enquanto a República Dominicana cobre a sua parte oriental com 48.400 km². A República do Haiti é delimitada ao norte pelo Oceano Atlântico, a leste pela República Dominicana e ao sul e a oeste pelo Mar do Caribe. Do ponto de vista administrativo, é dividido em dez departamentos (*Nord, Sud, Est, Ouest, Nord-Est, Nord-Ouest, Sud-Est, Centre, Artibonite, Nippes*), 140 distritos e 570 municípios, sendo Porto-Príncipe a capital.

Figura 1. Localização da República do Haiti



Fonte: Radio Canadá, 2015.

De modo geral, a ilha do Haiti tem um passado bastante movimentado marcado profundamente pelo tipo de colonização empreendida e pelo genocídio das populações autóctones (ETIENNE, 2003). As atuais estruturas econômicas e políticas são consequência de uma história nacional pontuada por tragédias, massacres e revoltas. Após mais de dois séculos de independência, o Haiti ainda apresenta características de forte desequilíbrio social e estagnação econômica. De acordo com Castor (1998), o país ainda não conheceu estabilidade e progresso econômico. Em 2003, o então presidente sul-africano Thabo M'Beki declarou que: “o Haiti pegou um caminho diametralmente oposto ao desenvolvimento” (WARGNY, 2004, p.186). Já Seguy (2014) sustenta que o país foi palco da única revolta em todas as Américas em que pessoas escravizadas se organizaram e desafiaram o poder e a força de nações imperialistas europeias. Mas apesar deste fato inédito – e poderíamos também dizer épico – a sociedade haitiana ainda não experimentou prosperidade. Mesmo vivendo hoje uma situação de permanente crise humanitária, o Haiti sempre despertou a atenção de vários pesquisadores por sua peculiaridade histórica como primeira República independente da América Latina, estabelecida em 1804.

Tendo como referência a chegada de Cristóvão Colombo à ilha, a história haitiana pode ser dividida em quatro grandes períodos ou épocas: pré-colombiano (até 1492), colonial (1492-1789), revolucionário (1789-1804) e, por fim, nacional (de 1804 até os dias atuais).

1.1.1 Período pré-colombiano

O período pré-colombiano corresponde à história dos povos nativos “ameríndios¹” antes da conquista do território pelos colonizadores espanhóis. No início, a região era povoada por quatro etnias diferentes (*Lucayes, Ciguayos, Tainos e Caribes*²) que batizaram a ilha em alusão a seu relevo como “Bohio” ou “Ayiti”, que significa terra alta, terra montanhosa. Essas populações ameríndias distribuídas em tribos viviam da agricultura e da pesca. Segundo especialistas, os nativos atingiram um alto nível de desenvolvimento artístico. Seus costumes, artefatos e sua religião testemunham que eles criaram uma civilização com um grau de organização social bastante notável (BELLEGARDE, 1937). É

¹ Nome dado aos primeiros habitantes da ilha antes da chegada de Cristóvão Colombo. Isto significa os índios da América pensando que eles tinham chegado à Índia.

² Nome original dos diferentes tribos.

quase impossível determinar sua distribuição geográfica, pois as tribos tinham uma grande mobilidade e rapidamente a população foi completamente dizimada com a chegada dos europeus, deixando poucas evidências materiais que permitam conhecê-los melhor.

1.1.2 Período colonial

O passado colonial do Haiti é marcado fundamentalmente pela chegada de Cristóvão Colombo à ilha em 1492 e a consequente tomada do território pelos colonizadores espanhóis, seguidos posteriormente pelos franceses. O contato dos povos ameríndios com a civilização europeia foi uma verdadeira “hecatombe” nas palavras de Seguy (2014), dado o sofrimento a que os nativos foram submetidos. Ainda de acordo com o mesmo autor, o ano de 1492 marca uma inflexão na história. Ele simboliza o ponto de partida para a dominação europeia não só sobre ilha, mas também sobre todo o continente americano. A principal consequência demográfica deste contato foi a dizimação total das populações indígenas que habitavam a zona onde hoje se localiza o Haiti, e sua substituição por negros africanos (ETIENNE, 2003).

a) Colonização espanhola

Os primeiros colonizadores espanhóis rebatizaram a ilha, denominando-a *Hispaniola*, que significa pequena Espanha, porque apresentava uma paisagem similar àquela da metrópole. Este período da história foi marcado pela redução dos indígenas a escravos que foram submetidos a uma dura exploração nas minas de ouro. Em menos de um século, essa população autóctone foi dizimada por conta de trabalhos forçados, guerras e doenças transmitidas pelos recém-chegados. As três décadas que se seguem à conquista abrem o processo de implementação do império colonial espanhol no continente americano (ETIENNE, 2003).

Com a substituição da agricultura tradicional de subsistência pela produção de ouro empregando a força de trabalho indígena, a colônia foi confrontada por sérias crises alimentares. Um dos métodos de resistência dos indígenas face à dominação espanhola era destruir sistematicamente as plantações, com o objetivo de provocar fome e morte entre os colonos. Logo, a catástrofe demográfica teria como consequência a aparição do sistema de

*la traite négrière*³. Durante quatro séculos este sistema condenaria à migração forçada milhares de africanos vendidos como escravos nas plantações e minas nas Américas. Em 1606, o então rei espanhol Philippe III decidiu pelo despovoamento da parte ocidental de *Hispaniola*, deslocando seu contingente para a parte oriental. Essa ação atrai aventureiros de diversas nacionalidades para a área desocupada (portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, ingleses entre outros), levando a um repovoamento sem qualquer planejamento orientado por uma autoridade reconhecida por todos (ETIENNE, 2003).

b) Colonização francesa

Com o tratado de Tordesilhas (1494), Espanha e Portugal dividem entre si o direito de exploração das terras recém-descobertas e daquelas que viessem a ser encontradas a oeste das Ilhas de Cabo Verde. Este tratado regula a posse das riquezas do continente americano considerando os interesses estritamente dos dois países ibéricos. As demais nações europeias foram totalmente excluídas do acordo. Rapidamente, elas vão desafiar o monopólio espanhol e português sobre o novo mundo. Assim, no início do século XVI, França, Inglaterra e Países Baixos iniciam suas investidas contra os impérios ibéricos valendo-se de três estratégias principais: a corrida marítima com o intuito de ocupar novos territórios, a pirataria e o comércio ilegal (ETIENNE, 2003).

Piratas e corsários franceses foram os primeiros a atacar as possessões espanholas e portuguesas da América. Com todas as energias canalizadas para as guerras religiosas⁴ do final do século XVI, os franceses foram substituídos pelos ingleses nas disputas territoriais no continente americano. No entanto, a partir do início do século XVII, com a liderança do cardeal Richelieu, o império francês vai conhecer uma grande expansão. Sob a égide deste último, a dominação colonial tornou-se um dos pilares do poder e da riqueza francesa (ETIENNE, 2003).

A dominação colonial francesa nas Antilhas começa em 1625. Expulsos pelos espanhóis da ilha de São Cristóvão (atual São Kitts) em 1638, os sobreviventes franceses

³ “*Traite négrière*” também chamada de “*traite des nègres*” ou “*traite des noirs*” é o tráfico de escravos negros no tempo da colonização que vitimou milhões de pessoas durante séculos. A prosperidade da metrópole dependia da monocultura, que se sustentava inteiramente no uso da mão-de-obra escrava.

⁴ As Guerras religiosas são o conjunto de conflitos (8) que ocorreram na França de 1562 a 1598 entre protestantes e católicos.

fugiram para a ilha de *La Tortue*⁵, que será ocupada pouco a pouco, apesar dos frequentes ataques espanhóis. Por causa de sua posição geográfica, a zona era a primeira opção para as atividades de piratas e corsários. De 1640 a 1665, a história do Haiti é marcada por lutas constantes entre franceses, ingleses e espanhóis por sua posse (ETIENNE, 2003).

Em 1697, por meio do Tratado de Ryswick assinado na Holanda, a Espanha cedeu à França a parte ocidental da ilha, que foi rebatizada de *Saint Domingue* pelos franceses. Esta área conheceu na primeira metade do século XVIII, um desenvolvimento econômico extraordinário baseado principalmente na exploração de cana-de-açúcar e na escravidão. Por causa deste boom econômico foi chamada de "Pérola das Antilhas" e "*joyau de l'empire colonial des Bourbons*"⁶. Graças à colônia de *Saint Domingue*⁷, a França conseguiu equilibrar sua balança comercial na Europa e passou a ocupar um lugar no teatro das grandes potências coloniais. No entanto, a riqueza de *Saint Domingue* foi gerada a partir de um sistema social marcado por contradições. Essas contradições levam no final do século XVIII ao colapso da sociedade colonial (JOACHIM, 1979). A extrema desigualdade e a exploração constante culminariam no levante dos escravos contra o sistema dominante.

1.1.3 Período revolucionário

A Revolução Francesa deflagrada em 1789, que impulsionou o debate acerca dos direitos do homem, marca uma nova inflexão na história mundial e particularmente na trajetória da colônia de *Saint Domingue*. Aproveitando a revolução francesa, os diferentes grupos sociais da colônia (agricultores, comerciantes, trabalhadores, pequenos proprietários, etc.) nutriram o desejo de fazer ouvir as suas vozes. Contudo, cada grupo social reclamava o seu próprio direito fundamentando-o em interesses particulares de cada segmento. Assim, às vésperas de 1789, a colônia de *Saint Domingue* estava a ponto de explodir em revoltas. No entanto, todas as lideranças concordaram que a manutenção do sistema escravista era a base fundamental do modo de produção vigente. Enquanto a elite não encontrava um consenso que atendesse a todos, os escravos eram o grupo mais

⁵ Nome de uma ilha pertencente ao Haiti atual.

⁶ Joia do império colonial dos Bourbons, em tradução livre, outro nome dado à ilha fazendo alusão à sua beleza e à sua prosperidade.

⁷ Até os dias atuais a ilha do Haiti está dividida em dois países independentes entre si: a República do Haiti e a República Dominicana. Sempre que mencionamos *Saint Domingue* (em francês), estamos nos referindo ao atual Haiti. O país de fato teve diversos nomes e pode causar certa confusão traduzir *Saint Domingue* para o português, porque na atualidade conhecemos por Santo Domingo a capital da República Dominicana.

homogêneo e coeso. Estes últimos eram o principal motor das atividades econômicas da sociedade e não se beneficiavam em nada com as riquezas geradas na colônia (ETIENNE, 2003).

Entre 1789 e 1791, a cena política colonial foi dominada pela luta entre os diferentes grupos da sociedade. A partir de 1791, os escravos, que representavam quase 86% da população de *Saint Domingue*, entram na disputa pelo poder. Esse acontecimento dá aos movimentos de reivindicação uma orientação claramente revolucionária. Assim, a liberdade tornou-se a palavra de ordem do momento e o grito de guerra das massas escravas (ETIENNE, 2003).

As guerras revolucionárias tiveram grandes consequências para a colônia de *Saint Domingue*. No final do século XVIII mais de dois terços da colônia estavam sob a dominação dos países inimigos da França, particularmente Espanha e Inglaterra. Encurralados pelas tropas espanholas e britânicas, os franceses são obrigados a convocar os escravos rebeldes prometendo-lhes a liberdade em troca de sua ajuda contra as forças estrangeiras. No dia 29 de agosto de 1793, a liberdade de todos os escravos foi proclamada por Sonthonax, representante do governo francês em *Saint Domingue*, decisão que foi ratificada em fevereiro de 1794 (ETIENNE, 2003).

Para Toussaint Louverture, um dos chefes escravos, a liberdade e a igualdade tinham um significado importantíssimo na colônia de *Saint Domingue* (PLUCHON, 1979 apud SAINT LOUIS, 2008). Assim, um dos objetivos dele era de um lado, expulsar as forças estrangeiras e de outro, contrapor-se às pretensões dos “alforriados”⁸ de dominar a vida política, econômica e social na colônia. Com efeito, no final do século XVIII, Toussaint conseguiu se livrar dos seus inimigos internos e externos. Ele publicou a constituição de 1801, tornou-se o governador geral e recebeu o direito de nomear o seu sucessor. Essa constituição representou para a França um manifesto pela independência haitiana.

Napoleão Bonaparte, conquistador da Europa e líder da França na época, não podia admitir a nova realidade, pois ele viu no ex-escravo um rebelde que merecia ser submetido pela força. Em fevereiro de 1802, uma expedição foi enviada a *Saint Domingue* para

⁸ No tempo da colônia, existiam quatro classes: Os grandes agricultores brancos, os pequenos agricultores brancos, os alforriados e os escravos.

capturar Toussaint. O general foi capturado, deportado e levado à prisão na França, onde morreu em 7 de abril de 1803 (ETIENNE, 2003). Essa expedição foi o estopim da guerra revolucionária de *Saint Domingue*. Com a morte de Toussaint a luta não terminou. Outros chefes continuaram com o movimento e um pouco mais tarde o exército francês foi finalmente derrotado pelas forças revolucionárias conduzidas por um antigo companheiro de Toussaint Louverture, Jean Jacques Dessalines. As tropas francesas dirigidas pelo general Rochambeau foram capituladas em 18 de novembro de 1803, data importante da história do Haiti. Em 1º de janeiro de 1804, o exército revolucionário proclamou a independência rebatizando o país com o nome indígena Haiti. Como Toussaint, Dessalines foi nomeado governador com o direito de designar o seu sucessor. Essa revolução abre uma nova era na história haitiana.

1.1.4 Período nacional

A independência haitiana marca o fim de mais de três séculos de colonização e escravidão. As cicatrizes e mágoas provocadas pelo sistema escravista são ilustradas pelo famoso discurso de Boiron Tonnerre, secretário de Jean Jacques Dessalines e redator do ato da independência: “*Il nous faut la peau d’un blanc pour parchemin, son crâne pour écritoire, son sang pour encre et une baionette pour plume*”⁹ (WAINWRIGHT, 2001).

O desfecho dos fatos foi mal visto aos olhos das elites de outros países do continente que não reconheceram tão prontamente a independência haitiana. Este ambiente adverso tornava muito real a possibilidade de uma eventual ofensiva de recolonização. Para estas elites, a independência haitiana era um mau exemplo para as suas colônias. Dado este cenário, Dessalines, o novo governador, investiu em uma política de militarização (ETIENNE, 2003). Do ponto de vista político, os desdobramentos pós-independência também foram bastante complexos. Logo após a morte de Dessalines, houve grandes divergências políticas. Essas divergências impactaram toda a história do século XIX. Lutas entre dois partidos antagônicos vão aparecer sob a forma de luta de cor contrapondo os mulatos, que tinham como lema *le pouvoir au plus capable* (o poder para os mais capazes), e os negros, *le pouvoir au plus grand nombre* (o poder para os mais numerosos).

⁹ Tradução livre: Precisamos da pele de um branco (homem branco) para pergaminho, seu crânio para tinteiro, seu sangue para tinta e uma baioneta para caneta.

Com a ausência de classes dirigentes, surgiram sérios problemas no que diz respeito à repartição das terras que os franceses deixaram. Nessa época, terras e produção agrícola eram as principais fontes de riqueza. Dessalines, quando chegou ao poder, optou pela nacionalização dessas. Esta decisão lhe custaria sua vida.

Até os dias atuais, mais de dois séculos após a independência, os atores políticos foram incapazes de encontrar uma solução definitiva para a questão agrária. Outras dificuldades se devem à incapacidade das classes dirigentes de restabelecer a economia de plantação voltada ao mercado exterior, ou de substituir este antigo modo de produção por um novo modelo que fomentasse o desenvolvimento econômico sobre novas bases. Interesses políticos e econômicos motivaram o assassinato de Dessalines pelo grupo oposto do mulato Pétion, dois anos depois de sua chegada ao poder. A morte trágica de Dessalines levou o país a se dividir: o norte passou a ser dirigido por Henri Christophe e o oeste e o sul, dirigidos por Alexandre Pétion. Esta cisão ocasionou uma série de guerras civis. Depois de uma década, Pétion faleceu devido a uma epidemia de febre. Jean Pierre Boyer assumiu o poder e conseguiu reunificar o Haiti com a morte de Henri Christophe em 1820 (WAINWRIGHT, 2001).

O governo de Boyer durou 25 anos. Foi no transcurso de seu mandato que a França reconheceu a independência haitiana, em 1825, em troca do pagamento de 150 milhões de *francs*¹⁰, este acordo comprometeu e atrasou bastante o desenvolvimento econômico haitiano (ETIENNE, 2003). Após esta negociação, a oposição obrigou-o a pedir exílio na França, onde ele morreu em 1850. *Boyer* foi sucedido no poder por uma série de governos provisórios, instáveis e que por vezes fragmentavam a população em subgrupos regionais ou de interesses diversos que se enfrentavam em guerras civis. O governante de turno não raro encerrava o mandato deposto, exilado ou assassinado. Esta situação se perpetua ainda durante a intervenção militar norte-americana em 1915 (WAINWRIGHT, 2001). Uma razão a mais para os norte-americanos interferirem nos assuntos do país. A tabela a seguir ilustra o quanto a instabilidade política é um traço persistente ao longo da história haitiana.

¹⁰ Moeda usada na França na época.

Tabela 1
Governantes haitianos de 1804 até os dias atuais e a respectiva duração do governo

Governante	Data de início e fim de governo	Duração
Jean-Jacques Dessalines	1º de janeiro de 1804-17 de outubro 1806	22 meses
Henri Christophe	janeiro de 1807- março de 1811	4 anos
Alexandre Pétion	9 de março de 1807- 29 de março 1818	11 anos
Jean Pierre Boyer	março de 1818- fevereiro de 1843	25 anos
Rivière Hérard	31 de dezembro 1843- 3 de maio 1844	5 meses
Phlippe Guerrier	8 de maio de 1844 - 15 de abril de 1845	11 meses
Louis Pierrot	16 de abril 1845- 1º de março 1846	11 meses
Jean Baptiste Riché	1º de março de 1846- 27 de fevereiro de 1847	11 meses
Faustin Soulouque	1º de março de 1847 - 15 de janeiro de 1859	12 anos
Fabre Geffrard	15 de janeiro de 1859- 19 de dezembro 1867	8 anos
Sylvain Salnave	14 de junho 1867- dezembro de 1869	2 anos
Nissage Saget	18 de março de 1870- 12 de maio 1874	4 anos
Michel Domingue	11 de junho de 1874- 15 de abril de 1876	2 anos
Boirond Canal	17 de julho de 1876 - 17 de julho de 1879	3 anos
Lysius Salomon	23 de outubro de 1879 - 10 de agosto de 1888	9 anos
François D. Légitime	16 de dezembro de 1888 - 22 de agosto de 1889	21 meses
Florvil Hypolite	de outubro de 1889 - 24 de março de 1896	8 anos
Tiresias Simon Sam	31 de março de 1896 - 12 de maio de 1902	6 anos
Nord Alexis	21 de dezembro de 1902 - 2 de dezembro de 1908	6 anos
Antoine Simon	17 de dezembro de 1908 - 2 de agosto de 1911	3 anos
Cincinnatus Leconte	14 de agosto de 1911 - 8 de agosto de 1912	12 meses
Tancrède Auguste	8 de agosto de 1912 - 2 de maio de 1913	9 meses
Michel Oreste	4 de maio de 1913 - 27 de janeiro de 1914	7 meses
Oreste Zamor	8 de fevereiro de 1914 - 27 de outubro de 1914	9 meses
Davilmar Théodore	7 de novembro de 1914 - 22 fevereiro de 1915	4 meses
Vilbrun Guillaume Sam	5 de março de 1915 - 27 de julho de 1915	5 meses
Sudre Dartiguenave	12 de agosto de 1915 - 15 de maio de 1922	7 anos
Louis Borno	5 de maio de 1922 - 15 de maio de 1930	8 anos
Eugène Roy	15 de maio de 1930 - 18 de novembro de 1930	22 meses
Sténio Vincent	18 de novembro de 1930 - 15 de maio de 1941	11 anos
Elie Lescot	15 de maio de 1941 - 11 de janeiro de 1946	5 anos
Dumarsais Estimé	16 de agosto de 1946 - 10 maio 1950	4 anos
Paul Magloire	6 de dezembro de 1950 - 6 de dezembro de 1956	6 anos
Nemours Pierre-Louis	12 de dezembro de 1956 - 3 de fevereiro de 1957	2 meses
Franck Sylvain	7 de fevereiro de 1957- 2 de abril de 1957	3 meses
Daniel Fignolé	25 de maio de 1957 - 14 de junho de 1957	40 dias

François Duvalier	22 de outubro de 1957 - 21 de abril de 1971	14 anos
Jean-Claude Duvalier	22 de abril de 1971 - 7 de fevereiro de 1986	15 anos
Leslie François Manigat	7 de fevereiro de 1988- 20 de junho de 1988	5 meses
Henri Namphy	20 de junho de 1988 - 18 de setembro de 1988	4 meses
Prosper Avril	18 de setembro de 1988 - 10 de março de 1990	18 meses
Ertha Pascal Trouillot	18 de março de 1990 - 7 de fevereiro de 1991	11 meses
Jean Bertrand Aristide	7 de fevereiro de 1991 - 30 de setembro de 1991	8 meses
Joseph Nérette	8 de outubro de 1991 - 19 de junho de 1992	8 meses
Emile Jonassaint	11 de maio de 1994 - 12 de outubro de 1994	5 meses
Jean Bertrand Aristide*	19 de outubro de 1994 - 7 de fevereiro de 1996	13 meses
René Garcia Préval	7 de fevereiro de 1996 - 7 de fevereiro de 2001	5 anos
Jean Bertrand Aristide	7 de fevereiro de 2001 - 29 de fevereiro de 2004	3 anos
Alexandre Boniface	21 de fevereiro de 2004 - 14 de maio de 2006	27 meses
René Garcia Préval	14 de maio de 2006 - 14 de maio de 2011	5 anos
Joseph Michel Martelly	14 de maio de 2011 - até os dias atuais	

Fonte: Haiti-Référence, 2015. Nota: *Jean Bertrand Aristide é o primeiro presidente haitiano a ser eleito democraticamente. Durante o seu primeiro mandato foi vítima de um golpe de estado em setembro de 1991. Passou três anos no exílio na África do Sul. Voltou ao país em outubro de 1994 para terminar o seu mandato. Durante sua ausência, dois presidentes consecutivos assumiram o seu lugar (Joseph Nérette – 8 meses e Emile Jonassaint – 5 meses).

Além da fragilidade imposta pelas várias crises político-econômicas que se abateram sobre o Haiti, a proximidade geográfica dos Estados Unidos e a primeira guerra mundial em curso na Europa na mesma época garantiram aos norte-americanos as condições necessárias para interferir nas questões internas haitianas. Seguindo a doutrina Monroe¹¹, eles manifestaram o seu desejo de serem os únicos mestres do continente e mantê-lo afastado da influência europeia (MONGERARD, 2012). Baseando-se nesta doutrina, os Estados Unidos passaram a identificar a si mesmos como os únicos com legitimidade para intervir no destino de nações americanas que se encontrassem em dificuldades no início do século XX.

A ocupação norte-americana durou quase 20 anos (1915-1934) e tinha como missão instaurar a estabilidade política. O exército do período revolucionário foi substituído pela Guarda Nacional conduzida pelos dirigentes norte-americanos. Segundo o historiador Cadet (2009, p.370) “os dezenove anos de ocupação constituíram um sistema de opressão e exploração bem organizado em favor dos investidores americanos”. Esse regime defendeu

¹¹ Em 1823, o presidente norte-americano James Monroe pronunciou um discurso dedicado a não intervenção da Europa nos assuntos da América e vice-versa.

os interesses dos Estados Unidos, da burguesia política, dos grandes proprietários de terra, dos industriais e dos comerciantes (CADET, 2009). Alguns projetos foram criados apenas para o enriquecimento dos banqueiros norte-americanos. Durante a ocupação, o Estado haitiano não alcançou a coesão social.

As disparidades sociais seguiram crescentes; houve levantes camponeses; e a economia e a política não encontraram a estabilidade supostamente almejada pelos líderes da ocupação (CADET, 2009, p.370). Neste sentido, mesmo com a presença norte-americana instaura-se um regime de total corrupção, opressivo e atroz. O presidente haitiano Dartiguenave (1915-1922), ofendido com a situação do país, escreveu uma mensagem ao presidente norte-americano dizendo:

Le peuple haitien avait conçu le grand espoir que le concours des Etats-Unis allait lui permettre de développer ses richesses matérielles et morales par une rationnelle impulsion donnée à l'agriculture, à l'industrie, à l'instruction publique. J'ai le regret de dire que rien de sérieux n'a été fait pour réaliser cet espoir ¹² (CADET, 2009, p. 374).

Logo depois da desocupação, a história do Haiti continuou passando por momentos de angústia com uma sucessão de várias presidências tumultuadas (ver tabela 1) até a eleição do presidente François Duvalier (CADET, 2009).

Em 1957, o médico François Duvalier, com o apoio dos Estados Unidos, do exército e da elite social, foi eleito presidente em eleições democráticas. Conhecido pela alcunha *Papa Doc*, governou o país sob um regime autocrático até a sua morte. Para fazer frente à resistência de outros setores da sociedade, criou seu próprio instrumento de controle os *tontons macoutes* (TÉLÉMAQUE, 2012), uma espécie de milícia paramilitar que estava diretamente sob seu comando (ROSA, 2007). Como foi dito pelo antigo presidente, padre Jean Bertrand Aristide, para descrever a ferocidade do regime do duvalierismo, durante este período de ditadura “os Duvalier podiam fazer o que quisessem, podiam matar qualquer um, em qualquer lugar, a qualquer hora – além disso – o terror foi acompanhado de pilhagem de dinheiro público por uma máfia liderada por apenas uma família” (JEAN BERTRAND, 1995 apud ROSA, 2007: pp.10-11).

¹² Tradução livre: O povo haitiano depositou suas esperanças no firme propósito de que a assistência dos Estados Unidos ia lhe permitir desenvolver as suas riquezas materiais e morais por meio de um impulso à agricultura, à indústria, à instrução pública. Eu lamento dizer que nada sério foi realizado para concretizar esta grande esperança.

Após a morte de François Duvalier em 1971, seu filho Jean-Claude Duvalier (*Baby-Doc*) assume o poder e dá continuidade ao regime ditatorial. Esse regime só veio a perder força devido à pressão da comunidade internacional que desaprovava o desrespeito pelos direitos humanos por parte dos Duvalier. Em 1986, com o apoio dos Estados Unidos, diversos setores da sociedade haitiana desencadearam uma revolta que provocou a queda do regime e obrigou Jean Claude Duvalier a deixar o país. Após quase 30 anos de ditadura, houve uma sucessão de novos governos que não conseguiram superar as dificuldades políticas e socioeconômicas da nação. Dois anos depois da queda do regime dos Duvalier, Leslie François Manigat foi eleito presidente por meio de eleições democráticas, mas permaneceu no poder por pouco tempo (TÉLÉMAQUE, 2012), sendo derrubado por um golpe de estado organizado pelas forças armadas haitianas. O general Henri Namphy recebeu a missão de fazer a transição.

Os quatro meses de governo militar de Namphy criaram uma sensação de terror no país explicada pela intimidação de líderes políticos, assassinato e perseguições. Namphy foi derrubado por um golpe de alas do próprio exército haitiano que entregaram o poder ao general Prosper Avril. Depois de 18 meses, Prosper Avril renunciou sob a pressão de ativistas políticos e sindicais apoiados por uma coalisão de 11 partidos políticos. O poder foi transferido ao comando das forças armadas do Haiti, e na sequência para a presidente Herta Pascal Trouillot, membro do Tribunal Supremo¹³.

Como visto, do general Henri Namphy à juíza Herta Pascal Trouillot, o país conheceu vários governos efêmeros que foram destituídos por golpe de estado pela oposição, e às vezes pela própria população. Em 1990, o governo da juíza Trouillot organizou as eleições seguintes, que acabou por encerrar sucessivos golpes de estado (TÉLÉMAQUE, 2012).

As eleições de dezembro 1990 abriram uma nova fase na história do Haiti. Passou-se de um regime autoritário à democracia, ao menos em sentido formal, dado que a legitimidade do exercício do poder se fundamenta em eleições, e considerando que nenhuma ditadura foi plenamente estabelecida a partir daí.

¹³ Gouvernement du general Prosper Avril: Cabinet. Disponível em: http://www.haiti-reference.com/politique/gouv_past/1986_1990/avril.php. Acesso: 07/01/15.

Mas a população se beneficiou dessa reviravolta política? Após a saída de Jean Claude Duvalier (Baby Doc), a situação nunca foi fácil. Em 1991, Jean Bertrand Aristide, antigo padre, tomou posse. Sete meses depois (setembro 1991), foi derrubado por um golpe de estado e desde então o país mergulhou em outra crise política interminável. Ele chegou novamente ao poder em 2000 e sofreu novo golpe em 2004. Como afirma Rosa (2007), o governo do presidente Aristide não trouxe mudanças significativas na política de Estado do Haiti. Manigat e Moise (2000 apud ROSA, 2007) mencionam que Aristide e seu partido político (Lavalas)¹⁴ transformaram o “macoutismo” em quimera¹⁵.

Em 1996, o presidente René Garcia Préval, amigo do antigo presidente Jean Bertrand Aristide, tomou posse e governou até 2001. Mais tarde foi reeleito em 2006. Com esse governo, muitos problemas e conflitos sociais permaneceram vivos.

Em 2004, devido à instabilidade política decorrente do golpe de estado do ex-presidente Aristide, uma operação de manutenção da paz foi enviada ao Haiti sob a ordem do conselho de segurança das Nações Unidas (CSNU). Essa missão, denominada Missão de Estabilização das Nações Unidas (MINUSTHA, na sigla em francês para *Mission des Nations Unies pour la stabilisation em Haïti*), permanece até os dias atuais no país, apesar das inúmeras críticas da população nativa, sobretudo, de intelectuais.

Em 2010, o famoso cantor Michel Joseph Martelly ganhou, no segundo turno, as eleições contra o intelectual Mirlande Manigat. Comunidades tanto nacionais quanto internacionais argumentaram contra uma provável manipulação das eleições.

Enfim, quando se considera a história do Haiti em perspectiva, observa-se que o país teve uma trajetória repleta de percalços. No século XVI, a colonização espanhola e francesa baseada na exploração da força de trabalho escrava fez da ilha uma das colônias mais prósperas do mundo em termos econômicos, a custa da liberdade e da dignidade da população escravizada. Depois, influenciado pelos ideais da revolução francesa em 1789, o Haiti emerge como o imponente precursor da independência latino-americana sob o comando de Toussaint Louverture. A partir de 1804, torna-se a primeira república negra do mundo. E sofrerá a partir daí uma reviravolta da situação. Entre 1804 e 1957, a presidência do Haiti foi ocupada por 36 mandatários sucessivos, sendo que 24 foram assassinados ou

¹⁴ Lavalas é o nome do partido político do presidente Jean Bertrand Aristide.

¹⁵ Aristide criou uma espécie de polícia política, a “Fanmi Lavalas”, cuja missão pode ser comparável àquela da milícia militar do sistema duvalierista (os *tontons macoutes*).

derrubados. Os Duvalier ascenderam ao poder sustentados pela esperança de que defenderiam a negritude e a democracia, mas com a criação da sua milícia voluntária de segurança nacional (*tontons macoutes*), esta expectativa foi frustrada. Superada a ditadura dos Duvalier, os haitianos acreditavam em uma transição verdadeira de regime, mas sucessivos governos não lograram reverter a trajetória de deterioração da situação social, política e econômica nacional. A história do país pode ser resumida em massacre, derrotas, execuções, golpes de estado, guerras civis e exílios. Este quadro vai levar vários haitianos a fugir da miséria e da situação social caótica via migração.

1.2 A emigração haitiana

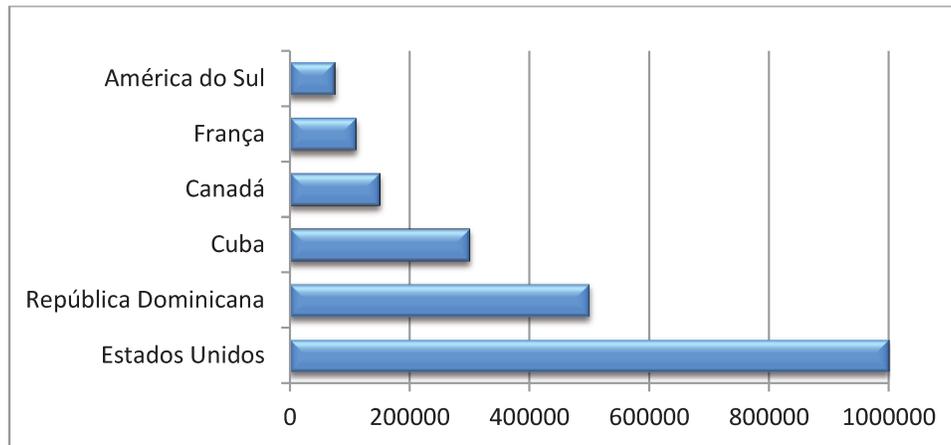
O surgimento e intensificação dos fluxos migratórios internacionais de haitianos estão diretamente relacionados com as sucessivas crises políticas e com as escassas alternativas de saída da pobreza (THOMAZ, 2013).

Os dados do *Ministère des Haitiens Vivant à l'Etranger* (MHAVE) mostram que atualmente o Haiti teria 4,5 milhões de nativos fora do país¹⁶. Com uma população estimada em 10 milhões de habitantes residindo no Haiti, pode-se observar que quase um terço dos haitianos pode estar morando no exterior. Sem dúvida, isso tem impacto na composição etária da população, dado que a população em idade ativa é mais propensa a migrar em busca de oportunidades, sobretudo os jovens e adultos jovens. As principais comunidades haitianas no exterior residem nos Estados Unidos, na República Dominicana, em Cuba, no Canadá, na França e seus departamentos ultramarinos e por fim na América do Sul (Gráfico 1) (NIETO, 2014; RADIO CANADÁ, 2014)¹⁷.

¹⁶ Ministère des Haitiens Vivant à l'Etranger (MHAVE). Disponível em: <http://www.mhave.gouv.ht/mhave.html>. Acessado em: 28/08/2014.

¹⁷ Rádio Canadá. Disponível em: <http://ici.radio-canada.ca/nouvelles/dossiers/haiti/diasporashtml>. Acessado em: 28/08/2014.

Gráfico 1
Haitianos no mundo em 2010



Fonte: NIETO, 2014, com base na Rádio Canadá, 2010.

Afirmar que a causa principal dessa migração é apenas econômica ou apenas política gera um grande debate. Na verdade, as causas são diversas, mas geralmente a motivação principal é fugir das restrições econômicas internas, além de buscar melhores condições de vida. No entanto, para alguns autores como o antropólogo Maud Laethier (COLLECTIF HAITI DE FRANCE, 2014), é muito difícil ignorar o impacto dos riscos políticos sobre a migração haitiana, pois as grandes ondas de migração são muitas vezes resultantes de crises políticas.

Do ponto de vista histórico, a princípio, a migração haitiana era um fenômeno sazonal (COLLECTIF HAITI DE FRANCE, 2014). A emigração haitiana passa a ser registrada a partir da década de 1900 e tinha Cuba como destino. Os migrantes iam trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar¹⁸. Essa população foi expulsa em 1921, e novamente em 1937 devido à queda da produção.

Em 1920, iniciou o fluxo migratório para República Dominicana, tal como em Cuba, foram trabalhar na indústria de cana-de-açúcar, constituindo-se como mão de obra barata e submetendo-se a condições de vida precárias¹⁹ (COLLECTIF HAITI DE FRANCE, 2014).

¹⁸ Afro Cuba Web. Disponível em: <http://www.afrocubaweb.com/haiticuba.htm#Cuba%20y%20Hait%C3%AD:%20A%C3%BAn%20m%C3%A1s%20pr%C3%B3ximas>. Acessado em: 28/08/2014.

¹⁹ Collectif Haiti de France (CHF). Disponível em: <http://www.collectif-haiti.fr/republique-dominicaine.php>. Acessado em: 28/08/14.

Uma nova onda migratória internacional começou depois da chegada de François Duvalier ao poder em 1957. Este movimento foi composto de refugiados políticos da classe alta, de intelectuais e estudantes que eram contrários à ditadura. Nesta fase, o fluxo migratório para Cuba se intensificou. Cuba recebeu o maior número de migrantes perseguidos pela elite haitiana e pressionados por regimes ditatoriais (COLLECTIF HAITI DE FRANCE, 2014).

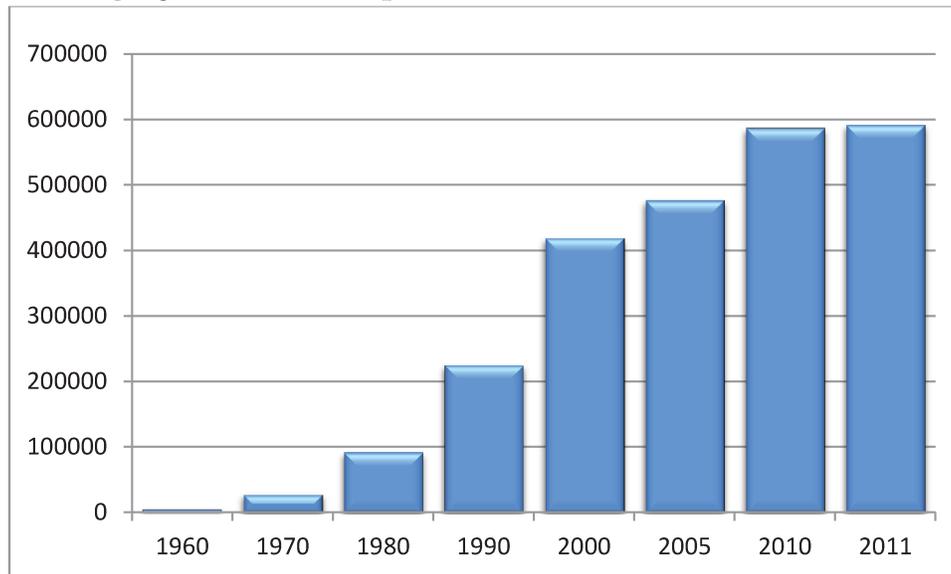
Nos anos 1960, o principal destino dos haitianos foram as Bahamas²⁰, eles trabalhavam em sua grande maioria no setor hoteleiro. Nas décadas de 1970 e 1980, os haitianos vão se espalhar por Miami, Martinica, Guadalupe e Guiana Francesa à procura de oportunidades de emprego (COLLECTIF HAITI DE FRANCE, 20014).

Após a queda do regime Duvalierista, a emigração se intensificou por conta do aumento da pobreza. As motivações para deixar o país seguiam sendo as mesmas: a falta de oportunidades, a falta de acesso à educação e ao mercado de trabalho e a crescente perda de vínculos do país com a comunidade internacional (TELEMAQUE, 2012).

Os Estados Unidos concentram a maior comunidade haitiana fora do Haiti. Os haitianos dirigiam-se preferencialmente para Nova York e Miami. Posteriormente se espalharam pela Flórida, Filadélfia, Massachusetts, New Jersey entre outros estados. Esta emigração para os Estados Unidos teve início desde o regime ditatorial dos Duvalier que dificultou muito a situação do Haiti tanto do ponto de vista econômico quanto político. A persistência dessa situação ao longo do tempo faz com que a emigração seja contínua (Gráfico 2).

²⁰ Collectif Haiti de France (CHF). Disponível em: <http://www.collectif-haiti.fr/migration-haitienne.php>. Acessado em: 29/08/2014.

Gráfico 2
Migração de haitianos para os Estados Unidos de 1960 a 2011



Fonte: CMLA e BID (2013).

Segundo Télémaque (2012) atualmente, a comunidade haitiana foi estimada em mais ou menos 1 milhão de pessoas morando em Nova York, Florida, Massachusetts e New Jersey. O total desses quatro estados representa 89% dos imigrantes haitianos nos Estados Unidos. Vale dizer que a comunidade haitiana desempenha um papel importante na vida social, cultural e econômica norte-americana, explicado pela sua participação na sociedade de destino. Concentrados em algumas regiões tais como Mattapan, Roxbury, Dorchester e Hyde Park nos anos 1960 e 1970, os haitianos começaram a se mudar para os subúrbios e mais especialmente para Lawrence, Lowell, Framingham e Worcester por conta do boom imobiliário nos Estados Unidos no final dos anos 1980 e no início de 1990 (STATISTIQUE CANADA, 2007). A comunidade haitiana organizou-se de modo que pudesse obter progresso em diferentes áreas: trabalho, educação, saúde, políticas migratórias, direitos humanos etc. Outro fator muito importante é a existência de uma mídia que transmite informações para a comunidade haitiana em três línguas (*créole*, francês e inglês). Os haitianos lograram desenvolver projetos próprios nos Estados Unidos. Muitos se inseriram na área acadêmica. Outros desempenham papel importante nos setores empresarial, de saúde e segurança, participando na vida cotidiana do país.

O Canadá é também um dos países que recebe grande número de imigrantes haitianos. De acordo com o site de *Statistique Canada* (2007), a comunidade haitiana é uma das maiores entre aquelas de origem não europeias no país²¹. Em 2001, os haitianos formavam um dos maiores grupos étnicos no Canadá (décimo lugar no ranking). Historicamente, esse fluxo começou a chegar ao país a partir dos anos 1960. Essa comunidade se concentra em Montreal e Toronto, é relativamente instruída e tem um bom desempenho no que diz respeito ao domínio de uma das línguas oficiais do território canadense, o francês. É um fluxo majoritariamente feminino (STATISTIQUE CANADA, 2007). No que diz respeito à renda, trabalho e escolaridade, muitas vezes a população migrante tem um nível de desempenho menor em relação à população total (STATISTIQUE CANADA, 2007). Em comparação com os fluxos de migrantes haitianos para outros países, esse fluxo é mais qualificado. O Canadá conta com várias celebridades de origem haitiana. A título de exemplo, podemos citar: Michaëlle Jean – apresentadora de TV, jornalista e atual secretária da “*Organisation Internationale de la Francophonie – (OIF)*” foi governadora geral do Canadá em 2005; Georges Anglade – geógrafo, político e escritor – faleceu durante o terremoto de 2010; Léonel Jules – pintor especializado em arte contemporânea, formado na Universidade de Québec em Montreal; e Windsor Klébert Laferrière (Dany) – escritor eleito membro da academia francesa de letras em dezembro de 2013.

Já a França, não parece receber um fluxo tão massivo de haitianos se comparado à América do Norte e países caribenhos próximos ao Haiti, os quais se encontram entre os principais destinos. Ao contrário do fluxo migratório canadense composto por migrantes qualificados, a maioria dos homens migrantes haitianos trabalha no setor de serviços, enquanto as mulheres são empregadas domésticas (COLLECTIF HAITI DE FRANCE, 2014).

Em Paris, a maior parte da população haitiana²² reside na região de “*Ile de France*”. Existem outras comunidades em várias grandes cidades do país, tais como: *Marseilles*, *Strasbourg*, *Bordeaux*, *Nantes*, *Toulouse* etc. Existem ainda outras comunidades mais

²¹ Statistique Canada. La communauté haitienne au Canada. Disponível em: <http://www.statcan.gc.ca/pub/89-621-x/89-621-x2007011-fra.htm>. Acessado em: 29 Agosto 2014.

²² Collectif Haiti de France: Disponível em: <http://www.collectif-haiti.fr/france-metropolitaine.php>. Acessado em 29/08/2014.

numerosas em alguns territórios franceses ultramarinos e especialmente na Guiana francesa, Martinica e Guadalupe, possivelmente devido à posição geográfica do Haiti em relação a essas terras.

Segundo os dados do Banco Mundial, como poderíamos esperar as remessas enviadas pelos migrantes haitianos vivendo no exterior representam uma parte importante do Produto Interior Bruto (PIB) nacional. As remessas legais enviadas ao país somam um valor que varia entre 1,5 e 1,8 bilhões de dólares por ano. Este montante não contempla as transferências informais que são difíceis de serem mensuradas adequadamente. As estimativas existentes são muito descontraídas, fala-se que as remessas informais poderiam corresponder a 35% ou mesmo 75%²³ das remessas legais, dependendo da metodologia utilizada no cálculo. Logo, acredita-se que as remessas informais poderiam chegar até a 1,35 bilhões de dólares. Apesar da falta de precisão nas estimativas das remessas informais, é certo que a contribuição delas é importante para economia haitiana (COLLECTIF HAITI DE FRANCE, 2014) (Tabela 2).

²³ Os dados relativos às remessas legais e transferências informais de haitianos residentes no exterior foram extraídos do site de Collectif Haiti de France. De acordo com o Collectif, as estimativas foram realizadas pelo Banco Mundial. Ainda que o intervalo de variação dos valores das transferências informais seja muito amplo (entre 35% e 75%), as remessas informais são em todo caso uma fração importante das entradas de recursos provenientes do exterior <<http://www.collectif-haiti.fr/france-metropolitainephp.php>>.

Tabela 2
Estimativa das remessas (em milhão/ US\$) enviadas ao Haiti em 2012

País	Valor em milhões de dólares
Estados Unidos	1. 088
República Dominicana	259
Canadá	131
França	71
Bahamas	29
Outros países do Norte	28
Bélgica	3
Suíça	3
Holanda	2
Antilhas Holandesas	2
Venezuela	2
Alemanha	1
México	1
Espanha	1
Suriname	1
Total	1. 621

Fonte: World Bank (2012).

A migração internacional não afeta ao mesmo tempo todas as categorias da sociedade. Ela impacta primeiramente a população residente nos grandes centros urbanos, e posteriormente se estende às populações residentes no campo (SINGER, 1976). No passado, a elite intelectual haitiana migrava para países da Europa e da América do Norte. O Brasil entra nesse sistema só recentemente. Muitas vezes, a elite intelectual consegue se adaptar mais facilmente à sociedade de destino do que migrantes de outros estratos sociais, pois os primeiros costumam migrar em condições mais favoráveis, dispondo de documentos, visto e recursos materiais e/ou informativos que facilitam a adaptação. Além disso, essa categoria, com uma melhor educação poderá alcançar mais facilmente certa inserção e estabilidade na sociedade de destino. É mais provável que ela sofra menos discriminação e abuso se comparado aos migrantes de estratos sociais mais desfavorecidos que tendem a estar vulneráveis a situações de exploração e maus tratos.

Tal como expressa a escritora Danticat (2014) no documentário “Adeus Haiti, motivações e consequências da migração dos haitianos”²⁴ produzindo no ano de 2014 e exibido pela emissora Globo News, embora a migração provoque a fuga de cérebros, ela também favorece o aumento das transferências de recursos que são um aporte importante para mitigar as necessidades mais urgentes da população. As remessas ajudam tanto o país caribenho, que a os haitianos residentes no exterior tornam-se o décimo primeiro departamento administrativo do país (RADIO CANADÁ, 2007).

Este estudo considera o fenômeno migratório a partir da teoria histórico-estrutural. Os teóricos histórico-estruturalistas propõem estudar o processo migratório analisando diversos aspectos ou elementos de um determinado sistema. Segundo essa teoria, existe uma interdependência entre os fatores que contribuem para a imigração, portanto, não podem ser estudados isoladamente (SINGER, 1976). De acordo com Germani (1974), um estudo consistente leva em conta não apenas os fatores de atração e repulsão que motivam a saída dos indivíduos da terra natal. É preciso analisar os fatores sociais, culturais e subjetivos tanto no país de destino quanto no país de origem. Neste sentido, Singer (1976) tem razão ao afirmar que a migração internacional é um fenômeno social determinado por fatores de natureza social, econômica, cultural e ambiental. Além disso, na abordagem histórico-estrutural os processos migratórios são historicamente condicionados. Isto sugere que a migração não é só uma questão de emprego. Existem outros fatores além do caráter econômico explorado pela teoria clássica da migração.

As dificuldades econômicas, os fatores sociopolíticos, históricos e ambientais estão se tornando cada vez mais preponderantes na decisão dos haitianos de migrar, uma vez que, a nação vivenciou problemas políticos desde a sua criação e foi intensamente afetada por desastres naturais na última década.

Vale registrar que existe toda uma série de debates sobre os deslocamentos que têm relação direta com o ambiente (OJIMA e NASCIMENTO, 2008). Tais estudos mostram a relevância das mudanças climáticas na decisão de migrar (OJIMA e NASCIMENTO, 2008). A população haitiana tem vivenciado catástrofes naturais e problemas políticos e sociais há séculos. Nos últimos anos, o país passou por vários desastres naturais, alguns

²⁴ DANTICAT, E. *Adeus Haiti*, motivações e consequências da migração dos haitianos. Direção de Eugenia Moreyra, Globo News, 2014. Duração do filme: 46 min e 56 seg.

mais catastróficos que outros. Em 2004, um dos dez departamentos do país foi atingido pelo furacão *Jeanne* que também provocou 5.000 mortes e afetou 300.000 pessoas (ARRAES, 2013 e HAITI PDNA, 2010). Em julho de 2005, o furacão *Emily* se abateu sobre a cidade de *Saint Marc* e em 2006, houve inundações em três departamentos do país. Em 2007, os furacões *Dean* e *Noel* atingiram 194.000 pessoas e provocaram 330 mortes. Ainda em 2008, os furacões *Hanna* e *Ike* devastaram o país e as tempestades tropicais *Fay* e *Gustav* afetaram 100.000 pessoas e provocaram 800 mortes (ARRAES, 2013 e HAITI PDNA, 2010). A cidade mais atingida foi a da independência, *Gonaives*. Em 2010, o Haiti conheceu um terremoto de 7,3 na escala Richter, este acontecimento seria a catástrofe mais mortal da sua história. Recentemente em maio de 2014, ocorreu outra tempestade que causou a morte de dezenas de pessoas.

Certamente, a questão ambiental é preocupante no Haiti e aprofunda a fragilização de um quadro socioeconômico e político historicamente complexo. Contudo, não se pode atribuir aos desastres ambientais o papel de causadores dos males que se abatem sobre o Haiti. Não se pode, por exemplo, atribuir unicamente ao terremoto de 2010 o poder de desestabilizar o país. Outros países sofrem com problemas ambientais de mesma magnitude e conseguem dar respostas que diminuem o impacto das tragédias. Para tanto, é preciso desfrutar de estabilidade política, haver políticas específicas de prevenção de desastres, desenvolver infraestrutura adequada e preparar a população para que saiba o que fazer em cada situação extrema. Terremotos, furacões e tempestades nunca são apenas catástrofes ambientais. O caráter eminentemente social está sempre presente. O Japão, por exemplo, embora enfrente problemas ambientais sérios (Tsunami, explosão, terremoto) aprendeu a lidar com a situação. Ou seja, os danos associados às catástrofes ambientais no Haiti têm a ver com o desgoverno e a falta de preparo para enfrentar essas situações. A situação socioeconômica e política do país, agravada por catástrofes naturais, faz dele o mais pobre do Caribe (COMISSÃO EUROPEIA, 2012), dependente cada vez mais de auxílio internacional, ao mesmo tempo em que incentiva a emigração internacional. Se no passado os grandes fluxos se direcionaram aos países da América do Norte e da Europa, hoje o Brasil entra em cena. Agora a grande questão, por que o Brasil? E quais as características desse processo migratório?

No contexto latino-americano, o período posterior ao terremoto de janeiro de 2010 tem ocasionado um importante fluxo haitiano. A importância deste fluxo é que ele convida vários Estados e governos da região a repensar o seu quadro político-jurídico para a migração, que em geral não contempla essa nova forma de migração associada ao desastre socioambiental combinada à vulnerabilidade política e econômica. De um lado, o Equador e o Brasil, por exemplo, têm criado políticas especiais para dar um Estatuto para os haitianos que estão nos seus territórios depois do terremoto; por outro lado, Chile e México tem acelerado o processo de reunificação familiar (LOUDOR, 2012)²⁵. Esse novo fluxo evidencia claramente a migração massiva de jovens (FERNANDES e CASTRO, 2011) explicada pelas suas insatisfações com a situação do país. Também mostra o Brasil como um novo polo de migração cada vez mais atraente na América Latina (FERNANDES e CASTRO, 2011).

²⁵ LOUIDOR, W. E. Haiti-Migration: Zoom sur la recente vague migratoire haitienne vers l'Amérique Latine. **Alter Press**. Bogota, 5 julho 2012.
Disponível em: http://www.alterpresse.org/spip.php?article13070#.VUJf0_IViko. Acesso: 29/08/ 2014.

Capítulo II

A emigração haitiana para o Brasil e transição para a vida adulta

Esse capítulo conta de maneira mais detalhadas o contexto da emigração haitiana para o Brasil. Chama-se atenção que esse fluxo é relativamente jovem e tenta-se relacionar essa migração com a transição para a vida adulta.

Desde 2010 a migração haitiana era e continua a ser um assunto de destaque nas mídias brasileira (CDHIC, 2014) e haitiana. Parte da população vê a chegada desses migrantes como um “problema”, uma “ameaça”, uma “calamidade pública”, uma “invasão” e até com extremo preconceito. Com uma reação negativa, alguns chegam a afirmar que eles difundem doenças no Brasil (CDHIC, 2014)²⁶. Na verdade, para entender o fluxo migratório recente do Haiti para o Brasil cabe refletir sobre a relação que existe entre os dois países.

O ano de 1928 marca o início das relações diplomáticas entre o Haiti e o Brasil. Até hoje não houve nenhuma interrupção total no relacionamento entre os dois países. Segundo Télémaque (2012), entre 1991-1994, período que se segue ao golpe de estado do antigo padre presidente Jean Bertrand Aristide, muitos países que tinham embaixada em Porto Príncipe fecharam as suas representações. O Brasil, embora tenha retirado o seu embaixador durante o golpe, não deixou de oferecer serviços consulares, ainda que por razões puramente comerciais. Ainda hoje, essa relação iniciada na primeira metade do século XX continua existindo, embora tenha passado por transformações e hoje a migração seja um dos principais temas do diálogo bilateral. Como está acontecendo esse novo fluxo migratório? Como se explica essa novidade?

A migração dos haitianos para o Brasil é um fenômeno dinâmico que varia com o tempo e o espaço. Em 2010 foram liberados apenas quatro (4) vistos permanentes, 709 em 2011, e 4682 em 2012 (MORAES et al, 2013). Antes de tudo, é muito importante questionar a origem dessa migração para o Brasil. Nieto (2014) a partir da sua pesquisa empírica ressalta que dois fatores podem ajudar a explicar a origem da migração haitiana

²⁶ Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante. Os haitianos são o problema ou o problema é uma falta de política migratória que respeite os imigrantes? **Jornal Conexión Migrante**. Disponível em: <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2014/04/26/os-haitianos-sao-o-problema-ou-o-problema-e-a-falta-de-uma-politica-migratoria-que-respeite-os-imigrantes/>. Acesso: 05/09/2014.

para o Brasil: (1) as bolsas de estudos oferecidas aos haitianos e (2) a presença dos militares brasileiros no Haiti. Alessi (2013) relaciona essa migração a fatores como: a copa do mundo de 2014, as olimpíadas de 2016 (vistas como grandes oportunidades de desenvolvimento e emprego em empresas multinacionais) e a proximidade do povo com os militares, que poderiam fazer do Brasil um destino atraente para os haitianos.

De fato, o Brasil se torna cada vez mais atrativo para esse povo (MORAES et al, 2013). A liderança das tropas brasileiras na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), a presença de diversas Organizações Não Governamentais (ONGs) brasileiras, a criação de projetos financiados pelo Brasil no Haiti, a sedução cultural, o crescimento econômico do Brasil, o acolhimento “amigável” dos primeiros imigrantes haitianos de um jeito diferente de alguns outros países fizeram com que o Brasil fosse visto com simpatia pela população haitiana (MORAES et al, 2013). Thomaz (2013), Fernandes e Castro (2014) defendem que no caso da migração haitiana a escolha do Brasil como destino estaria relacionada com a legislação migratória dos países desenvolvidos, pois desde antes do terremoto alguns países como os Estados Unidos e a França já impunham muitas restrições à imigração e agiam de maneira mais firme contra à imigração indocumentada. Essa decisão foi reforçada depois do terremoto. Países como os Estados Unidos e França que são profundamente conectados tanto com o passado quanto com o presente do Haiti optaram pela não aceitação dessa população que, segundo a convenção de 1951, não têm requisitos legais para ser considerada refugiada. Para evitar uma possível migração massiva, os Estados Unidos impôs um bloqueio naval ao redor das suas costas e a França recorreu a um maior controle nas fronteiras da Guiana Francesa (THOMAZ, 2013).

Para Fernandes e Castro (2014), as razões para a incorporação do Brasil no processo migratório haitiano não são muito claras, mas a presença do exército brasileiro no país pode ter contribuído para que o Brasil seja visto como terra de oportunidades. Na verdade existe uma contradição na aceitação da presença dos militares no país. De um lado, uma parte da população (pouco escolarizada) aceita e concorda com o fato dos militares brasileiros estarem ajudando o país. Portanto, para essa parte da população, os militares são bem-vindos. Por outro lado, a presença do exército não é bem vista pela população com níveis educacionais mais elevados (sobretudo pelos intelectuais). Outras razões para a escolha do

Brasil como lugar de destino seria o jogo da paz²⁷ que aconteceu no Haiti no ano de 2004, e ainda, o “convite”²⁸ explícito do governo brasileiro feito aos haitianos durante a visita do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em fevereiro de 2012 (COSTA, 2012 apud FERNANDES et al. , 2014). Durante essa visita o presidente teria verbalizado que o Brasil estaria de portas abertas para os haitianos que desejassem reconstruir suas vidas, ao menos foi desta forma que grande parte dos haitianos teria assimilado o discurso.

2.1 Presença brasileira no Haiti

Existe uma presença marcante de brasileiros no Haiti com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento do país. O Brasil mantém diversos projetos no território haitiano, dentre eles pode-se destacar: a construção de uma usina hidroelétrica na “*Rivière de l’Artibonite*”; e as atividades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), com o apoio financeiro da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) que mantém em *Kenscoff* (na parte oeste do país) uma “unidade de valorização de tecnologia” de plantação de milho, arroz, feijão e mandioca. Para um melhor gerenciamento dos recursos hídricos, o Brasil investiu também no mapeamento do país por satélite (MOARES et al, 2013). Com o apoio do Banco Mundial, o Brasil atua em outras atividades. Criou o projeto de gestão de lixo na capital Porto Príncipe a fim de melhorar os serviços de coleta de resíduos, forneceu equipamento e consultores, além de formar novos profissionais. Outro projeto é o incremento de restaurantes universitários públicos. O governo brasileiro é também responsável por um centro profissional junto ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) na capital. No ano de 2007, o Brasil assinou na Conferência Internacional para o Desenvolvimento Econômico e Social (CIDES), em parceria com o governo da Espanha, um acordo que visa a recuperação da cobertura vegetal do “*bassin Mapou*”²⁹.

A presença brasileira no país se expressa também pelo desenvolvimento de atividades esportivas em algumas escolas em projetos que visam reduzir a violência,

²⁷ “Jeu pour la paix” traduzido em português Jogo da paz: jogo de futebol que aconteceu em Porto Príncipe em agosto de 2004 entre a seleção brasileira e a seleção haitiana.

²⁸ Serviço Pastoral dos Migrantes. Haiti, um país empobrecido, destruído. **Migração e Liberdade: Migrar é direito, tráfico humano é crime.** São Paulo, 2012. Disponível <https://spmigrantes.wordpress.com/2012/02/03/haiti-um-pais-empobrecido-destruido/>. Acessado em 29/08/2014.

²⁹ Nome de um dos principais rios no Haiti.

programa que foi implementado pelo Ministério do Esporte Brasileiro com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Essa possibilidade de praticar esporte durante nas escolas permitiu a instalação de uma fábrica de bolas que gerou empregos remunerados. Do ponto de vista da Saúde, a Secretária Especial de Políticas Públicas para as Mulheres e o Ministério da Saúde do Brasil, com o auxílio do Fundo das Nações Unidas para a População, elaborou um programa de prevenção à violência de gênero no Haiti. Em 2004 o governo brasileiro criou, em parceria com o Canadá, o programa Nacional de Imunização que realizou várias campanhas de vacinação no país.

Dentre os motivos que poderiam explicar o Brasil como lugar de destino dos haitianos, a presença dos militares brasileiros no país é o elemento mais citado por especialistas, e talvez seja também o mais polêmico. Essa presença gerou muito debate, sobretudo entre os intelectuais haitianos.

Em uma entrevista realizada no jornal Folha de São Paulo, o Senador haitiano Jean Charles Moise pediu para o Brasil retirar as tropas a serviço da Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti e investir em educação e agricultura³⁰. Nessa mesma entrevista o senador afirmou: “É melhor mandar tratores para o Haiti do que tanques de guerra”. Também comentou sobre a presença dos militares brasileiros no país desde 2004 e que ao invés de melhorar, a situação só piorou. Seguy – autor da tese “A catástrofe de janeiro de 2010, a ‘Internacional Comunitária’ e a recolonização do Haiti” (2014) – para explicar a ausência de necessidade da presença do exército brasileiro no Haiti afirma que a ajuda internacional é uma grande mentira, ninguém está de fato ajudando o país, e sim o Haiti que está ajudando todo mundo (SEGUY, 2014). O autor questiona as justificativas dadas para justificar a ocupação estrangeira recorrendo à desconstrução da política da comunidade internacional. Ainda segundo Seguy (2014), a comunidade internacional faz parecer que o país estava em guerra e precisava ser pacificado e ressalta que o Haiti nunca precisou de missão de paz, pois não havia nenhuma guerra (SEGUY, 2014) e compara a situação do Haiti com as favelas do Estado do Rio de Janeiro, onde sempre houve conflitos. Para ele, esses conflitos existem e querem dizer muitas coisas, mesmo assim não dá para dizer que o

³⁰ MARQUES, J. Senador haitiano pede ajuda brasileira e retirada de tropas da ONU. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 22/05/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/05/1458414-senador-haitiano-pede-ajuda-brasileira-e-retirada-de-tropas-da-onu.shtml>. Acesso: 04/09/2014.

Brasil está em guerra. O autor vai mais além tentando explicar qual o papel do Brasil no Haiti, ao declarar:

Assim como o capital internacional se serve das zonas francas, o Brasil se serve do Haiti para ganhar projeção no cenário internacional, tentar comprovar sua capacidade para ocupar uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU e para treinar suas tropas. O Haiti serve para isso. É um campo de treinamento. Praticamente todos os soldados brasileiros que já foram para o Haiti estão, agora, sendo utilizados para controlar o Rio de Janeiro, porque a situação é muito parecida. O papel do Brasil no Haiti é de repressor dos movimentos sociais de contestação. Em 2008 houve movimentos contra o encarecimento da cesta básica e, em 2009, muitos movimentos operários pelo reajuste do salário mínimo. Qual o papel do Exército brasileiro em tais ocasiões? Repressão. O papel do Brasil é o papel policial, de reprimir qualquer movimento contra esta ordem que se está caracterizando no Haiti” (Jornal da Unicamp, 2014).

2.2 Contextos migratórios haitianos para o Brasil

Para Patarra e Fernandes (2011), a imigração de hoje é diferente daquela que ocorreu no século passado quando os europeus chegaram por causa da grande demanda de mão-de-obra na indústria e na agricultura. Essa imigração acontece em um contexto internacional muito diferente de antigamente e a participação do Brasil na missão da paz da ONU poderia ser um dos fatores que pode explicar a escolha dos haitianos pelo país (FERNANDES, 2011). Em 2011, em uma entrevista ao Instituto Humanistas Unisinos (IHU), Fernandes já havia confirmado que este fluxo não vai parar e que o Brasil tem de se preparar para enfrentar as dificuldades buscando soluções amparadas nos direitos humanos para esses migrantes (FACHIN e JUNGES, 2011)³¹. Já Silva, afirma que a razão da migração de haitianos para o Brasil em grande volume tem a ver com a história e a situação de pobreza que o país tem sofrido durante séculos. Ainda segundo o autor, outro fator que poderia ter interferido na vinda dos haitianos para o Brasil é a situação econômica atual do Brasil. Acrescentou também que certas dificuldades para migrar para outros países (aumento do controle), fazem com que os haitianos escolham como país de destino o Brasil e, sobretudo, a fronteira amazônica, onde o controle é menos rigoroso.

Conhecendo a realidade socioeconômica do Haiti, pode-se afirmar que as opiniões de Silva (2011) são quicá as mais robustas para explicar a vinda dos haitianos para o Brasil, pois para entender esse fluxo, cabe pensar primeiramente no contexto global do fenômeno

³¹ FACHIN, P; JUNGES, M. **Haitianos os novos imigrantes do Brasil**. Entrevista especial com Duval Guimelhães e Sidney da Silva. 06/08/2011. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45912-haitianos-os-novos-imigrantes-do-brasil-entrevista-especial-com-duval-magalhaes-e-sidney-da-silva>. Acesso: 05/09/2014.

que certamente tem a ver com a crise econômica que afetou os Estados Unidos e a Europa em 2008.

A crise econômica de 2008, também chamada de Grande Recessão ou ainda crise dos *subprimes*³² se iniciou no setor imobiliário. Essa crise foi marcada principalmente pela falência de grandes bancos estadunidenses (Lehman Brothers, Barclays, etc.). Sabe-se que a economia americana é construída sobre o sistema de crédito. Com o excesso de créditos e diminuição dos juros nos bancos americanos na época, os imóveis começaram a ser valorizados e a compra foi estimulada. Esta situação fez com que o desejo de aquisição de uma casa fosse cumprido³³ (SINGH, 2015). Para a realização dessas compras, os bancos ofereceram financiamentos vinculados a hipotecas. Eles até oferecem *subprimes* (empréstimos de alto custo). Em 2003, os juros caíram a 1%, menor taxa nos últimos 45 anos (SINGH, 2015). Nessa época o mercado financeiro andava muito bem. Mas em 2005, tudo começou a mudar quando as taxas de juros aumentaram a 5,25% de junho de 2006 até agosto de 2007 (SINGH, 2015). Assim, o preço dos imóveis caiu, o que debilitou a continuação de empréstimo de altos custos aos clientes. Isso desencadeou um efeito direto no sistema bancário internacional. Esse problema cresceu e chegou ao seu pior momento em setembro de 2008 quando algumas perdas alcançaram milhões de dólares. Com o propósito de evitar mais perdas, bancos com condições financeiras melhores compraram aqueles mais vulneráveis, adicionalmente, governos investiram no sistema bancário para evitar que outras instituições fossem prejudicadas.

Vários países do mundo foram atingidos para essa situação, sendo alguns mais afetados que outros. Na Europa, nem todos os países foram afetados do mesmo jeito, até porque os bancos receberam ajuda financeira dos governos da Alemanha, Reino Unido, Portugal entre outros, além dos Estados Unidos. Com essa situação, os juros dos bancos aumentaram. Isto contribuiu para um menor investimento, diminuição da capacidade econômica e estancamento do crescimento das empresas devido à falta de financiamento. Consequentemente, o número de empregos diminuiu, o consumo ficou menor. O que provavelmente tem afetado o desenvolvimento da economia até os dias atuais.

³² Empréstimos de alto risco.

³³ SINGH, M. The 2007-08 Financial Crisis In Review. In: Investopedia. Disponível em: <http://www.investopedia.com/articles/economics/09/financial-crisis-review.asp>. Acesso: 04/12/14

Pizarro, Finardi e Contrucci (2009) ressaltam que todas as regiões do mundo, de alguma maneira, foram prejudicadas pela crise financeira e econômica de 2008. Na América Latina a crise se manifesta muito mais nas trocas internacionais e se propaga em pouco tempo através de quatro aspectos: comercial, o preço dos produtos brutos, o investimento direto estrangeiro, as remessas e o turismo (KACEF e JIMENEZ apud PIZARRO, FINARDI e CONTRUCCI, 2009). Ainda segundo os autores, desde o início da crise, assiste-se uma redução dos fluxos de imigrantes em vários países, sobretudo naqueles países considerados como destinos tradicionais houve um retorno massivo dos migrantes aos seus países de origem devido à falta de emprego nos países de destino.

Como foi ilustrado anteriormente, segundo os dados do Banco Mundial de 2012, os Estados Unidos ocupam o primeiro lugar no envio de remessas para o Haiti (com 1,088 milhões de dólares). Com certeza essa crise, que afetou principalmente os Estados Unidos e alguns países da Europa, teve repercussões sobre o Haiti, embora indiretas. Essas repercussões junto a maior facilidade de entrar no Brasil pela fronteira norte poderiam ser fatores que estimulam a migração haitiana para o Brasil.

No entanto, vale ressaltar que a migração haitiana não se dá apenas neste contexto, pois, antes deste fluxo já existiam outros motivados pela busca de educação superior pública. De acordo com Fernandes e Castro (2014), a migração haitiana para o Brasil é um processo que teve início depois do terremoto de 2010 e vem aumentando gradualmente. Em contraponto, outros estudos de Nieto (2011) e de Télémaque (2012) mostram que o fluxo migratório haitiano para o Brasil não é algo novo, é um fenômeno muito complexo. Anterior a este movimento, já existia um fluxo composto de jovens estudantes participantes de intercâmbios ou pós-graduandos contemplados com bolsas de estudos dos ministérios da educação e das relações exteriores do Brasil – Convênios PEC-G e PEC-PG. Estes convênios foram estabelecidos não apenas com o Haiti, mas também com outros países em desenvolvimento, sobretudo com aqueles da África e da América Latina, no âmbito da política de cooperação Sul-Sul.

O convênio de Graduação PEC-G foi criado oficialmente em 1965 e tem o objetivo de favorecer estudantes nativos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil

mantém acordos culturais, educacionais e científicos³⁴. Recentemente em 2011 foram admitidos 89 alunos no programa emergencial Pró-Haiti. Aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) com a colaboração da Secretaria de Educação Superior (SEsu) do Ministério de Educação (MEC) e do Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil, o objetivo do programa é contribuir para a reconstrução do Haiti dando ênfase à formação de recursos humanos e à reconstrução das instituições de ensino superior haitianas. Esse programa foi desenvolvido por meio de cooperação bilateral em educação superior. No início, deveria prever a vinda de estudantes, técnicos e professores haitianos para o Brasil, bem como a ida ao Haiti de quadros técnicos, profissionais e acadêmicos brasileiros em distintas fases da sua formação. Contudo, isto não foi possível por conta de falta de recurso (NASCIMENTO e THOMAZ, 2010). Os estudantes selecionados para o programa de bolsas se beneficiam de toda uma série de acompanhamentos e apoio ao chegar ao Brasil. Esses alunos foram acolhidos por quatro universidades públicas brasileiras – a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e as universidades federais de Santa Catarina (UFSC), de São Carlos (UFScar), e do Rio Grande do Sul (UFRGS). O programa se mantém ativo até o presente momento (2015).

Através destes acordos educacionais, podemos assumir que existiam certas relações entre os países. Mas na verdade existem diferenciais importantes entre esses dois fluxos (fluxos estudantis haitianos e fluxo de haitianos atual). O fluxo estudantil não é tão expressivo quanto o fluxo atual. Aqueles que vêm pelo programa entram no Brasil com permissão exclusivamente para estudar e participam de um processo seletivo competitivo – podendo-se afirmar que é um grupo a princípio com uma permanência temporária pré-fixada no início do processo. Ao menos do ponto de vista formal, eles não devem competir com os nativos no mercado de trabalho. Eles não despertam tanta atenção por ser um fluxo controlado e seletivo. O que causa polêmica, e é também o objeto de estudo desta pesquisa, é o grande volume de jovens haitianos que vieram para o Brasil, após uma longa viagem, sem visto, sem recursos e sem trabalho, que tem um futuro cheio de incerteza, em busca de melhores condições de vida e que estão esperando a ajuda do governo brasileiro.

³⁴ Programa Estudante-convênio de Graduação. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PECG.php#tab1>. Acessado em: 04/09/2014.

2.3 Recente fluxo migratório haitiano para o Brasil

Depois do terremoto que ocorreu em 2010 no Haiti, a história migratória brasileira passou a contar com um novo fluxo haitiano. Este último fluxo gera tensões intensas tanto do ponto de vista nacional quanto internacional.

De acordo com Fernandes e Castro (2014)³⁵ trabalhar e estudar, buscar novas oportunidades, preocupação de ajudar a família, a perda de tudo (por causa do terremoto), violência, falta de segurança e também o “convite” do Brasil são os principais motivos dos haitianos para migrar para o Brasil. No que diz respeito ao trabalho, eles se queixam que o salário pago é baixo. Eles não têm um trabalho fixo, ou seja, a finalidade é trabalhar não importa em qual atividade. Aqueles que têm qualificação não encontram trabalhos condizentes com suas habilitações. A falta de domínio da língua portuguesa representa uma barreira, sobretudo entre as mulheres, pois não falar português dificulta encontrar trabalho. Também existe uma forte intermediação da rede social, seja de parentes ou amigos, na busca pelo trabalho. Nesse sentido houve algumas demandas ao governo brasileiro, dentre as quais figuram: auxílio para obter documentos com maior agilidade, a redução do valor do visto, ajuda para conseguir trabalho, encontrar moradia e reduzir os custos das remessas. Eles acreditam que o Brasil “os convidou” para vir para o país e não está pronto para receber estrangeiros. Eles reclamam também sobre a necessidade de maior diálogo entre os dois países (FERNANDES e CASTRO, 2014).

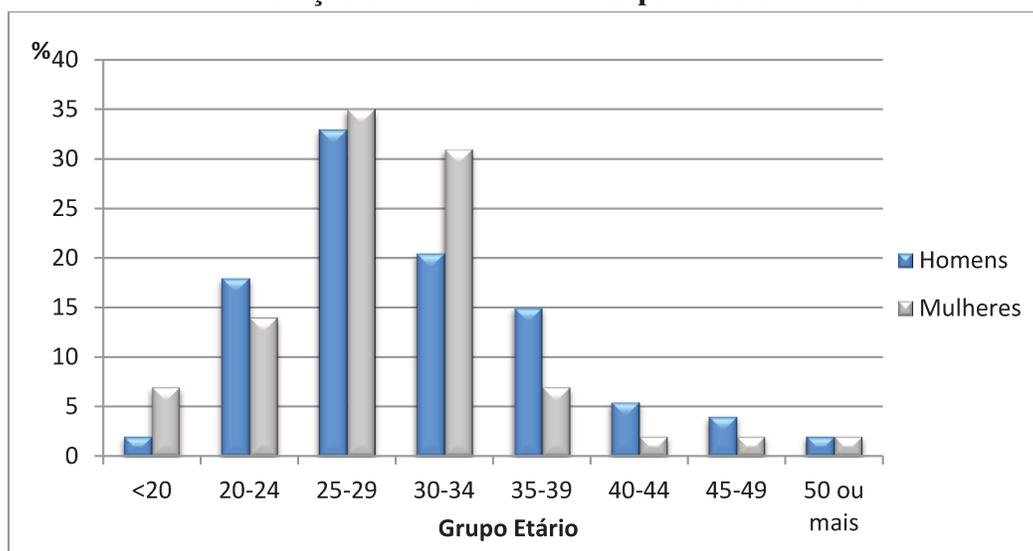
Quanto aos empresários, (construção civil, limpeza) eles têm um discurso positivo sobre os haitianos, pois segundo eles, faltam pouco ao trabalho, não têm envolvimento com roubos e furtos, mantêm boas relações sociais e respeitam a hierarquia. Por outro lado, eles criticam a “moleza” na realização dos trabalhos e que de fato eles têm um ritmo muito diferente dos brasileiros (FERNANDES e CASTRO, 2014). Entretanto, os haitianos estão sempre buscando melhores oportunidades de trabalho com salários mais elevados, fazendo com que haja uma troca constante de emprego (CONTINGUIBA e PIMENTAL, 2012).

Fernandes e Castro (2014) entrevistaram 340 haitianos em seis cidades brasileiras (Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Curitiba, Porto Velho e São Paulo). A pesquisa revela

³⁵ FERNANDES e CASTRO (2014). Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A7C816A45B266980145DCAB8EF42233> Acessado: 03/09/14.

que esses migrantes, em sua maioria, são de sexo masculino, têm entre 20 e 35 anos (gráfico 3), possuem nível médio de escolaridade, alguns possuem qualificação de nível técnico e outros ainda possuem curso superior completo ou incompleto (tabela 3) (FACHIN e JUNGES, 2011) ³⁶.

Gráfico 3
Distribuição etária dos haitianos por sexo em 2013



Fonte: Pesquisa realizada por Fernandes e Castro (2014).

Tabela 3
Grau de instrução dos haitianos entrevistados por sexo em 2013

Grau de instrução	Sexo			
	Homens		Mulheres	
	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%
Ensino fundamental incompleto	16	5,8	5	7,7
Ensino fundamental completo	56	20,4	10	15,4
Segundo grau incompleto	50	18,2	13	20
Segundo grau completo	65	23,6	20	30,8
Superior incompleto	22	8	4	6,2
Superior completo	29	10,5	4	6,2
Não responderam	37	13,5	9	13,8
Total	275	100	65	100

Fonte: Fernandes e Castro (2014).

³⁶FACHIN, P; JUNGES, M. **Haitianos os novos imigrantes do Brasil**. Entrevista especial com Duval Guimalhães e Sidney da Silva. 06/08/2011. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45912-haitianos-os-novos-imigrantes-do-brasil-entrevista-especial-com-duval-magalhaes-e-sidney-da-silva>. Acesso: 05/09/2014.

A chegada desse fluxo levanta uma série de discussões entre grupos de interesse da sociedade tais como: estudiosos, políticos, governos estadual e federal etc. Algumas perguntas surgiram da preocupação de saber se esse fluxo recente de haitianos é um problema em si, ou se o problema está na falta de políticas públicas para imigrantes. Neste contexto, no final do mês de maio e no início de junho de 2014 os responsáveis políticos e a sociedade civil brasileira organizaram a primeira Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio (COMIGRAR) realizada em São Paulo. Pela primeira vez na história do Brasil, imigrantes foram atores principais no debate sobre política nacional de imigração³⁷. Nesse sentido, essa conferência é um acontecimento muito importante na história migratória brasileira. Durante a cerimônia de abertura dessa conferência, o secretário nacional de Justiça, Paulo Abrão, afirmou:

É a primeira vez que os migrantes do Brasil inteiro e as pessoas que trabalham com migração e refúgio se reúnem em um mesmo momento para debater o futuro, planejar e construir projetos conjuntamente. É a primeira vez que as políticas públicas nacionais em matéria de migração e refúgio serão construídas com participação popular. Esse é o novo e importante passo inserido em um ambiente de mudanças profundas que o Brasil vive. Nós voltamos a ser um país de imigração. Nós sempre tivemos mais estrangeiros vindos morar no Brasil do que brasileiro indo morar em outros países do mundo. Essa realidade só foi afetada em um determinado momento da nossa história que foi durante a ditadura militar. O ministro da justiça José Eduardo Cardoso colocou a temática da migração entre as suas prioridades de gestão do Ministério de Justiça e nos autorizou a convocar e organizar esta conferência. Nos últimos três meses, foram tomadas medidas pelo governo da presidenta Dilma Rousseff. Nós promovemos, sob a liderança do ministro Cardoso, uma ampla reforma no departamento dos estrangeiros do Ministério de Justiça que deixou de ser um mera espaço cartorial, de procedimentos burocráticos e passou a ser um órgão ativo de construção de políticas e direitos dos migrantes. Nós instituímos um comitê de acompanhamento da sociedade civil para orientar e supervisionar os trabalhos por meio do devido controle social do nosso departamento de estrangeiros. O ministro instituiu uma comissão de especialistas notórios conhecedores da temática migratória para redigir um novo projeto de lei sobre migrações para superar o defasado e autoritário estatuto de estrangeiros ainda vigente. Nós temos construídos, nestes últimos três anos, uma política humanitária especificamente voltada aos migrantes haitianos contra a tentação conservadora de fechamento de fronteiras e de deportação em massa (...) (Trecho do discurso de abertura da COMIGRAR, 2014)³⁸

Para BRITO (2014), as propostas desse evento devem contribuir para a elaboração de políticas públicas para a integração dos imigrantes na sociedade brasileira. Esse evento é

³⁷BRITO, G (2014). **Pela primeira vez, imigrantes protagonizam debates sobre política nacional**. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/05/pela-primeira-vez-imigrantes-protagonizam-debate-sobre-politica-nacional-de-imigracao-1494.html>. Acessado em: 03/09/2014.

³⁸COMIGRAR. **Conferência realidade migratória no Brasil**. Vídeo. Produção: TVNBR, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZRrelkcpJ2k>. Acesso: 03/09/2014.

considerado um marco na formatação da política nacional de imigrantes por dar visibilidade à questão e voz às pessoas que escolhem ou precisam recorrer ao Brasil para viver.

De fato, a chegada dos haitianos nos Estados do Acre e Amazonas faz com que esteja ocorrendo um fenômeno novo no Brasil: a ascensão da imigração internacional (FACHIN e JUNGES, 2011). Ao olhar os fluxos migratórios estudantis e esse novo fluxo, chegamos à constatação de que esses fluxos não são homogêneos. São dois fluxos muito diferentes. Geralmente, os estudantes vêm em busca de oportunidades de estudos, a vinda deles é em alguma medida mais fácil, pois eles contam com respaldo institucional e recebem bolsas de estudos.

Para chegar ao Brasil o principal acesso utilizado pela maioria dos estudantes e migrantes com visto é a conexão aérea Porto Príncipe-Panamá e Panamá-São Paulo. Talvez esses haitianos que vieram para estudar tenham menos dificuldades para se integrar na sociedade de destino. Diferentemente dessa categoria de jovens que vieram para estudar, para aqueles que vieram pela fronteira terrestre, as oportunidades não são tão acessíveis. Após o terremoto que devastou o Haiti, sobreviventes da tragédia começaram a migrar para o Brasil. Muitos chegam por rotas favoráveis à entrada de migrantes sem visto. Esta situação pode se tornar preocupante tendo em vista que o governo brasileiro não tem controle sobre a entrada desses migrantes.

De acordo com Télémaque (2012), depois de uma longa viagem de Porto-Príncipe para a República Dominicana, Panamá e Equador, os haitianos vão para a Colômbia e Peru. A entrada deles no Brasil costuma ocorrer através da fronteira com estes dois últimos países. Eles passaram pelo menos três meses viajando pela América antes de conseguir entrar pela fronteira Norte do Brasil (FERNANDES e CASTRO, 2014). Tal rota foi consolidada por conta da dificuldade e da demora na obtenção de visto na embaixada do Brasil no Haiti. Essa situação gera tensão para os haitianos que precisam conseguir trabalho e enviar recursos para os familiares (SILVA, 2014). O mapa a seguir pode auxiliar na compreensão da rota utilizada.

Figura 2
Principais rotas migratórias de haitianos para o Brasil



Fonte: Fernandes e Castro (2014).

Depois desta longa viagem, eles demoram a obter um visto, apesar do apoio da igreja católica, da sociedade civil e da prefeitura. Embora seja um fluxo heterogêneo (mulheres, homens, crianças, universitários, alunos de ensino médio, trabalhadores, educadores etc.), cabe ressaltar que existe uma predominância de jovens. De 2010 a 2013 constata-se um grande aumento deste fluxo. Este aumento do número de migrantes fez com que a presença dos haitianos fosse vista com alguma desconfiança por certa parcela da sociedade (FERNANDES e CASTRO, 2014).

2.4 Os jovens haitianos no Brasil: refugiados, migrantes econômicos ou “invasores”?

Os haitianos que vieram para o Brasil são considerados como refugiados por boa parte da população e, sobretudo pela mídia. Por refugiado, entende-se aquele migrante internacional que é forçado a cruzar fronteiras de seu país de origem em busca de proteção contra a violência, conflitos, perseguições políticas e violações de direitos humanos (BAENINGER e MOREIRA, 2014; MOREIRA, 2012). Neste sentido, pode-se dizer que o conceito de refugiado não condiz com o perfil do migrante haitiano no Brasil, tendo em vista que os fatores relacionados à motivação destes migrantes são mais associados à busca por melhores condições de vida. A definição mais condizente com a realidade seria a de migrantes econômicos, pois se entende como aqueles indivíduos que deixam o país de origem à procura de emprego e de melhores condições de vida em outros países (MESSINA; LAHAV, 2005; CASELLA, 2001; CASTLES, MILLER, 2003 apud MOREIRA, 2012). Cabe ressaltar que existe um grande debate sobre essa denominação (migrantes econômicos), pois é impossível estudar a migração considerando apenas sua dimensão econômica.

A situação de confundimento entre o perfil desses migrantes (refugiados e econômicos) justifica-se pela forma como alguns haitianos entram no Brasil. Para cruzar as fronteiras, parte dos haitianos solicita primeiramente refúgio recorrendo ao direito internacional dos refugiados e à legislação brasileira. Segundo as leis brasileiras, os indivíduos que chegam ao país procurando melhores oportunidades no mercado de trabalho não podem receber imediatamente documentos de identificação nacional e menos ainda a inserção no mercado do trabalho de maneira regular. Por isso, o Ministério do Trabalho e

Emprego (MTE) redigiu um caderno de procedimentos que regula a autorização de trabalho ao estrangeiro. Nesse caderno, que podemos chamar também de Guia³⁹, são descritos os passos que estrangeiros que desejam trabalhar no Brasil devem seguir segundo o seu status de refugiado ou migrante comum. Os procedimentos são burocráticos, mas de acordo com o artigo 21 da lei 94741, ao solicitar refúgio, o indivíduo tem direito a uma autorização de residência provisória e também uma carteira de trabalho provisória, emitida regularmente no país (ARRUDA, 2013). Neste sentido, a solicitação de refúgio representa uma alternativa utilizada por vários haitianos para assegurar uma situação regular no Brasil, ainda que de maneira transitória e sem garantia de residência permanente (ARRUDA, 2013).

De acordo com os dados do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) e o Ministério da Justiça (MJ), até o mês de abril de 2012 houve mais de 5.200 solicitações formais de refúgio (MILESI, 2012). Os agentes públicos tiveram muita dificuldade de lidar com tantos imigrantes. Apesar da realização de várias reuniões entre agentes públicos das esferas de poder estadual, federal e municipal, com o objetivo de procurar uma solução, não se alcançou consenso.

Ao chegar à fronteira norte do Brasil, os haitianos se deparam com as autoridades policiais que não têm competências jurídicas para regularizar sua situação. Diante disso, os pedidos são encaminhados ao Comitê Nacional dos Refugiados em Brasília, órgão vinculado ao Ministério da Justiça e que tem competência para resolver a questão de refúgio no Brasil. O CONARE percebeu que os motivos (deslocamento por desastre natural, econômico e social) apresentados pelos haitianos não se enquadravam nas hipóteses de perseguição elencadas pelo direito internacional, e nem pela lei brasileira (MOARES et al, 2013). No mês de junho de 2011, o CONARE declarou oficialmente a impossibilidade de receber os haitianos como refugiados, pois de acordo com a convenção de 1951, o protocolo de 1967 das Nações Unidas sobre o Estatuto de Refugiado e a lei 9.474⁴⁰, os haitianos não se enquadrariam nos requisitos que caracterizam a condição de

³⁹ Ministério do Trabalho e Emprego. **Guia de procedimentos: Autorização de Trabalho a Estrangeiro**. Julho de 2013. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3F9B201201403B60B0A25FB5/Novo%20Guia11%20-%20Julho%202013%20-%20atualizado%20RN%20104%20-%20Final.pdf>. Acesso: 04/09/2014.

⁴⁰ De acordo com essa lei (Lei n. 9. 474, de 22 de julho de 1997): “Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que: I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião,

Refugiado (LEÃO, 2011 apud ARRUDA, 2013). A questão foi direcionada ao Comitê Nacional de Imigração (CNIg) que tem a função de resolver casos omissos, tal como mencionado na Resolução Recomendada nº 8, de dezembro de 2006⁴¹.

Ressalta-se que os haitianos que chegam pela fronteira norte do Brasil foram acolhidos levando-se em conta a Resolução Normativa nº 27, dedicada a “situações especiais”. Ela já havia sido fixada antes do início deste novo fluxo migratório para o Brasil. Segundo o artigo primeiro dessa Resolução, são “considerados como situações especiais” os indivíduos que possuem motivos que lhes permitem a obtenção de um visto ou permanência por razões humanitárias, embora não se enquadrem em nenhuma das Resoluções do CONARE.

Na tentativa de dar uma solução provisória ao problema das solicitações de refúgio, foi publicado em 2012, a Resolução Normativa nº 97. Essa Resolução reconhece que ao nativo do Haiti poderá ser concedido o visto permanente por razões humanitárias. Esse visto humanitário permite aos haitianos terem certa regularização no país e reconhece o agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido no país (CNIg, 2012). Ele é oferecido aos haitianos em reconhecimento à situação alarmante do seu país, mas não lhes concede o status de refugiado. A aprovação sobre este visto foi publicada no Diário Oficial da União de 13 de janeiro de 2012. É um tipo de visto novo e especial para haitianos, pois não havia caso semelhante de imigração proveniente de outros países (MORAES et al, 2013). O visto garante o prazo de 5 anos para os haitianos resolverem a situação de emprego e residência no Brasil. Eles podem, por exemplo, ter direito a um documento de identificação e à carteira de trabalho.

nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9474.htm. Acesso: 03/09/2014.

⁴¹ De acordo com o artigo primeiro da Resolução Recomendada nº08 de 2006: “Recomendar ao Comitê Nacional para os Refugiados - CONARE, Órgão vinculado ao Ministério da Justiça, o encaminhamento ao Conselho Nacional de Imigração - CNIg dos pedidos de refúgio que não sejam passíveis de concessão, mas que, a critério do CONARE, possam os estrangeiros permanecer no país por razões humanitárias”. Como parágrafo único dessa resolução: “A situação de estado no país dos estrangeiros, cujos pedidos sejam encaminhados pelo CONARE ao CNIg, será examinada ao amparo da Resolução Normativa nº 27, de 25 de novembro de 1998, que dispõe sobre situações especiais e casos omissos”. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/legislacao/resolucao-recomendada-n-08-de-19-12-2006.htm>. Acessado em 30/04/15.

Se por um lado o visto humanitário garante algumas vantagens para permanência de haitianos no Brasil, por outro, oferecer um visto humanitário aos haitianos é uma situação de violação de direitos fundamentais (alimentação, educação, moradia e saúde) que deveriam estar assegurados se fossem enquadrados como refugiados (SILVA, 2014). Tudo é uma questão de política, pois reconhecer os haitianos como refugiados aumentaria a responsabilidade do governo brasileiro em relação aos haitianos (SILVA, 2014).

De acordo com Arruda (2013), o fato de dar um visto humanitário aos haitianos significa o reconhecimento da situação precária destes migrantes no país, mesmo que não haja possibilidade de recebê-los como refugiados. Ignorá-los seria fechar os olhos para uma situação evidentemente muito grave e emergencial.

Como foi dito anteriormente, os primeiros imigrantes haitianos permaneceram no Brasil respaldados pela Resolução Normativa nº 27, de 25 de novembro de 1998⁴² que prevê a avaliação de situações especiais e casos omissos pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg). Assim, muitos estrangeiros⁴³ chegaram ao território brasileiro sem visto (JORNAL TERRA, 2014)⁴⁴. Essa situação de migrantes sem visto, de certo modo, foi resolvida com a Resolução 97 elaborada pelo CNIg. De acordo com essa Resolução, o nativo do Haiti que faz uma solicitação de visto tem direito a um visto permanente por razões humanitárias pelo prazo de cinco anos. Esses vistos podem ser retirados na embaixada do Brasil no Haiti em Porto Príncipe e são restritos a 1.200 concessões por ano sem prever nenhuma necessidade de contrato de trabalho estabelecido no Brasil. Esse cálculo foi feito de acordo com uma média de 100 (cem) concessões por mês⁴⁵. O presidente do CONARE Luiz Paulo Barreto explicou que quando se concede visto a um cidadão com condições de trabalho, há a necessidade de pensar a possibilidade de abertura para a vinda de toda a família o que, provavelmente aumentaria o número previsto para

⁴² Ministério do Trabalho e do Emprego- MTE. Disponível em:

<http://portal.mte.gov.br/legislacao/resolucao-normativa-n-27-de-25-11-1998.htm>. Acesso: 03/09/2014.

⁴³ Além da presença dos haitianos, outros grupos importantes são provenientes da África (Senegal, Nigéria) e de República Dominicana.

⁴⁴ TERRA. Isolamento do Acre deixa haitianos e senegaleses retidos em abrigo na fronteira. **Jornal Terra**. 01/03/2014. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/blogdaamazonia/blog/2014/02/28/isolamento-do-acre-deixa-mais-de-1300-haitianos-e-senegaleses-retidos-em-abrigo-na-fronteira/>. Acesso: 02/12/2014.

⁴⁵ Conselho Nacional de Imigração. Resolução Normativa número 97, de janeiro de 2012. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A350AC8820135687F345B412D/RESOLU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20N%C2%BA%2097.pdf>. Acessado em: 05/05/2015.

1.200 famílias por ano. No entanto, o ministro das Relações Exteriores Antônio Patriota afirmou que a quantidade de vistos foi determinada a partir do número de vistos concedidos nos anos anteriores e argumentou que esse número (1.200 por ano) seria suficiente. Contudo, a realidade atual é muito diferente do passado.

De acordo com o Conselho Nacional de Imigração, as autoridades brasileiras objetivavam:

(...) controlar a atuação dos coioetes na fronteira norte brasileira; a abertura de um canal para a concessão de vistos de forma mais simples; a regularização da situação migratória dos cerca de quatro mil haitianos que já se encontram em território brasileiro; e o envio de auxílio material para alojamento, alimentação e cuidados de saúde para esses imigrantes nos estados do Acre e do Amazonas (CNIg, 2012 apud FERNANDES e CASTRO, 2014).

Mas ao avaliar a aplicação da Resolução Normativa número 97, as autoridades brasileiras não alcançaram o efeito esperado, pois houve ampliação da atuação dos coioetes e do tráfico de imigrantes (FERNANDES e CASTRO, 2014). Conseqüentemente, eles criaram novas rotas via outros países da região. Por conta disso, não houve nenhuma redução do fluxo de imigrantes haitianos na fronteira norte e o número de vistos emitidos pelo consulado não responde à grande demanda. No final do ano de 2012, ano em que a Resolução 97 foi publicada, a situação no abrigo em Brasília (centro para acolher os imigrantes) era de superlotação, e seguiam-se formando filas gigantescas na frente da embaixada do Brasil em Porto Príncipe para a obtenção de visto.

Para tentar resolver a situação no Haiti e no Brasil, o governo brasileiro decidiu por meio da Resolução Normativa número 102 cancelar a limitação de visto em abril de 2013 e permitir também concessão de visto em alguns países de trânsito como Peru, Equador, Bolívia e República Dominicana. É importante ressaltar que, antes de 2010, quatro dos países da América (Argentina, Chile, Peru e Equador) não exigiam visto para os nativos do Haiti no caso de viagem de turismo. O Peru passou a exigir visto para os haitianos só em 2012, e no Equador houve, em 2013, uma tentativa de restringir a entrada deles, mas a medida não foi implementada. Apesar das facilidades de entrada nesses países da região, eles se constituíram como etapas migratórias no percurso dos haitianos para o Brasil (FERNANDES e CASTRO, 2014). O objetivo parece mesmo ser chegar ao território brasileiro.

Anselmo Henrique Cordeiro Lopes, procurador da República do Brasil, reforça a afirmação de Arruda (2013) ao mencionar a falta de reconhecimento da condição de refugiado aos haitianos como violação de direitos humanos. Para ele, tal situação coloca esses migrantes em situação de extrema vulnerabilidade, expondo-os a riscos, tais como: prostituição, trabalho escravo, tráfico de pessoas, extorsões e outros. Explicou também que o governo brasileiro atuou de maneira contrária aos direitos humanos desses imigrantes, primeiramente porque deixou de prestar-lhes assistência humanitária suficiente, e segundo ao dificultar a entrada no território brasileiro (MOARES et al, 2013).

O Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM)⁴⁶ publicou em seu site em novembro de 2014, uma reportagem apresentando a importância e a necessidade de uma ação do governo brasileiro contra o tráfico de pessoas. Mas criticou o fato de o Brasil não deixar claro quais são os critérios de concessão de visto e desconsiderar que a restrição à imigração implica a intensificação da migração sem visto, da violação de direitos humanos e a abertura para a migração seletiva que prioriza profissionais qualificados. Esta postura é contraditória à luz dos compromissos assumidos. Apesar das medidas tomadas pelo governo e o apoio da sociedade civil – de maneira especial por meio da atuação da igreja católica – existe uma falta de instrumentos legais e de uma política migratória adequada (FERNANDES e CASTRO, 2014). O que nos faz pensar sobre o questionamento feito pelo Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante (CDHIC): Os haitianos são o problema ou o problema é a falta de uma política migratória que respeite os imigrantes?

Enquanto existe grande divergência dos motivos da escolha do Brasil como destino para os haitianos, o que é claro é que apesar das Resoluções Normativas e tentativas do governo brasileiro de acolher os migrantes haitianos, não existe uma estrutura física dos órgãos governamentais para essa acolhida. Após terem se submetido a sofrimentos de todos os tipos (viagem longa e perigosa, pressão dos policiais na fronteira peruana, insegurança) e à angústia durante o deslocamento do Haiti ao Brasil, os haitianos ainda tem que enfrentar as normas burocráticas brasileiras para a obtenção de documentação e para ter reconhecido seu direito a uma vida digna (ALESSI, 2013; FERNANDES e CASTRO, 2014).

⁴⁶ PASTORAL DO MIGRANTE. Haiti, um país empobrecido, destruído. 03/02/2012. Disponível em: <https://spmigrantes.wordpress.com/2012/02/03/haiti-um-pais-empobrecido-destruido/> Acessado em: 28/11/2014.

Parte da mídia brasileira, refletindo a visão de determinados setores conservadores da sociedade, expressa uma concepção enviesada e negativa dos imigrantes haitianos. Esses últimos muitas vezes são tratados como invasores. “As manchetes de grandes jornais nacionais brasileiros estampam desinformação, racismo e criminalizam os imigrantes” (CDHCI, 2014)⁴⁷. Diante deste cenário e com o objetivo de chamar atenção para a necessidade de controlar a propagação destas visões negativas e discriminatórias, Neto (2014) e outros pesquisadores escreveram uma carta que foi publicada pelo Observatório da Imprensa⁴⁸. Essa carta explica a necessidade de evitar essa terminologia, pois isso denota hostilidade e favorece visões compartilhadas por pessoas que praticam atos de banditismo contra esses imigrantes.

Tião Viana, governador do estado do Acre, solicitou o fechamento da fronteira para um melhor controle do fluxo migratório haitiano. Após o fechamento do abrigo em Brasiléia no Acre, vários haitianos se dirigiram ao Estado de São Paulo. Esse deslocamento de Brasiléia para São Paulo gera tensões intensas tanto entre as autoridades dos Estados do Acre e São Paulo quanto na sociedade civil. Na mídia, alguns noticiários chegaram a afirmar que o governo do Acre enviou os haitianos para São Paulo. O governo do Acre assumiu isso, mas o problema é a falta de coordenação e comunicação entre os Estados. Tal situação provoca ruídos entre responsáveis estaduais, federais e municipais. Ao chegar a São Paulo, o espaço de acolhimento dos haitianos é a casa do migrante, mantida pela paróquia Nossa Senhora da Paz e abrigos construídos pela prefeitura de São Paulo no Glicério, área tradicional da migração na cidade de São Paulo, onde esses imigrantes continuam a viver em situação caótica (falta de higiene, comida, liberdade etc.).

Como sabemos, nesse fluxo migratório recente de haitianos para o Brasil, há predominância de jovens. Além disso, a presença masculina é maior do que a feminina (tabela 4). Ao conhecer a situação do Haiti, talvez isso se justifique devido a certa seletividade migratória, ou de fato a escolha do lugar de destino entre homens e mulheres seja diferente.

⁴⁷ Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante. Os haitianos são o problema? Ou o problema é a falta de uma política migratória que respeite os migrantes? **Jornal Conexión Migrante**. 25/04/2014. Disponível em: <http://www.cdhic.org.br/?p=1936>. Acessado em: 03/09/2014.

⁴⁸ NETO, H. P. Sobre o uso irresponsável de um termo. Observatório da Imprensa. 21/01/2014. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed782_sobre_o_uso_irresponsavel_de_um_termo. Acessado em: 28/11/14.

Tabela 4
Número de vistos concedidos aos haitianos – 2011/2012

Ano	Homens	Mulheres	Total
2011	597	123	720
2012	4017	843	4860

Fonte: Relatório de projeto: MJ e CNIg apud Fernandes e Castro (2014).

Com base na constatação da predominância jovem entre os haitianos que se dirigem ao Brasil, em que sentido essa migração pode ser considerada um evento a mais na transição para a vida adulta?

2.5 A migração internacional como *turning point* na trajetória juvenil: um evento a mais a marcar a transição para a vida adulta?

A transição para a vida adulta não é um campo de estudo exclusivo da Demografia (VIEIRA, 2009). Outros pesquisadores das Ciências Sociais como sociólogos, antropólogos, psicólogos, juristas, pedagogos entre outros têm grande interesse pelo tema. Do ponto de vista demográfico, “a transição para a vida adulta é um processo de assunção a novas posições, responsabilidades e papéis sociais próprios da condição de adulto” (VIEIRA, 2009, p.1).

Os estudos sobre a transição para vida adulta têm sido desenvolvidos desde a década de 1970 nos Estados Unidos e posteriormente na Europa. Na Europa, os estudos sobre juventude se centralizaram especialmente sobre a crise do mercado de trabalho. Aos poucos vão aparecer duas perspectivas de estudo: uma mais restrita que é a passagem da escola para o trabalho e a segunda mais ampla que seria o estudo de todo o processo de emancipação dos jovens (VIEIRA, 2009). Pesquisadores que seguem essa abordagem investigam sobre trajetória escolar e laboral, emergências de novo estilo de vida, as várias formas de entrada na vida adulta, os arranjos domiciliares e a composição familiar dos jovens.

Só recentemente estes estudos começaram a ser abordados no Brasil e em outros países em desenvolvimento (CAMARANO et al, 2003; ARRUDA, 2004; OLIVEIRA, 2005; CAMARANO, MELLO e KANSO, 2006; NASCIMENTO, 2008; VIEIRA, 2009). Ao longo da presente pesquisa não foi identificado nenhum trabalho específico sobre transição para a vida adulta contemplando o caso haitiano. A exceção é o trabalho de

Heckert (2010)⁴⁹ que trata da transição para a vida adulta entre migrantes haitianos residentes nos Estados Unidos.

Depois de uma primeira fase de pesquisas sociológicas sobre a juventude consagrada ao conflito entre gerações e às culturas juvenis entre 1940 e a primeira metade dos anos 1970, a questão da transição para a idade adulta adquiriu posteriormente um lugar de destaque (CICCHELI e MERICO, 2001; MERICO, 2002, 2004). A maioria dos estudos dedicados a este fenômeno seguiu a proposta lançada em 1976 por John Modell, Frank Furstenberg e Theodore Hershberg de estudar a passagem para a vida adulta analisando o *timing* de cinco eventos: a saída da escola, a entrada no mercado de trabalho, a constituição de domicílio independente em relação à família de origem, o casamento e o nascimento do primeiro filho. Desde então, estes aspectos tornaram-se critérios de referência. Esses três autores concordam que os indivíduos não seguem o mesmo calendário de passagem para a vida adulta, bem como cada sociedade tem um jeito próprio de definir as normas relativas à idade adulta e como alcançá-la.

Para Vieira (2009), é praticamente impossível estudar a transição para vida adulta sem se referir em algum momento a noções de periodização da vida, categorias de idades e por fim se preocupar com a estrutura etária da população, ciclo e curso de vida. Ser jovem é algo muito relativo e a segmentação das idades em etapas da vida pode variar de acordo com a estrutura e a organização da sociedade (DEBERT, 1998, 1999 apud VIEIRA, 2009). Exemplo da diversidade de entendimento sobre a definição objetiva de juventude são aquelas utilizadas por diferentes agências e instituições. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera como adolescentes pessoas na faixa etária entre 10 e 19 anos e como jovens, aquelas pessoas de 10 a 24 anos. No entanto, como afirmam Calazans (1999), Camarano et al (2003) e Vieira (2009) por muito tempo as instituições brasileiras consideraram adolescentes aqueles entre 10 e 19 anos e como jovens, a população de 15 a 24 anos. Somente em 2006, a Secretaria Nacional de Juventude, ligada ao governo federal do Brasil, expandiu o grupo jovem, considerando neste grupo a população de 15 a 29 anos. O Programa de Ação para o Desenvolvimento do Haiti (2001-2010) considera como jovens

⁴⁹ HECKERT. J. **Haitian Migration and the Changing Context of the Transition to Adulthood**. Universidade de Pensilvânia. PAA (2011).

aqueles com idades entre 15 e 34 anos. Por isso consideramos os migrantes haitianos de 15 a 34 anos como população alvo deste estudo.

Alguns autores tentam definir a juventude como uma simples passagem da adolescência para a vida adulta. Galland (2007) a definiu como uma nova fase da vida. Já Arruda (2004) afirma que não é fácil explicar o que é a juventude. Para ela, dado o nível de variabilidade sociocultural da definição de juventude, determinar com clareza o início e o término desta fase da vida não é fácil, pois não existe apenas uma definição deste conceito. Consequentemente, as distinções entre juventude e vida adulta podem variar segundo regiões geográficas, situação de domicílio, classes sociais, sexo, etc. De acordo com Camarano et al (2004) a definição de juventude pode variar dependendo da sociedade e mudar com as variações das circunstâncias políticas, econômicas e socioculturais. Neste sentido, estes autores estão de acordo com Arruda (2004) afirmando que o período da juventude não pode ser tratado com começo e fim tão rígidos. A duração da juventude varia de país para país, de um grupo social a outro.

Apesar das dificuldades encontradas para se definir juventude, se há algo em comum entre os diversos estudos sobre este tema, é a transitoriedade, a ideia de passagem da infância para o estado adulto (VIEIRA, 2009). Mas a duração deste período se curto ou longo, o significado e os marcos transicionais podem ser variados (ARNETT e TABER, 1993 apud VIEIRA, 2009). Obviamente “tanto uma inserção precoce quanto uma inserção tardia no mundo adulto podem mascarar situações indesejáveis e desafios importantes na trajetória do indivíduo” (VIEIRA, 2009, p.5).

Ainda segundo Vieira (2009), a transição para a vida adulta é um momento crítico do curso de vida dos sujeitos e se caracteriza por várias mudanças de status. Para explicar a complexidade deste tema, Garrido e Requena (1996 apud VIEIRA 2009) o definiram como um segundo nascimento.

Segundo Mello (2004), o estudo sobre a transição para vida adulta é um dos enfoques úteis para compreender as transformações ocorridas entre os jovens na sociedade contemporânea nas últimas décadas. Dentre as transformações recentes observadas entre os jovens, observa-se: prolongamento do tempo de escolarização, dificuldade de inserção no mercado do trabalho, relacionamentos afetivos mais flexíveis, a permanência mais longa na casa dos pais. Devido à postergação de alguns eventos, se comparado à trajetória de vida

das gerações imediatamente anteriores, os pesquisadores falam do prolongamento da juventude, que segundo a autora é um distanciamento temporal maior entre a infância e a vida adulta. Esta ideia de prolongamento reforça aquela da “des-sincronização” das etapas da vida, descrita pelo sociólogo Galland (2010). Por des-sincronização, o autor quer ressaltar que os eventos já não ocorrem em uma mesma ordem para todos tal como se acredita que tenha sido o caso no passado, quando a norma social quanto ao timing e sequência dos eventos teria sido mais rigidamente observada. A ordem dos eventos que marcam a transição para a vida adulta pode se dar em sequência diferente do que no passado, assim como estes eventos podem ocorrer em timing distinto de pessoa para pessoa (GALLAND, 1995).

De modo geral, no caso brasileiro, o fenômeno do prolongamento da juventude ocorre entre os jovens em situação socioeconômica mais favorável. Entre os jovens dos estratos inferiores de renda, observa-se um movimento de antecipação nas idades em que ocorre o processo referente à formação de família, sugerindo uma precocidade na transição para a vida adulta deste grupo se comparado ao grupo dos mais ricos. De acordo com vários trabalhos (VIEIRA, 2009; MELLO, 2004; CAMARANO, 2006), dado o nível de complexidade da situação pode-se falar em juventudes (no plural), ou seja, da heterogeneidade da população jovem.

Sabe-se que, na literatura acadêmica, sobretudo, entre os sociólogos, existe um forte debate sobre o prolongamento da juventude. Para Furstenberg (2004), a origem da transição prolongada pode ser atribuída em grande parte à ampla generalização da democratização da educação que varreu a sociedade americana nos anos 1960, que passou a valorizar o ensino superior após a segunda guerra mundial. Independentemente das razões do adiamento da entrada na vida adulta, os jovens percebem claramente que eles não estão prontos para deixar a casa dos pais e constituir família no final da adolescência e princípio dos 20 anos como ocorria em meados dos anos 1950-1960 (FURSTENBERG, KENNEDY, MCLOYD, RUMBAUT e SETTERSTEN, 2004). Os resultados deste mesmo estudo mostram que a percepção sobre idade adulta é diferente para os jovens com menor escolaridade e famílias que têm pouco poder econômico se comparada àquela dos jovens que receberam educação universitária.

Desigualdades entre as classes sociais podem influenciar bastante a passagem para a vida adulta. Os jovens favorecidos que entram no mercado de trabalho mais tarde com pouca experiência, mas com titulações, provavelmente terão menores dificuldades materiais em longo prazo, dado que serão mais valorizados pelo mercado de trabalho. De maneira significativa esses jovens obtêm empregos melhor remunerados, graças a suas credenciais educativas. Ao contrário deste primeiro grupo de jovens, é mais provável que aqueles desfavorecidos se tornem pais ou mães sem planejamento e sem haver alcançado estabilidade econômica. Para este grupo, a atividade sexual começa talvez mais cedo e conseqüentemente tem um risco maior de uma gravidez indesejada. É mais provável que esses jovens coabitem e tenham filhos mais cedo (FURSTENBERG, 2008). A idade adulta representa uma fase importante da vida, em que, aqueles de origem favorecida ou desfavorecida, provavelmente seguirão trajetórias divergentes (FURSTENBERG, 2008). Isto ocorre em parte porque os jovens adultos chegam ao final da adolescência e no início dos seus 20 anos com oportunidades e habilidades diferentes e com recursos desiguais para implementar as suas decisões. É neste sentido que Furstenberg (2008) fornece uma introdução e uma visão global da literatura sobre como a transição para a idade adulta é marcada pela classe social. Sua reflexão atesta que as desigualdades sociais no interior de uma mesma sociedade podem fortemente influenciar a passagem para a vida adulta.

Há diferenças importantes na forma em que os jovens de hoje definem e alcançam a idade adulta. Furstenberg et al (2004) vão no mesmo sentido, descrevendo a forma diferenciada como a idade adulta é definida entre os jovens privilegiados e os menos favorecidos. Enquanto para os primeiros, a idade adulta é um momento de liberdade sem precedência frente às responsabilidades familiares e uma possibilidade para “autoconhecimento” e desenvolvimento; para os jovens menos favorecidos, seria um período de luta para se inserir no mercado de trabalho e poder apoiar a família. A conquista de estabilidade econômica seria mais incerta neste caso.

Segundo o historiador Modell (1976 apud CICCHELLI e MERICO, 2007), se no passado os marcos importantes para alcançar a idade adulta eram o casamento e a parentalidade, a definição da idade adulta que surge hoje não inclui necessariamente esses dois critérios. Hoje as etapas mais importantes são o fim da escolaridade, obtenção de trabalho e renda fixa e o estabelecimento de um domicílio independente. O fato de ter um

trabalho não é garantia de ter a capacidade para sustentar uma família. Isso explicaria o porquê hoje os jovens precisam de muito mais tempo para fazer a transição para a vida adulta que há algumas décadas.

Para Furstenberg et al (2004), o calendário da transição para a vida adulta de meados do século XX não é mais aplicável. Ao nos basearmos nessa constatação de Furstenberg, este momento não seria a hora das autoridades políticas, gestores e legisladores enfrentarem a realidade de que a transição para a vida adulta se tornou mais longa e exigente? Neste sentido, podemos assumir que o Estado desempenha um papel importante nesta fase da vida. Mello (2005) avança nesta direção ao afirmar que a presença do Estado na sociedade pode influenciar o processo da transição dos jovens para a vida adulta, pois o processo de transição varia também de acordo com o funcionamento de políticas públicas. Pesquisadores como Camarano et al (2004) mostram nos seus estudos que os jovens com nível escolar mediano e elevado tendem a ser mais seletivos na busca de emprego. O acesso a instituições que podem fornecer orientação, apoio e recursos a fim de auxiliar o jovem no seu processo de maturação é extremamente desigual para aqueles com baixa e alta renda. A educação mesmo sendo um valor social importante, muitas vezes ocupa um lugar secundário na ordem de prioridades dos jovens de baixa renda devido à urgência em atender necessidades de sobrevivência. Por isso é fundamental reafirmar a heterogeneidade da juventude para uma melhor formulação das políticas públicas sem equívoco, como salientam Pais (2003) e Arruda (2004).

Pimenta (2000 apud ARRUDA, 2004) ressalta que o caminho para a vida adulta pode ser mais longo ou mais breve, direto ou errático, e varia de acordo com o sexo e as condições econômicas do jovem em questão. Além das desigualdades econômicas, existem jovens que são expostos a diversas formas de vulnerabilidade. A própria mídia pode contribuir para aumentar a vulnerabilidade e o preconceito contra certos grupos juvenis. Prova disto é a imagem geralmente vinculada aos jovens das periferias urbanas. Frequentemente a mídia os descreve como um perigo para a sociedade. Especialmente os jovens negros sofrem com este tipo de estereótipo, enquanto outros, normalmente filhos das camadas mais abastadas e que alcançam elevada escolaridade, são vistos como promessas de desenvolvimento para o país.

Um estudo sobre as transições para a vida adulta considerando seis países em desenvolvimento – Colômbia, República Dominicana, Peru, Gana, Camarões e Quênia (FURSTENBERG e GRANT, 2007) demonstra que o nível educacional é uma chave importante para compreender mudanças nessas transições. Em muitos países em desenvolvimento, como o Haiti, o ensino primário muitas vezes não é concluído. A baixa escolaridade provavelmente afeta o processo da transição. Neste sentido, podemos dizer que as diferenças na trajetória de escolarização estão inevitavelmente relacionadas com a heterogeneidade na experiência das demais transições para a vida adulta dentro de um país (FURSTENBERG e GRANT, 2007).

Na sociedade haitiana é muito comum os jovens, sobretudo aqueles menos favorecidos, deixarem a escola precocemente em busca de emprego para sobreviver e, às vezes, ajudar membros ainda mais jovens da família. Provavelmente, quando conseguem um trabalho, ele é precário por terem uma baixa escolaridade, conseqüentemente a condição de vida não melhora. Neste contexto, como explicar o processo de transição para a vida adulta dos jovens haitianos?

Atualmente a perspectiva de curso de vida é talvez a orientação teórica mais importante nesta área. A abordagem mais em voga considera que o curso de vida seria a análise do calendário dos eventos (quando os eventos acontecem), a sua seqüência (em que ordem eles acontecem) e seu *quantum* (quantos eventos acontecem) (BILLARI, 2005).

A perspectiva do curso de vida surgiu nos anos 1970 nos Estados Unidos (UHLBERG, 1978; HOGAN, 1981 apud BLANCO, 2011) e em finais dos anos 1980 e nos anos 1990, ela passa também a ser contemplada na América Latina (CERRUTTI, 1997; GODANI, 1989 e 1990; OJEDA, 1987 e 1989; TUIRÁN, 1996, 1998 e 1999 apud BLANCO 2011). Elder (1987, p.180) define o curso de vida como “trajetórias entrelaçadas”. A objetivo geral da investigação do curso de vida é analisar como os eventos históricos e as mudanças econômicas, demográficas, sociais e culturais podem modificar tanto as vidas dos indivíduos quanto a experiência de coortes e gerações (BLANCO, 2011). Após a segunda guerra mundial, a escola francesa investiga o curso de vida a partir da abordagem de análise biográfica e se interessa em investigar como um acontecimento familiar, econômico ou de outro tipo pode modificar a probabilidade de que se produzam

outros eventos na vida dos indivíduos (COURGEAU e LELIEVRE, 2001 apud BLANCO, 2011).

Esta perspectiva que se preocupa com os processos e as trajetórias de vida dos indivíduos e suas inter-relações assume que o curso de vida é delineado em um contexto histórico específico e, muitas vezes é estruturado por instituições sociais. De modo geral os indivíduos criam seu próprio curso de vida e suas próprias trajetórias levando em conta modelos institucionalizados e padrões normativos (ELDER et al, 2003). Os indivíduos escolhem os caminhos a seguir, “embora as escolhas sejam sempre constrangidas pelas oportunidades estruturadas pelas instituições sociais e a cultura” (ELDER et al, 2003, p.8). Para parafrasear Vieira (2009, p.20.): “cada indivíduo é sua própria obra inacabada”.

Tanto o ciclo de vida quanto o curso de vida podem ajudar a entender a história de vida dos indivíduos. Mas, na verdade existe uma diferença entre os dois conceitos. O ciclo de vida nos faz pensar em uma repetição que seria idêntica para todos os seres vivos, ou seja, explica a trajetória do indivíduo tomando por base a sua existência biológica, desde o seu nascimento até a sua morte (o indivíduo nasce, cresce e morre). Ele traz a ideia de continuidade preestabelecida, uma trajetória pretensamente conhecida de antemão. O curso de vida por sua vez, traz a ideia de um fluxo, de um movimento que se renova (VIEIRA, 2009). Ao contrário do ciclo de vida, o conceito de curso de vida rompe com a ideia de repetição, as trajetórias podem ser divergentes. Ou seja, todos nascem, crescem e morrem, mas o que acontece entre esses eventos pode variar de acordo com o indivíduo. Observam-se também diferenças no tempo e na sequência dos eventos. Essa variabilidade faz com que possamos falar de mudanças no curso de vida. Liefbroer e Toulemon (2010) chamam esse fenômeno de emergência do curso de vida. Para entender esta realidade há dois conceitos-chaves e centrais: *transição e trajetórias*. Macmillan (2005) chama estes conceitos-chaves de descritores centrais do curso de vida em curto e longo prazo.

De acordo com George (1993 apud LEVY, 2005), a trajetória é uma tendência de longo prazo, também pode ser entendida como todo o espaço de tempo de uma existência (do nascimento à morte), sendo que estes dois eventos vitais podem ser tomados em si mesmos como transições. As trajetórias resultam da interação de várias dimensões da vida: biológica, psicológica, relacional e institucional e os processos ocorridos nestas diversas dimensões impactam o curso de vida.

Macmillan (2005) define o conceito de trajetória como a dinâmica do curso de vida que ocorre durante um prolongado período de tempo. Ainda segundo o autor, as trajetórias são marcadas pelo início e o fim de uma transição. Um ponto importante é que as transições são sempre incorporadas nas trajetórias. Cada dimensão da vida pode ser tratada como uma trajetória. Assim, pode-se falar em trajetória escolar, trajetória laboral, trajetória familiar, etc.

As transições são períodos mais curtos do que as trajetórias, elas podem ser até pontuais, mas não menos importantes e envolvem uma mudança de status ou de identidade. Ou seja, com as transições o indivíduo assume novas funções, o que provavelmente pode trazer novos direitos e obrigações (ELDER, KIRKPATRICK E CROSNONE, 2006; HAGESTAD E VAUGHN, 2007 apud BLANCO, 2011). Elas podem ser predeterminadas ou não e, podem ocorrer em diferentes momentos. Ademais, é muito frequente que várias transições ocorram simultaneamente. Uma transição muito precoce ou tardia em comparação com as idealizações de cada sociedade pode causar implicações sérias na trajetória de vida dos sujeitos. As transições podem ser descritas segundo o seu timing e sua sequência e são sempre incluídas nas trajetórias que as dão forma e sentido (ELDER, 2003).

Outro conceito fundamental trabalhado por Elder (2003) é o de *turning point*, que supõe uma mudança de direção na vida do próprio indivíduo. Lévy (2005) aborda o conceito de *turning point* para explicar como um evento pode mudar a trajetória de vida dos indivíduos. Neste sentido ele seria um momento de virada, um divisor de águas na vida dos sujeitos. Segundo Elder (2003, p.8), o *turning point* “envolve uma mudança substancial na direção da vida da pessoa, seja objetiva ou subjetiva”. Do mesmo modo que a transição é marcada pelo início e o fim de uma trajetória, o *turning point* marca o início e o fim de uma transição. Todos esses conceitos refletem a natureza temporal da vida. Daí a importância do tempo e do contexto histórico nos estudos de curso de vida. Dito isso, este estudo será desenvolvido com base nesses conceitos seguindo a teoria de curso de vida de Elder (2003).

É perfeitamente factível pensar a migração internacional como um *turning point* na vida dos jovens haitianos. Mesmo o terremoto de 2010 poderia ser tratado como um *turning point*, um divisor de águas na vida destas pessoas. Existe claramente um antes e um depois que exige a reelaboração de projetos de vida e ajustes profundos de expectativas e

alternativas de sobrevivência. Depois dessa catástrofe, a migração foi para alguns jovens uma alternativa única. De fato muitos migraram. Alguns, mais favorecidos, migram para concluir os estudos e outros, mais vulneráveis, para trabalhar.

Estudos recentes têm ressaltado a importância da migração internacional no processo de transição para a vida adulta (ZENTENO et al., 2011; HECKERT, 2010). Zenteno et al (2011) mostram como a migração marca a transição para a vida adulta dos adolescentes mexicanos. Os autores chegam a afirmar que no que diz respeito à juventude e à transição para a vida adulta, a migração pode ser incorporada como uma das opções desejáveis e possíveis para se tornar adulto. Além disso, é provável que a migração dite o ritmo dessa transição. No caso dos haitianos, talvez a situação não seja diferente. Schwartz (2010 apud HECKERT 2010) afirma que, no Haiti, a migração foi sempre um aspecto importante na transição para a vida adulta. A partir de pesquisa empírica realizada com jovens haitianos, Heckert (2010) afirma que a migração é uma parte fundamental do processo de transição para a vida adulta ao expor os jovens a novas estruturas de oportunidades e riscos. No caso dos jovens haitianos no Brasil, a migração teria um impacto tão importante quanto aquele verificando nos estudos internacionais?

O objetivo desta investigação é analisar a transição para a vida adulta dos jovens migrantes haitianos na cidade de São Paulo. Recupera-se as trajetórias de vida familiar, escolar, laboral e migratória, as motivações para migrar, as memórias sobre o terremoto de 2010 e as reelaborações do projeto de vida impostas pela catástrofe e pela própria migração.

Esta pesquisa investiga o papel da migração internacional no processo de transição para a vida adulta dos jovens haitianos. A experiência migratória interfere no processo transicional? Em caso afirmativo, interfere de que maneira?

Capítulo III

Demografia da juventude haitiana e a transição para a vida adulta

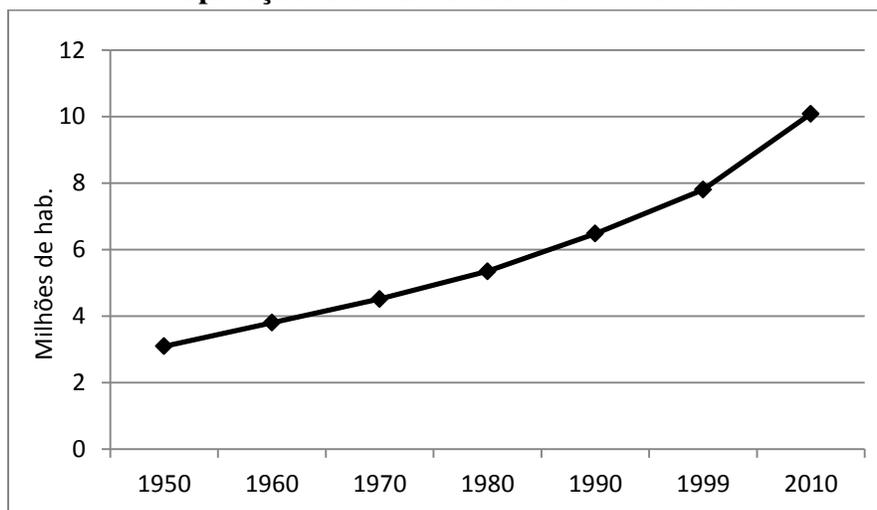
O principal objetivo deste capítulo é apresentar informações sobre a demografia haitiana e dados básicos referentes à juventude haitiana. Exploram-se também indicadores que dizem respeito aos marcadores da transição para a vida adulta na sociedade haitiana. Os dados utilizados são provenientes das séries históricas da Divisão de População das Nações Unidas e da *Demographic Health Survey* (DHS) realizada no Haiti em 2012. Ressalta-se que os dados oferecidos pelas Nações Unidas foram estimados pelo corpo técnico de sua Divisão de População, uma vez que o Haiti não produz regular e sistematicamente estatísticas sobre sua população. Portanto, estes dados devem ser olhados com cuidado, pois não representam uma realidade observada empiricamente. Porém, de todas as formas esta fonte nos indica tendências demográficas importantes, considerando o contexto de escassez de informação.

Já a *Demographic Health Survey* (DHS) é uma pesquisa domiciliar de base amostral que coleta informações sobre a saúde e as características sociodemográficas da população em mais de 90 países em desenvolvimento. Embora o foco da DHS seja em geral o planejamento familiar, a saúde reprodutiva das mulheres e a saúde infantil, ela também possibilita um retrato sociodemográfico do país, bem como nos permite elaborar uma breve descrição dos diferentes marcadores da transição para a vida adulta.

3.1 A demografia haitiana da segunda metade do século XX aos dias atuais: uma visão geral

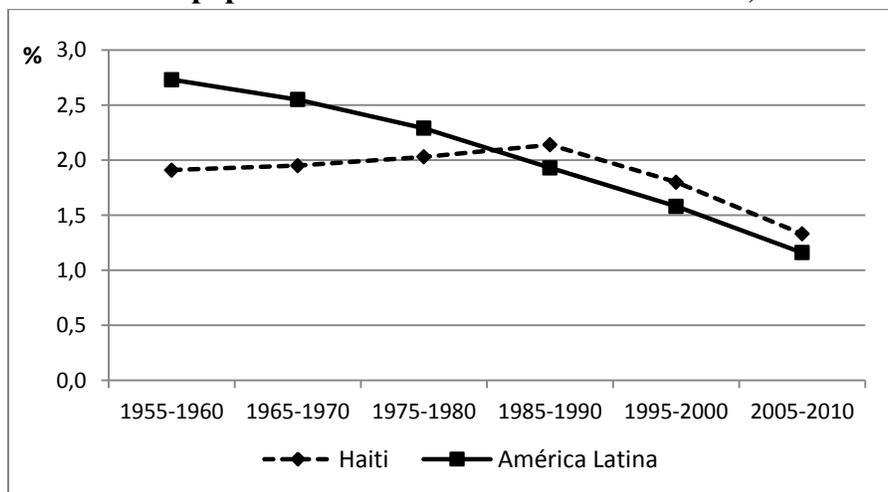
De acordo com os dados do Banco Mundial (2012), a população haitiana contabilizava pouco mais de 10 milhões habitantes em 2010 (gráfico 4). Quanto ao ritmo de crescimento (gráfico 5), o Haiti cresceu abaixo da média latino-americana entre os anos 1950 e primeira metade dos anos 1980. Entretanto, de 1985 ao presente, a população haitiana tem crescido acima da média latino-americana. É digno de nota que a desaceleração do crescimento populacional na América Latina já estava em curso ao longo de todo o período considerado, enquanto esta tendência só irá se manifestar no caso haitiano a partir do final da década de 1980 e princípios da década de 1990 em diante.

Gráfico 4
População total haitiana entre 1950 a 2010



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, World Population Prospects: The 2012 Revision, New York, 2013. <http://data.un.org/>.

Gráfico 5
Taxa de crescimento populacional haitiana e latino-americana, 1955-2010 (em %)

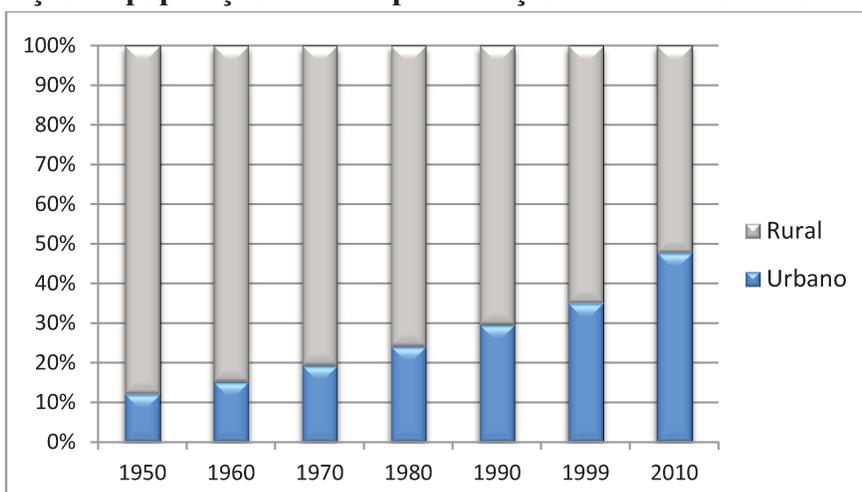


Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, World Population Prospects: The 2012 Revision, New York, 2013. <http://data.un.org/>.

Ao longo da segunda metade do século XX e primeira década do século XXI, houve importante aumento do grau de urbanização no Haiti. Se em 1950 apenas 12% da população vivia em áreas urbanas, este percentual sobe para quase 50% em 2010 (gráfico

6). Deve-se destacar que o contrário do restante da América Latina, onde aproximadamente 80% da população vive em cidades por volta de 2010, o Haiti ainda é um país majoritariamente rural.

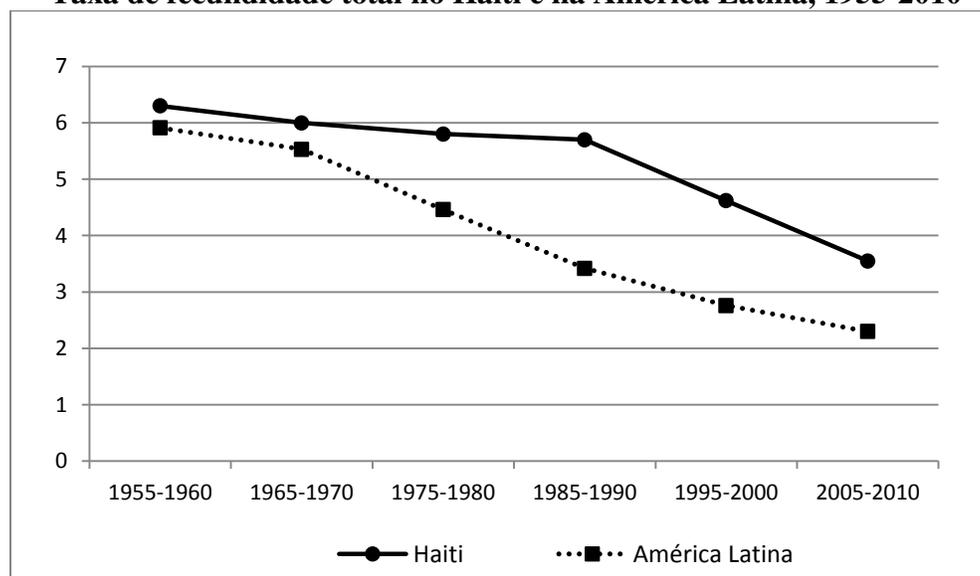
Gráfico 6
Distribuição da população do Haiti por situação de domicílio entre 1950 e 2010



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, World Population Prospects: The 2012 Revision, New York, 2013. <http://data.un.org/>.

Em relação à América Latina, a ilha caribenha possui uma taxa de fecundidade comparativamente alta (gráfico 7). No período 2005-2010, ao final da idade reprodutiva, cada mulher haitiana tem em média 3,55 filhos. Embora essa taxa esteja acima da média latino-americana para o mesmo período (2,3 filhos por mulher), observa-se uma tendência de declínio da taxa de fecundidade total haitiana desde 1950, havendo uma intensificação da redução da fecundidade a partir de finais dos anos 1980 e princípio dos anos 1990. Em 1955-1960 a fecundidade haitiana era de 6,3 filhos por mulher e se reduz para 3,55 filhos por mulher em 2005-2010. Certamente a realidade observada no que diz respeito à fecundidade haitiana depende de todo um conjunto de fatores como a educação das mulheres, o lugar de residência, o conhecimento, o acesso e a acessibilidade dos métodos contraceptivos, a fecundidade adolescente entre outros.

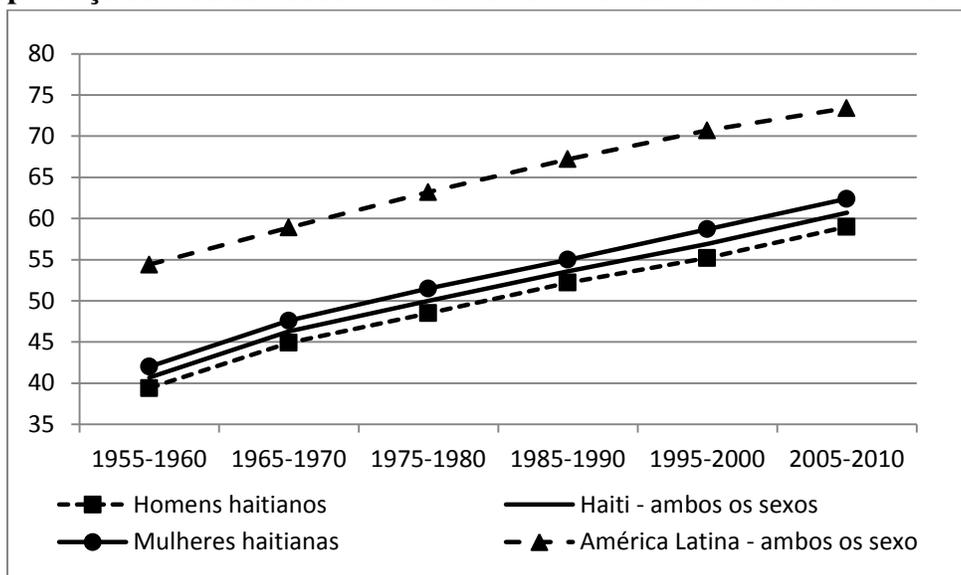
Gráfico 7
Taxa de fecundidade total no Haiti e na América Latina, 1955-2010



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, World Population Prospects: The 2012 Revision, New York, 2013. <http://data.un.org/>.

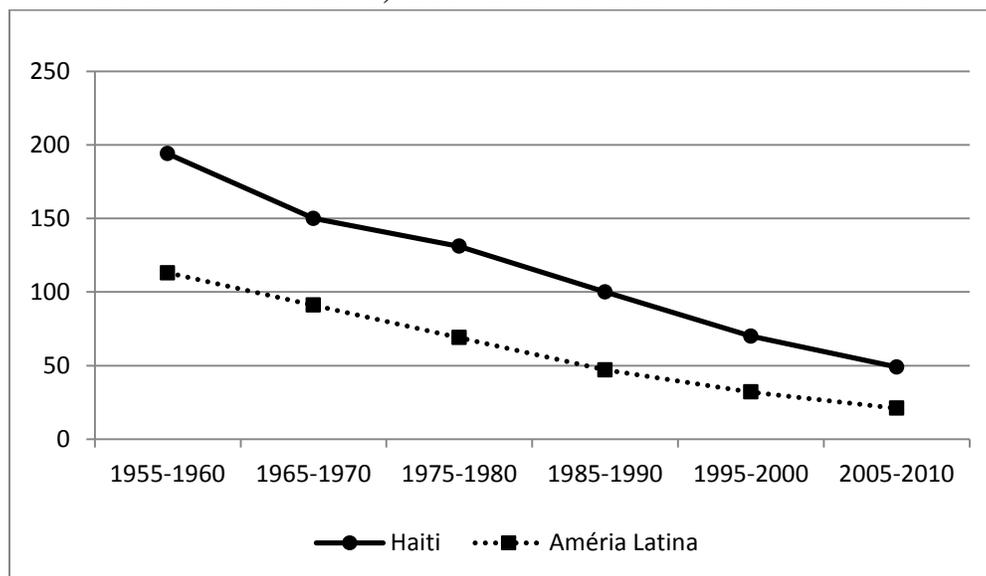
Outro indicador chave que dá certa ideia do nível de bem-estar e desenvolvimento de uma população é certamente a esperança de vida ao nascer (gráfico 8). Embora a esperança de vida dos haitianos de ambos os sexos tenha aumentado de cerca de 40 anos em meados dos anos 1950 para pouco mais de 60 anos em 2005-2010, este indicador está bem abaixo da América Latina em seu conjunto, que apresentava esperança de vida ao redor de 55 anos para ambos os sexos em 1955-1960 e quase 74 anos em 2005-2010. No Haiti, tal como ocorre em outros países, as mulheres vivem um pouco mais do que os homens: 62,4 anos contra 60,7 anos. Provavelmente a baixa expectativa de vida da população haitiana tem a ver com a alta taxa de mortalidade infantil (gráfico 9) observada no país.

Gráfico 8
Esperança de vida ao nascer no Haiti e na América Latina entre 1955 e 2010



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, World Population Prospects: The 2012 Revision, New York, 2013. <http://data.un.org/>.

Gráfico 9
Haiti e América Latina, 1955-2010: Taxa de mortalidade infantil



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, World Population Prospects: The 2012 Revision, New York, 2013. <http://data.un.org/>.

De 1955 a 2010 observa-se uma tendência de queda na mortalidade infantil no Haiti e na América Latina. Contudo, a taxa de mortalidade infantil conservou-se sempre superior no Haiti se comparada àquela encontrada na América Latina. Em 1955-1960, a mortalidade infantil haitiana era da ordem de 194 óbitos por mil nascidos vivos. Esta taxa foi reduzida para os ainda insatisfatórios 49 óbitos por mil nascidos vivos em 2005-2010. No mesmo período a mortalidade infantil na América Latina diminuiu de 113 para 21 óbitos por cem mil nascidos vivos. A taxa de mortalidade infantil haitiana em 2005-2010, ainda é mais de duas vezes superior do que aquela observada para a América Latina.

A partir deste breve panorama da evolução de alguns indicadores demográficos haitianos na segunda metade do século XX e primeira década do século XXI, é possível perceber o tamanho dos desafios enfrentados pelo Haiti. A transição da fecundidade inicia-se mais tardiamente no Haiti se comparado à América Latina em geral. O processo de urbanização também é mais tardio. A rigor o Haiti segue sendo majoritariamente rural, embora já exista certo equilíbrio entre a população rural-urbana. Os indicadores que nos permitem traçar uma visão mesmo que geral sobre a qualidade de vida (mortalidade infantil e esperança de vida) não são alentadores, posto que o Haiti vive uma situação bem mais dramática do que aquela da média do continente em que está situado.

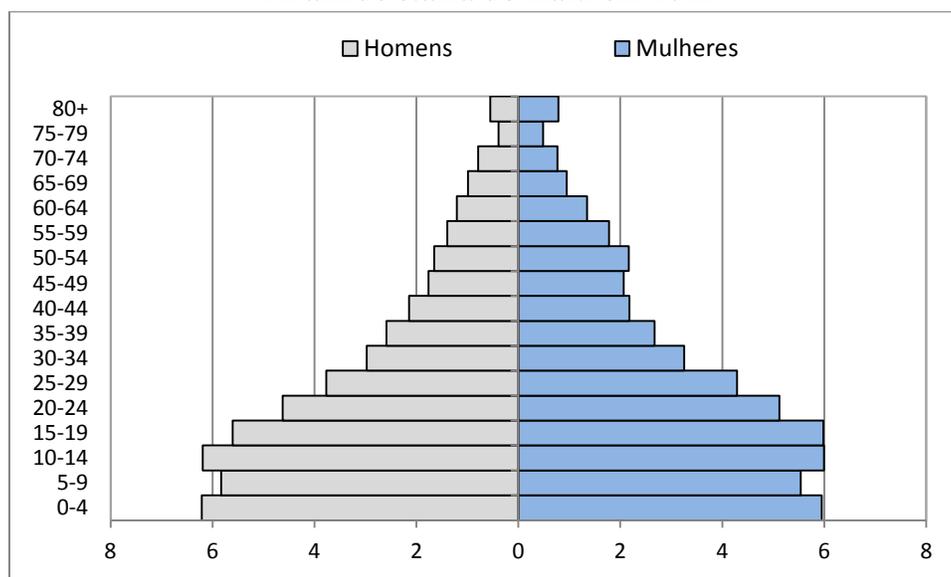
3.2 A demografia da juventude no Haiti atual: algumas pistas sobre as idades das transições para a vida adulta

Uma vez que o tema central deste estudo é transição para a vida adulta dos jovens migrantes haitianos, torna-se pertinente conhecer alguns dados sobre a situação da juventude no Haiti. Como foi dito anteriormente, no Haiti considera-se como jovem a população de 15 a 34 anos. Por isso, esta faixa etária receberá especial atenção neste tópico.

Quando se observa a pirâmide etária haitiana em 2012 (gráfico 10), nota-se que ela possui uma base larga, o que caracteriza uma população jovem. Um dado muito significativo é que 35% da população haitiana têm entre 0-14 anos. Constata-se que há menos indivíduos de 5 a 9 anos do que nas faixas etárias imediatamente adjacentes. Certamente as razões para esta descontinuidade demográfica merecem ser estudadas. Com uma expectativa de vida relativamente baixa e uma taxa de mortalidade infantil alta, a proporção de idosos na população permanece ainda bastante modesta. Se a estimativa

apontada no capítulo I desta dissertação, de que 4,5 milhões de haitianos estariam vivendo no exterior estiver correta, fatalmente esta realidade também está impactando a estrutura etária haitiana, visto que a população total residente no país é algo próximo a 10 milhões de habitantes. Provavelmente, as pessoas em idade ativa migram mais, ou ao menos migram primeiro, para só depois levarem seus dependentes para o novo país de residência, algo que por certo em alguns casos não chega a se concretizar.

Gráfico 10
Pirâmide etária do Haiti em 2012



Fonte: DHS 2012.

Tal como afirmam estudos anteriores citados no capítulo II, a escolaridade é um fator que faz grande diferença no processo de transição para a vida adulta. No que diz respeito à frequência escolar, destaca-se que em 2012 apenas 20% das crianças de 0-4 anos frequentaram creche. A inserção dos indivíduos no sistema escolar aumenta com a idade, atingindo 90% das crianças no grupo etário de 5-9 e 95% no grupo de 10 a 14 anos (gráfico 11). Após os 14 anos a frequência escolar decresce com a idade. A partir dos 15 anos observa-se claramente a emergência de importantes diferenciais de gênero, com as garotas abandonando mais precocemente a escola do que os garotos. Ou seja, a partir dos 15 anos há proporcionalmente mais rapazes se capacitando do que moças. Isto é certamente um poderoso indicativo de que a transição para a vida adulta no Haiti apresenta importantes diferenciais de gênero. Enquanto na América Latina em geral, as mulheres são maioria nos

níveis mais elevados do sistema educacional, esta máxima dá mostras de que muito provavelmente não é válida para o Haiti.

Gráfico 11
Proporção de indivíduos que frequentaram o sistema educacional no ano escolar 2011
segundo sexo e grupo etário, no Haiti em 2012

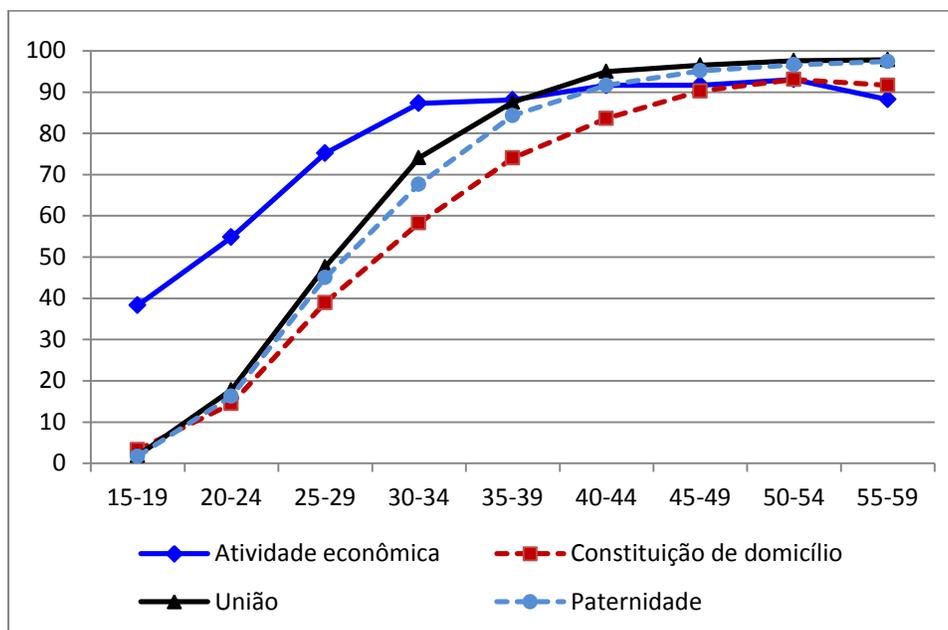


Fonte: DHS 2012.

Além da escolaridade, a participação no mercado do trabalho, a constituição de domicílio, a formação da união, a maternidade/paternidade são elementos fundamentais para entender a transição para a vida adulta dos sujeitos. Os gráficos 12 e 13 apresentam esses dados. Esses eventos podem apresentar diferenças significativas de acordo com o sexo.

Gráfico 12

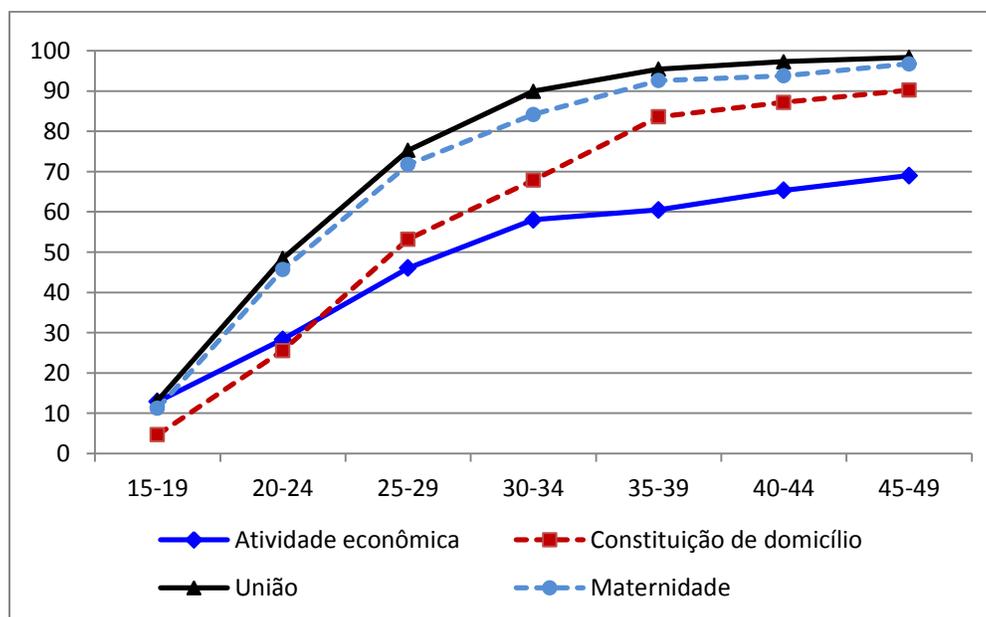
Haiti, 2012: Proporção de indivíduos do sexo masculino que vivenciaram diversos eventos que marcam a entrada na vida adulta



Fonte: DHS 2012. Nota: A população masculina alvo da DHS 2012 foi aquela com idade entre 15 e 59 anos.

Gráfico 13

Haiti, 2012: Proporção de indivíduos do sexo feminino que vivenciaram diversos eventos que marcam a entrada na vida adulta



Fonte: DHS 2012. Nota: A população feminina alvo da DHS 2012 foi aquela com idade entre 15 e 49 anos.

A partir desses gráficos observa-se uma diferença gritante em quase todos os grupos etários, no que diz respeito à participação no mercado de trabalho. A proporção de homens desempenhando alguma atividade econômica é sempre muito maior do que a de mulheres. Para os dois sexos, a proporção de pessoas desempenhando atividade econômica aumenta intensamente com a idade justo entre os 15 e os 34 anos. Destaca-se que cerca de 90% dos homens trabalham por volta dos 30-34 anos. Já entre as mulheres de mesma idade este percentual é de aproximadamente 60%. Chama a atenção que a participação feminina em atividades econômicas é maior no final do período reprodutivo (45-49 anos), quando 70% das mulheres declaram desempenhar atividade econômica. Isto era de se esperar, pois, na realidade haitiana, os homens se consagram ao trabalho enquanto as mulheres cuidam da casa especialmente na fase de expansão da família com o nascimento dos filhos. Cabe ressaltar que ser dona de casa é algo relativamente comum na sociedade haitiana.

Quanto à constituição de domicílio, identificada pelo fato da pessoa ocupar a posição de chefe ou cônjuge do chefe do domicílio, ressalta-se que as mulheres experimentam esse evento mais cedo do que os homens. Dado que uma parte considerável das mulheres não trabalha nas idades jovens, esta emancipação residencial se dá de fato via união e formação de família.

Acompanhando a tendência observada para a constituição de domicílio, a proporção de mulheres que viverem em união em 2012 é significativamente superior a de homens nas idades jovens 15-34 anos, o que sugere que elas se unem preferencialmente com homens mais velhos.

Quanto à maternidade/paternidade, mais uma vez destaca-se que uma maior proporção de mulheres experimenta a maternidade em idades jovens (15-34 anos) do que homens experimentam a paternidade.

A tabela 5 indica que o grau alfabetização varia de acordo com o sexo em todas as faixas etárias. Essa diferença é mais relevante nos últimos grupos etários que caracterizam a juventude. Por exemplo, enquanto apenas 19,8% de indivíduos de sexo masculino de 30-34 anos não sabem ler, uma proporção maior de meninas (29,5%) é analfabeta. Outra informação importante tem a ver com aqueles indivíduos que conseguem ler toda uma sentença. Para os dois sexos a proporção diminui conforme aumenta a idade, sinalizando que as novas gerações estão em melhor situação do que as mais velhas neste quesito. O

grupo dos adolescentes (15-19 anos) chama a atenção pelo fato da proporção de garotas que conseguem ler a frase sugerida ser superior àquela de garotos, assim como entre elas 13% não sabe ler contra 16,6% dos garotos. Talvez no futuro haja inversão do gap educacional, como ocorreu em outras partes da América Latina.

Tabela 5
Alfabetização segundo sexo e idade no Haiti em 2012

		Não sabe ler	Consegue ler partes da sentença	Consegue ler toda a sentença	Não fala francês	Cego, visualmente debilitado	Total
Mulheres	15-19	13,0	12,0	74,6	0,3	0,1	100
	20-24	14,3	8,7	76,9	0,1	0,0	100
	25-29	20,0	8,5	71,2	0,1	0,3	100
	30-34	29,5	9,1	60,9	0,2	0,2	100
	35-39	38,9	10,3	50,2	0,3	0,3	100
	40-44	46,9	11,2	40,9	0,4	0,6	100
	45-49	57,5	10,7	29,3	0,2	2,3	100
	Total	25,7	10,0	63,7	0,2	0,4	100
Homens	15-19	16,6	13,8	69,4	0,0	0,1	100
	20-24	13,8	5,6	80,3	0,3	0,0	100
	25-29	16,1	6,4	77,0	0,4	0,1	100
	30-34	19,8	9,5	70,7	0,1	0,0	100
	35-39	24,9	9,2	65,2	0,6	0,1	100
	40-44	34,8	11,2	53,0	0,8	0,1	100
	45-49	40,7	11,9	46,6	0,2	0,6	100
	50-54	54,1	11,3	32,1	1,5	0,8	100
	55-59	56,9	13,5	27,7	0,2	1,7	100
	Total	24,5	9,9	64,9	0,4	0,2	100

Fonte: DHS 2012.

A tabela 6 traz os dados sobre o estado conjugal de acordo com o sexo e a idade. A proporção de indivíduos nunca unidos é sempre maior entre os homens do que as mulheres, o que era de se esperar como foi visto nos gráficos 12 e 13. Para os dois sexos, essa proporção diminuiu com a idade. Para aqueles que são casados, também essa proporção aumenta com a idade para os dois sexos. Mas o que chama mais atenção é que o número de meninas casadas no primeiro grupo etário (15-19 anos) é quase seis vezes maior do que o de meninos. Isso ocorre também na categoria união consensual. Ressalta-se que a união consensual é mais comum entre os jovens (15-34 anos) do que na população de 35 anos e

mais. Percebe-se que, pelo menos a partir dessa amostra o casamento é mais comum na sociedade haitiana do que a união consensual.

Tabela 6
Estado conjugal por sexo e idade no Haiti em 2012

		Nunca unido	Casado	União consensual	Viúvo	Divorciado	Separado	Tota l
Mulheres	15-19	86,8	6,4	5,7	0,0	0,1	1,0	100
	20-24	51,6	28,2	15,6	0,2	0,0	4,3	100
	25-29	24,7	52,5	14,9	0,9	0,2	6,7	100
	30-34	10,1	65,4	15,2	1,5	0,2	7,7	100
	35-39	4,6	71,6	11,3	3,0	0,3	9,1	100
	40-44	2,7	69,5	9,9	5,0	0,6	12,3	100
	45-49	1,6	67,2	7,8	6,7	0,7	15,9	100
	Total	36,9	43,1	11,5	1,7	0,2	6,5	100
Homens	15-19	98,1	0,9	0,6	0,0	0,0	0,4	100
	20-24	82,2	10,0	5,8	0,1	0,0	2,0	100
	25-29	52,4	34,6	8,2	0,2	0,1	4,5	100
	30-34	25,9	57,5	8,3	0,8	0,0	7,5	100
	35-39	12,4	74,1	6,8	0,4	0,1	6,0	100
	40-44	5,0	77,9	6,6	1,9	0,3	8,4	100
	45-49	3,5	83,2	4,7	1,6	0,2	6,9	100
	50-54	2,4	79,9	4,4	3,7	0,3	9,3	100
	55-59	2,1	77,6	3,4	5,8	0,4	10,7	100
	Total	48,5	40,6	5,1	0,9	0,1	4,7	100

Fonte: DHS 2012.

Tabela 7
Ocupação por sexo e idade no Haiti em 2012

		Não está trabalhando	Profissionais/ técnicos/ administrativo	Comércio	Agricultura – autoemprego	Empregados domésticos	Trabalho manual qualificado	Trabalho manual não qualificado	Outros	Não sabe	Total
Mulheres	15-19	80,0	0,4	14,1	2,6	2,2	0,1	0,5	0,0	0,0	100
	20-24	59,0	2,9	28,9	3,0	4,5	0,6	1,1	0,0	0,0	100
	25-29	42,0	6,6	40,9	3,5	4,5	1,0	1,3	0,0	0,1	100
	30-34	29,4	8,2	51,6	2,9	4,1	1,7	2,0	0,1	0,0	100
	35-39	29,5	6,0	51,9	6,6	3,9	0,5	1,6	0,0	0,0	100
	40-44	24,2	5,2	55,1	8,6	3,9	1,7	1,4	0,0	0,0	100
	45-49	22,4	3,3	53,5	14,4	4,8	1,0	0,6	0,0	0,0	100
	Total	48,3	4,2	36,9	4,8	3,8	0,8	1,2	0,0	0,0	100
Homens	15-19	55,3	1,1	4,7	30,8	0,1	0,7	7,2	0,2	0,0	100
	20-24	36,3	5,5	10,6	28,5	1,0	3,5	14,4	0,2	0,0	100
	25-29	16,7	15,4	16,8	25,1	0,5	5,1	20,0	0,5	0,0	100
	30-34	5,5	18,1	15,7	32,5	1,2	4,7	21,4	0,8	0,0	100
	35-39	5,8	17,2	18,7	34,4	1,6	2,7	19,0	0,6	0,0	100
	40-44	3,9	14,7	14,9	45,0	1,2	3,9	15,7	0,7	0,0	100
	45-49	3,8	13,0	13,1	49,5	1,1	3,0	15,6	0,9	0,0	100
	50-54	4,6	7,9	11,3	60,6	1,0	2,0	12,5	0,0	0,0	100
	55-59	5,1	7,1	8,3	66,7	0,0	1,1	11,8	0,0	0,0	100
	Total	23,3	9,8	11,9	36,1	0,8	2,9	14,7	0,4	0,0	100

Fonte: DHS 2012.

No que se refere à ocupação (tabela 7), enquanto 48,3 % população feminina não desempenha nenhuma atividade, apenas 23,3% de indivíduos do sexo masculino não está trabalhando. Essa proporção decresce com a idade, contudo de maneira mais acentuada entre os homens.

Para os profissionais, embora poucas pessoas desempenhem atividades deste tipo, o percentual de homens é maior do que o de mulheres em todas as idades. Conhecendo a realidade do Haiti, não há nenhuma novidade, pois é mais frequente encontrar homens nas principais instituições do país, nas posições de maior poder e prestígio. Na população total, o percentual de homens profissionais (9,8%) é mais que o dobro do percentual de mulheres profissionais (4,2%).

No setor de comércio, percebe-se uma participação maior de mulheres (36,9%) do que de homens (11,9%). Além disso, cabe ressaltar que esta é a ocupação mais comum entre mulheres haitianas.

Já entre os homens a ocupação mais comum é a agricultura voltada para o autoemprego. A proporção de pessoas envolvidas neste tipo de ocupação é igual a 36,1% para os homens e 4,8% para as mulheres.

Depois do comércio e da agricultura, a atividade mais comumente desempenhada por mulheres é aquela de empregada doméstica.

No que diz respeito ao trabalho manual tanto qualificado quanto não qualificado, o percentual de homens envolvidos é sempre maior do que o de mulheres.

A tabela 8 descreve as principais estatísticas básicas referentes às idades de ocorrência da iniciação sexual, união e nascimento do primeiro filho segundo o sexo. Destaca-se que no que concerne a todas estas idades há importantes diferenciais de gênero. Observa-se que idade média da iniciação sexual é superior entre as meninas em relação aos meninos (17,4 e 15,8 anos, respectivamente). No entanto, encontra-se uma situação inversa no que diz respeito às idades à primeira união e no nascimento do primeiro filho, onde os indivíduos de sexo masculino possuem uma idade média maior para os dois eventos.

Tabela 8
Estatística básica das idades de ocorrência da iniciação sexual, primeira união e nascimento do primeiro filho por sexo: Haiti, 2012

	Mulheres (15-49 anos)			Homens (15-59 anos)		
	Idade da iniciação sexual	Idade da primeira união	Idade no nascimento do primeiro filho	Idade da iniciação sexual	Idade da primeira união	Idade no nascimento do primeiro filho
Casos válidos	11524	9010	8571	8520	4886	4636
Missing	2763	5277	5716	973	4607	4857
Média	17,4	20,6	20,9	15,8	25,2	25,5
Mediana	17,0	20,0	20,0	15,0	25,0	25,0
Moda	16,0	18,0	19,0	15,0	23,0	25,0
Mínimo	8,0	10,0	11,0	5,0	9,0	12,0
Máximo	45,0	46,0	43,0	48,0	55,0	55,0

Fonte: DHS 2012. Nota: 1) O número de missing é elevado porque para efeito de cálculo incluí as pessoas que não haviam vivenciado o evento. 2) Todos os dados provenientes da DHS 2012 apresentados neste trabalho foram tabulados considerando o “peso”. Entretanto, os pesos disponíveis nos bancos são normalizados de tal forma que quando utilizados eles não expandem a amostra. O número total de casos com peso ativado segue sendo idêntico àquele da amostra sem o peso. Ao invés de uma expansão, ocorre uma ponderação, mas a amostra é de qualquer maneira representativa do universo.

A tabela 9 apresenta as mesmas informações da tabela 8, porém desagregadas por sexo e grupo etário. Em linhas gerais, o resultado por faixa etária não é diferente daquele encontrado para a população total. Em todas as faixas etárias, os homens possuem uma iniciação sexual mais precoce do que as mulheres. Percebe-se também que as mulheres mais velhas que participam da pesquisa em 2012 tiveram uma iniciação sexual mais tardia (18,4 anos) do que aquelas mais jovens, cuja idade média da iniciação sexual foi de 15,1 anos. Registra-se algo semelhante entre os homens, pois a idade média da união sexual passou de 17,2 anos entre os mais velhos para 13,8 anos entre os mais jovens. Logo, pode-se afirmar que houve um rejuvenescimento da idade da iniciação sexual para ambos os sexos. Embora este dado precise ser olhado com cuidado, pois muitos dos adolescentes considerados na pesquisa ainda não haviam se iniciado sexualmente, podendo fazê-lo com o passar dos anos.

Quanto à idade da primeira união e aquela no nascimento do primeiro filho, em todas as faixas etárias os indivíduos de sexo masculino têm uma idade maior ao experimentar esses eventos do que as mulheres (tabela 9).

Tabela 9

Haiti, 2012: Estatística básica das idades de ocorrência da iniciação sexual, primeira união e nascimento do primeiro filho por sexo e grupo etário

Grupo etário		Mulheres			Homens		
		Idade da iniciação sexual	Idade da primeira união	Idade no nascimento do primeiro filho	Idade da iniciação sexual	Idade da primeira união	Idade no nascimento do primeiro filho
15-19	Casos válidos	1381	443	377	1336	41	35
	Missing	1971	2909	2975	790	2084	2090
	Média	15,1	15,9	16,6	13,8	17,0	17,5
	Mediana	15,0	16,0	17,0	14,0	17,0	17,9
	Moda	15,0	15,0	17,0	15,0	17,0	17,0
	Mínimo	8,0	11,0	13,0	5,0	15,0	15,0
	Máximo	19,0	19,0	19,0	19,0	19,0	19,0
20-24	Casos válidos	2367	1381	1301	1558	297	267
	Missing	484	1470	1550	107	1369	1398
	Média	16,8	18,4	18,9	15,0	19,7	20,6
	Mediana	17,0	18,0	19,0	15,0	20,0	21,0
	Moda	18,0	19,0	19,0	15,0	20,0	22,0
	Mínimo	10,0	10,0	11,0	6,0	9,0	15,0
	Máximo	24,0	24,0	24,0	24,0	24,0	24,0
25-29	Casos válidos	2272	1808	1724	1268	624	584
	Missing	130	594	679	41	685	725
	Média	17,5	20,0	20,4	15,6	22,5	23,1
	Mediana	17,0	20,0	20,0	15,0	23,0	23,0
	Moda	18,0	18,0	20,0	15,0	23,0	23,0
	Mínimo	9,0	11,0	11,0	7,0	14,0	15,0
	Máximo	29,0	29,0	29,0	28,0	29,0	29,0
30-34	Casos válidos	1756	1642	1537	1050	786	714
	Missing	69	184	289	11	275	347
	Média	18,0	21,5	21,6	16,3	24,8	24,9
	Mediana	17,0	21,0	21,0	16,0	25,0	25,0
	Moda	16,0	18,0	20,0	15,0	25,0	25,0
	Mínimo	8,0	10,0	12,0	6,0	13,0	12,0
	Máximo	33,0	33,0	34,0	32,0	34,0	34,0
35-39	Casos válidos	1435	1413	1371	882	782	746
	Missing	47	68	110	10	111	147
	Média	18,0	21,7	21,8	16,5	26,0	26,3
	Mediana	17,0	21,0	21,0	16,0	26,0	26,0
	Moda	17,0	19,0	19,0	15,0	27,0	25,0
	Mínimo	9,0	11,0	13,0	8,0	15,0	14,0
	Máximo	39,0	39,0	36,0	38,0	38,0	38,0

40-44	Casos válidos	1190	1185	1142	732	706	672
	Missing	28	33	76	11	37	71
	Média	18,4	22,0	22,1	17,2	26,4	26,7
	Mediana	18,0	21,0	21,0	16,0	26,0	26,0
	Moda	16,0	19,0	20,0	15,0	26,0	25,0
	Mínimo	8,0	11,0	12,0	8,0	12,0	14,0
	Máximo	38,0	43,0	41,0	40,0	43,0	43,0
45-49	Casos válidos	1122	1137	1119	637	616	597
	Missing	34	19	38	1	22	42
	Média	18,4	21,8	22,0	16,8	26,3	26,5
	Mediana	18,0	21,0	21,0	16,0	26,0	26,0
	Moda	16,0	19,0	20,0	15,0	25,0	25,0
	Mínimo	8,0	12,0	12,0	10,0	15,0	14,0
	Máximo	45,0	46,0	43,0	41,0	47,0	47,0
50-54	Casos válidos				590	577	568
	Missing				1	14	23
	Média				17,7	26,7	27,2
	Mediana				17,0	26,0	26,0
	Moda				15,0	25,0	25,0
	Mínimo				8,0	13,0	14,0
	Máximo				48,0	49,0	51,0
55-59	Casos válidos				467	458	452
	Missing				1	10	15
	Média				17,2	27,2	27,0
	Mediana				17,0	26,0	26,0
	Moda				15,0	27,0	25,0
	Mínimo				8,0	15,0	14,0
	Máximo				35,0	55,0	55,0

Fonte: DHS 2012. Nota: 1) O número de missing é elevado porque para efeito de cálculo só foram incluídas as pessoas que haviam vivenciado o evento. 2) Todos os dados provenientes da DHS 2012 apresentados neste trabalho foram tabulados considerando o “peso”. Entretanto, os pesos disponíveis nos bancos são normalizados de tal forma que quando utilizados eles não expandem a amostra. O número total de casos com peso ativado segue sendo idêntico àquele da amostra sem o peso. Ao invés de uma expansão, ocorre uma ponderação, mas a amostra é de qualquer maneira representativa do universo.

Em síntese, a principal contribuição deste tópico foi frisar o quanto os diferenciais de gênero parecem ser significativos no processo de transição para a vida adulta no Haiti, com as mulheres realizando as transições familiares sempre em idades mais precoces do que os homens. A participação feminina em atividades econômicas é bem mais baixa do que a masculina em todas as idades, porém ressalta-se que comparando mulheres entre si, a participação feminina em atividades econômicas aumenta conforme elas se aproximam do final do período reprodutivo.

Capítulo IV

Metodologia

Para investigar a transição para a vida adulta dos jovens migrantes haitianos, este estudo baseia-se nos conceitos chave de trajetória e transição. As trajetórias de vida familiar, escolar, laboral e migratória dos jovens migrantes foram captadas a partir do emprego de metodologia puramente qualitativa. Optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas que permitem explorar as experiências subjetivas e introduzir novas questões ao longo da interação com os sujeitos entrevistados sempre que uma informação relevante surge, mas não estava previamente considerada no roteiro de entrevista.

Gil (2011) define uma entrevista como uma técnica em que o entrevistador questiona o entrevistado com o intuito de obter dados ou informações interessantes para a pesquisa. Os dados assim obtidos permitem tanto descrever fenômenos quanto eventualmente testar hipóteses que podem ser corroboradas ou rejeitadas pelos dados obtidos junto aos entrevistados. Para ele, a entrevista seria uma forma de interação social. Segundo Richardson (2012), a melhor maneira de saber o que está acontecendo no interior de um ser humano é por meio da interação face a face, pois nestas circunstâncias, a estreita proximidade que existe entre as pessoas possibilita a sensação de penetrar tanto na mente quanto na vida dos indivíduos. Por isso, a entrevista foi o método escolhido para este estudo. Por ser um método de interação social, ajuda a detectar muito bem acontecimentos retrospectivos, expectativas e reelaborações dos entrevistados acerca do projeto de vida (GIL, 2011; MICHEL, 2009). Portanto, ela é uma técnica que possibilita captar informações precisas e ter maior flexibilidade para *insights* ao longo da interação, sendo possível realizar rapidamente novas questões que explorem passagens obscuras da fala do entrevistado ou aspectos relevantes não previstos no momento de elaboração do roteiro.

Além disso, a entrevista parece ser muito útil para essa pesquisa como técnica de coletas de dados, por informar sobre o saber, as crenças, os sentimentos, o desejo dos migrantes. Permite captar informações sobre a ocorrência, o *timing* e a sequência dos eventos relevantes para a transição para a vida adulta, pois ao longo da entrevista explora-se a idade e as circunstâncias em que aconteceram: a saída da escola, a conquista do primeiro emprego, bem como os eventos significativos do ponto de vista afetivo e familiar.

Dentro dos níveis de estruturação das entrevistas, optou-se pela entrevista semiestruturada (MICHEL, 2009), mantendo-se um mesmo padrão na condução das entrevistas de acordo com o roteiro previamente estabelecido, mas dando-se liberdade para uma interação social mais próxima de uma conversa. Este roteiro foi estruturado em seis tópicos e permite comparar facilmente as informações levantadas (GIL, 2011).

O roteiro contempla 51 perguntas abertas e foi redigido originalmente na língua francesa (ver Anexo). São eles:

1. História retrospectiva (infância e adolescência)/ contexto de vida no país de origem: nesse bloco há quatro perguntas que exploram a história do entrevistado no país de origem até o momento do terremoto;

2. Catástrofe ambiental (como ela afetou as decisões dos jovens): Com a hipótese de que o terremoto pode ser um dos fatores que incentivaram os jovens a deixar o país, questionamos sobre a experiência de vivenciar o terremoto de 2010.

3. Processo migratório: As perguntas deste tópico foram úteis por nos informar sobre as motivações da migração, a decisão pelo país de destino, a vivência no Brasil e por recuperar informações sobre o percurso que seguiram desde a chegada ao Brasil.

4. Perspectivas futuras e mudanças possíveis na vida dos jovens: esse tópico tem a ver com os sonhos atuais e as perspectivas futuras desses jovens além de explorar as mudanças que essa migração traz na vida de cada entrevistado.

5. Eventos relacionados à transição para a vida adulta: Esse é o tópico mais importante do nosso roteiro. As perguntas têm exatamente a ver com os principais eventos transicionais (saída da escola, entrada no mercado de trabalho, saída do domicílio da família de origem, conjugalidade e nascimento do primeiro filho). Em linhas gerais, essas perguntas permitem captar exatamente quando acontece cada evento e o seu contexto.

6. Significado de “ser jovem” e “ser adulto”: Nesse tópico, como sugere o título, os jovens dão a opinião deles sobre o que é “ser jovem” e ser adulto. O que pode nos ajudar a captar a percepção deles sobre os dois conceitos. E por fim pede-se que eles deem um recado aos jovens haitianos que pretendem migrar para o Brasil.

Com esse conjunto de informações, buscamos entender a transição para a vida adulta e o curso de vida dos entrevistados. E por fim, explorar se a migração pode ser

considerada como um evento a mais a marcar o processo de transição destes jovens haitianos.

Por ser um fluxo heterogêneo, tomou-se a liberdade de realizar as entrevistas em *créole*. Isso porque, nem todos os haitianos conseguem falar a língua francesa fluentemente. Foi uma forma de deixar o entrevistado mais à vontade. As entrevistas duraram entre trinta minutos e uma hora. Foram entrevistados 20 jovens haitianos entre 20 e 33 anos. Considerou-se essa faixa etária porque, como foi dito no capítulo II, o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Haiti considerou como jovens pessoas de 15 a 34 anos.

As entrevistas foram realizadas em julho de 2014 no pátio da Igreja Nossa Senhora da Paz, localizada no Bairro da Liberdade, na Rua Glicério no centro de São Paulo, onde funciona a casa do Migrante dirigida pelos religiosos Scalabrinianos. O Bairro da Liberdade é um lugar reconhecido pela sua tradição em acolher migrantes. Os haitianos não são o primeiro fluxo migratório acolhido no bairro. Antes dos haitianos, já passaram pela Casa do Migrante: bolivianos, chilenos, colombianos, coreanos dentre outras nacionalidades. Aliás, logo quando se deixa a estação de metrô da Liberdade seguindo o caminho que leva à Rua Glicério onde fica a Igreja Nossa Senhora da Paz, olhando os prédios, as lâmpadas das ruas, dá para perceber a semelhança com um bairro japonês.

Desde o portão de entrada do pátio da Igreja é possível notar o grande volume de pessoas espalhadas sob uma tenda gigantesca de cor laranja. Nitidamente eles buscam se proteger do sol e da chuva. Embora a Casa do Migrante administrada pelos Scalabrinianos receba pessoas de diversas procedências, aparentemente, a maioria é composta por africanos subsaarianos e haitianos. Geralmente os haitianos foram pequenos grupos e conversam em *créole* a maior parte do tempo. Por suas palavras, por seus gestos é relativamente fácil perceber aqueles que são originários do Haiti. Tal como costumava chamar uma comunidade haitiana em Miami - *little Haiti*, no pátio da Igreja a sensação era a mesma, que ali se encontrava um pequeno Haiti. Na verdade alguns vieram para conversar com amigos. Alguns vieram esperar a chegada de representantes de empresas que contratam trabalhadores haitianos. Outros que moram perto passam para ver se não havia algum conhecido nas redondezas. Outros já estão estabelecidos na cidade e passam pelo local para conversar, enquanto esperam pelo horário do trabalho. Outros ainda tinham acabado de chegar carregando suas malas. Alguns se espalham pela calçada da rua na frente

da igreja. A poucos metros dela, fica o abrigo construído pela Prefeitura de São Paulo, onde estão temporariamente recolhidos os migrantes sem moradia e sem familiares na cidade.

Na igreja, existe um serviço denominado Missão da Paz, que tem como objetivo: “Acolher os migrantes, os imigrantes e os refugiados, entendendo a história, respeitando a identidade, visando a integração e o protagonismo de cada um deles no novo contexto social, fortalecidos pela riqueza do encontro intercultural e unidos em torno da construção da cidadania universal” (MISSÃO DA PAZ, 2014)⁵⁰. A missão da Paz é uma obra dos missionários São Carlos – Scalabrinianos. Esse serviço começou em 1978, ainda durante o processo de êxodo rural⁵¹. O surgimento deste serviço de assistência ao migrante inicia-se devido à inquietação da sociedade paulista ao perceber a chegada dos imigrantes como um problema social. No começo, a missão recebeu na sua grande maioria, migrantes internos e depois passou a acolher imigrantes e refugiados. A Casa do Migrante conta com estrutura e equipe para realizar atividades (biblioteca, festas especiais, aula de português para os estrangeiros entre outras). Algo interessante é que, embora não seja acadêmica, a comunidade tem uma revista denominada *Travessia* para informar o público interessado sobre a situação dos migrantes.

Antes de iniciar cada entrevista, era lido o termo de consentimento livre e esclarecido. O migrante abordado podia decidir participar ou não da pesquisa. Em caso de concordar em prestar as informações solicitadas, o entrevistado assinava o termo.

Como vimos no capítulo II, a migração haitiana para o Brasil é em linhas gerais jovem e masculina. Dentre os 20 entrevistados, 19 entrevistados eram do sexo masculino e apenas 1 do sexo feminino. Destaca-se que embora o ambiente fosse de fato muito mais masculino que feminino, as poucas moças elegíveis para a pesquisa em sua grande maioria negaram-se a responder o questionário, especialmente em função das entrevistas serem gravadas. Provavelmente isso pode ter a ver com a relação de gênero no Haiti. A nossa hipótese é que os meninos haitianos parecem mais abertos do que as meninas. As moças têm um comportamento muito tradicional se comparadas aos rapazes. Talvez isso também possa ter a ver com o acesso à educação favorável aos rapazes, permitindo-lhes maior desenvoltura frente a situações novas que lhes são colocadas.

⁵⁰ Missão da Paz. Disponível em: <http://www.missaospaz.org/#!/about/c1wfv>. Acesso: 08/09/2014.

⁵¹ Missão da Paz. Disponível em: <http://www.missaospaz.org/#!/cdm/c1wgx>. Acesso: 08/09/2014.

Capítulo V

As vozes dos jovens haitianos em São Paulo: Análise dos resultados

5.1 História retrospectiva e contexto de vida no país de origem

Neste tópico busca-se resgatar a história de vida dos migrantes e o contexto de vida deles no país de origem. Embora a nossa população alvo seja o grupo de 15 a 34 anos, foram entrevistados um total de 20 jovens de 20 a 33 anos, 19 do sexo masculino e apenas um do sexo feminino. Todos vieram para o Brasil exatamente depois do terremoto que ocorreu em janeiro de 2010, sendo que a grande maioria dos entrevistados (17) chegou ao país entre 2013 e 2014. Metade é proveniente de áreas rurais e a outra metade de áreas urbanas. Mais da metade (11) não cresceu no lugar onde nasceu. Isto é devido a várias razões: migração familiar, separação dos pais, mudança de escola ou falta de hospitais em algumas regiões, o que levou a mãe a dar à luz em uma localidade distinta daquela de residência.

Entre os 20 entrevistados, a maioria (15) vem de famílias biparentais. Ou seja, eles cresceram com pai e mãe, embora alguns deixem a casa da família de origem para continuar a escola secundária. Este foi um elemento repetitivo durante a nossa investigação e indica restrições ao acesso à educação em algumas regiões do Haiti. Depois do ensino primário, o aluno precisa deixar sua localidade de origem e migrar para alguma área mais desenvolvida para cursar o ensino secundário. É possível que o mesmo ocorra na sequência, na transição do ensino secundário para o superior.

Também foram encontradas configurações familiares alternativas. Um entrevistado cresceu só com a mãe, um segundo com o pai e depois com a mãe, em razão da morte do pai. Outros três cresceram com os avós, seja porque eram órfãos ou porque a mãe não dispunha de tempo para cuidar dos filhos. Aqueles que cresceram com pai e mãe relatam ter tido uma infância e uma adolescência relativamente felizes. Aqueles que cresceram com avô, avó e outros familiares sofreram mais devido ao sentimento de perda provocado pela morte da mãe, do pai ou de ambos. Os trechos a seguir explicam muito bem a situação:

Quando era criança, não encontrava muitas dificuldades, o meu pai tinha o necessário para ajudar a gente a crescer. Também meus pais tinham uma paixão especial por mim

porque tive sempre um bom comportamento. Na minha adolescência, a nossa relação era a mesma (Entrevistado 12; 24 anos).

Eu não tive uma infância feliz. Meu pai morreu quando eu tinha 8 anos, minha mãe morreu, eu tinha 11 anos. Desde este momento eu que lutei sozinho para crescer. A minha vida foi muito difícil. Foi terrível. A minha adolescência foi do mesmo jeito. Estava morando com a minha avó, depois ela foi morar nos Estados Unidos, fiquei morando com meu irmão. A minha avó foi pra mim uma mãe. Mas depois dela ir para os Estados Unidos, eu fiquei com o meu irmão, até agora ele é meu melhor amigo (Entrevistado 19; 28 anos).

Desde pequeno, fui alguém bem categórico. Não gostava de brincar, sempre estudei minhas lições. Era uma criança, mas tinha um comportamento de adulto. Na minha adolescência, tinha poucos amigos na escola, tentei viver de um jeito que não prejudicou a minha vida. Cresci de acordo com o meu pensamento, e foi muito bom viver assim. Quando estava no Haiti, eu estava terminando os meus estudos em direito. Lamento muito a minha vinda para o Brasil. Usei o dinheiro da minha monografia para vir aqui, no Brasil. O jeito de viver é muito caótico. A minha vinda aqui é um erro muito grave. Quando estava no Haiti, estava morando em Petit-Goaves. Comecei a escrever a minha monografia, mas infelizmente, gastei a minha vida, fiz uma experiência que não me ajudou em nada. Depois de 2, 3 anos poderia ser alguém importante no meu país. Estava morando com meu pai, minha mãe e meus irmãos. Eu sou o segundo filho de uma família de três filhos. (Entrevistado 6; 31 anos).

A maioria desempenhava alguma atividade econômica antes de migrar (negócio próprio, trabalhar com o pai na agricultura ou no exterior, comércio etc.). Quatro eram estudantes universitários ou ainda frequentavam a escola quando estavam no Haiti, sendo que um deles estava procurando emprego. Quatro não estudavam nem trabalhavam.

No que diz respeito ao tamanho da família, a pesquisa revelou que na atualidade o número de filhos por família é ainda alto. Há casos extremos de entrevistados que vêm de famílias de até 25 filhos no total. Algo importante que revelou a investigação é que uniões sucessivas ao longo da vida são muito comuns no Haiti. Vários entrevistados ao serem questionados sobre o número de irmãos perguntavam se deveriam considerar os irmãos de mesmo pai e mãe ou se deveriam contar os meio-irmãos, ou seja, filhos só do pai e só da mãe. Nesta contagem foram considerados os irmãos e irmãs nascidos em qualquer circunstância: filhos só do pai, só da mãe e de ambos.

5.2 Catástrofe ambiental

O segundo bloco de perguntas aborda as consequências do terremoto buscando explorar como essa catástrofe afetou as decisões dos jovens e pode ter culminado na reelaboração dos projetos de vida. Durante o terremoto, quase todos os entrevistados estavam morando em uma cidade no Haiti. A maior parte morava na capital (8), três no norte do país (mais especificamente em Cap-Haitien), quatro no departamento de Artibonite (Gonaives), três no sul (Saint Louis du Sud e Aquin), dois moravam no exterior (República Dominicana e Ilha de Providência), sendo que um deles estava visitando o Haiti na época do terremoto.

O terremoto trouxe uma sensação de tristeza com a morte de familiares, de amigos e vizinhos, além de perdas materiais. Alguns ficaram traumatizados psicologicamente pensando em tantos mortos, feridos e destruição que essa tragédia causou. Alguns ficaram dias sob os escombros. É o caso de um entrevistado e mais outros quatro amigos que sobreviveram em uma sala de 150 alunos. Para eles, o terremoto foi um momento inexplicável e inesquecível.

Para três rapazes, o terremoto não trouxe grandes mudanças em suas vidas, pois mesmo depois do terremoto continuaram a seguir suas rotinas (estudar, trabalhar ou não fazer nada). Isso é devido ao lugar onde aconteceu o terremoto. As áreas pouco atingidas tiveram menos dificuldades para recomeçar as atividades cotidianas. No entanto, aconteceram mudanças significativas na vida dos outros.

O terremoto ensina alguns a aproveitar de cada momento de suas vidas incentivando-os a valorizar o seu tempo, ou seja, a fazer o que puder no presente. Para alguns ainda, a catástrofe aumentou a sua capacidade de tolerância, de convivência e de entender os outros. A vida de alguns ainda mudou com a ajuda de ONGs que atuam no país depois da catástrofe. Foi o caso de um dos rapazes entrevistados que relatou haver recebido de médicos estrangeiros tratamento para uma doença grave. A cura exigia uma cirurgia que em condições normais lhe custaria \$9000 dólares. Porém, devido à ajuda humanitária destinada ao Haiti em razão do terremoto, os médicos estrangeiros lhe ofereceram a cirurgia gratuitamente.

Antes de vir para o Brasil, mais da metade (12) estava exercendo alguma atividade econômica: trabalho informal, negócio (vendedor de refrigerante, cartão telefônico ou

ajudando o pai na agricultura, por exemplo). Outros (4) estavam estudando, quatro não estavam fazendo nenhuma atividade.

Durante o terremoto estava em Cap-Haitien assistindo novela. Depois do terremoto, vendo as imagens fiquei muito triste, muito frustrante. Não perdi ninguém da família, mas perdi um amigo que estudava Direito comigo e também estudava Linguística em Porto Príncipe. Este evento não muda muitas coisas na minha vida, continuei a morar lá estudando, não trabalhava. Mas enquanto homem intelectual, cada fato observado faz com que você compreenda muito mais a vida. Não tive nenhuma perda. (Entrevistado 1; 33anos).

Depois do terremoto fiquei muito triste, perdi meu irmão em Porto Príncipe, eu tenho uma deficiência no pé agora [por causa do terremoto]. Às vezes eu me digo: eu preferia estar no lugar do meu irmão. Eu preferia morrer no lugar do meu irmão, pois ele poderia fazer muito mais coisas para minha mãe do que eu. Durante o terremoto estava na frente da minha casa, ia entrar, logo a terra começou a tremer, todo mundo que estava em casa morreu. A gente não conseguiu fazer nada. Depois do terremoto isso me deixou muito louco, estou sempre pensando no meu irmão. Muita gente perdeu a sua vida. Perdi tudo na casa. O meu primo morreu. A minha namorada morreu. Consegui viver melhor quando cheguei aqui. Vendi algumas coisas e venho aqui para ter uma solução (Entrevistado 14; 30 anos).

Durante o terremoto estava na escola. Quando estava no Haiti tinha uma vida de “Bras” [expressão em créole que se aproxima da ideia de um “faz tudo”, ganhava dinheiro acompanhando as solicitações de passaporte e agilizando este processo para quem requisitava]. Para comer tinha que pedir para um amigo, ou uma mulher. Antes de vir aqui estava morando em Tabarre [Porto Príncipe] sozinho. Esse evento me ensina que sou um “homem”, eu me tornei mais responsável. O terremoto mudou muito minha vida. Eu tinha que fazer uma cirurgia. Eu precisava de US \$9000, depois do terremoto eu fiz essa cirurgia de graça com alguns médicos da Turquia ou da Suíça. Essa doença é muito comum entre os asiáticos, cresci com ela sem saber. Aproveitei para fazer a cirurgia. Também antes eu pagava aluguel, depois do terremoto não pagava mais (...). Não tive nenhuma perda material e não perdi ninguém da minha família. A minha vida é inexplicável, para te explicar a minha vida isso pode demorar dois anos. (Entrevistado 19; 28 anos).

5.3 Processo migratório

Dos 20 entrevistados nove entraram no Brasil sem visto. Os caminhos são diversos. Alguns saíram do Haiti para a República Dominicana com visto dominicano. Quando chegaram ao país vizinho, parte deles seguiu diretamente para o Equador, enquanto outros utilizaram a conexão área Panamá-Ecuador. Do Equador, eles viajaram para o Peru de ônibus, e a partir do Peru entraram pela fronteira norte do Brasil. Quando chegaram à fronteira, eles adotaram três destinos principais: Tabatinga, Rio Branco e Brasiléia.

Entre os nove que entraram sem visto, há dois casos que chamam muita atenção: um primeiro que já estava trabalhando na República Dominicana seguiu uma das rotas indicadas acima, viajando da República Dominicana para o Equador e daí para o Peru e finalmente Brasil. Outro seguiu um trajeto menos usual, partindo do Haiti para Bogotá (Colômbia). De lá foi para a Argentina, provavelmente porque este país não exige visto de haitianos. Na sequência seguiu para o Brasil. Ou seja, nem todos os haitianos saíram direto do Haiti com a intenção clara de chegar ao Brasil. Além do caminho já explicado na literatura recente (FERNANDES e CASTRO, 2014), existem outras trajetórias migratórias possíveis.

Para alguns, a viagem, embora fosse cansativa, não foi difícil, pois tinham algum dinheiro para pagar transporte e hospedagem. A solidariedade entre migrantes é traço frequentemente relatado, não raro os haitianos entrevistados mencionam ter ajudado algum compatriota no caminho. As maiores dificuldades se coloram para aqueles desprovidos de recursos financeiros. Especialmente a travessia do trecho da viagem entre Equador e Peru impôs experiências bastante desgastantes. Era neste momento da viagem que a penúria começava a se manifestar para aqueles menos abastados, pois neste trecho já não havia dinheiro para transporte, hospedagem e comida. Ademais, para chegar até o Brasil eles passavam dias viajando de ônibus, eles se queixam pela falta de conforto durante a viagem e o custo da propina que tinham que pagar para os agentes da polícia peruana na fronteira entre Peru e Brasil.

Aqueles que vieram com visto saíram pela conexão área Haiti-Panamá-São Paulo, desembarcando diretamente em Guarulhos. Entre esses que já possuíam visto, o destino de alguns inicialmente não era o Brasil, era o Equador. Eles tiveram a ideia de vir para o Brasil depois de algum tempo de residência no Equador. Nestes casos, eles obtiveram o visto para entrar no Brasil realizando a solicitação na embaixada brasileira no Equador.

O custo da viagem é variado dependendo da situação de cada entrevistado. Em linhas gerais, pode-se chegar a gastar até 4000 dólares americanos. Os jovens que cruzam a fronteira do Brasil com o auxílio de um coioote terminam por investir muito mais recursos na viagem do que aqueles que contam com um visto para entrar no Brasil. As pessoas que contratam coiootes enfrentam situações muito mais graves e se submetem a condições de viagem muito mais precárias, sem conforto ou garantias. Elas pagam mais caro e a

qualidade da viagem é bem pior. Alguns se arriscam porque o serviço na embaixada demora e eles têm a angústia de ajudar os familiares que estão no Haiti. Outros se arriscam porque eles não conheciam ainda a realidade dos coiotes, e sequer haviam buscado informações na embaixada brasileira.

Certos relatos fazem menção a indícios de corrupção no processo de obtenção de visto na embaixada do Brasil no Haiti. Alguns migrantes afirmam que em condições normais a taxa para obtenção de visto junto à embaixada custa US \$200, porém há casos em que pagaram mais caro. Isto porque, considerando as dificuldades em obter um visto, conversaram com algum funcionário da embaixada, que por sua vez exigiu uma soma maior do que o preço fixado em tabela (US \$200) para agilizar os trâmites de liberação do visto. Embora não se tenha levantado dados mais precisos, esta informação mereceria ser checada e investigada pelas autoridades brasileiras para garantir a transparência, justiça e lisura no processo.

Para 6 dos 20 entrevistados a viagem apresentou algum tipo de perigo (roubo ou furto). Eles acreditam que a travessia impõe riscos, sobretudo, para as mulheres. Como era de se esperar, esses seis jovens vieram sem visto. Outros três, ainda que sem visto, não sofreram nenhum tipo de violência, queixando-se apenas do cansaço da viagem. Entretanto, eles assumem terem ouvido conterrâneos reclamarem de roubos. Entre os entrevistados que com visto a situação é bem diferente. Eles não costumam ser roubados. O único perigo que existiria, segundo eles, é o risco de viajar de avião.

Todos os entrevistados já obtiveram um documento brasileiro logo quando entraram no país. Eles têm CPF, carteira de trabalho e registro nacional de estrangeiros. Os onze entrevistados que já chegaram ao Brasil com visto concedido pela embaixada do Brasil no Haiti obtiveram visto humanitário de residência permanente de cinco anos. No entanto, entre aqueles que vieram pela fronteira sem nenhum tipo de visto (9 no total), dois já conseguiram visto humanitário e os outros sete estão esperando sair esse documento que eles desejam tanto. Vale ressaltar que, esse visto humanitário poderá ser renovado por igual período no caso de comprovação de atividade laboral no Brasil.

Mais da metade dos entrevistados já tinha a cultura de migração⁵², pois onze já contavam com a experiência de haver vivido no exterior mesmo que por períodos curtos a trabalho ou como visitantes, antes de chegar ao Brasil. Os destinos não são diferentes daqueles citados pela literatura sobre migração haitiana, são eles: República Dominicana em primeiro lugar, Ilha de Providência, Bahamas, Dominica e Chile. A idade dessa primeira experiência internacional varia entre 17 e 27 anos.

A seguir, destacam-se alguns trechos que explicam o percurso migratório desses jovens.

Pergunta: Por favor, você pode contar para mim um pouco do seu percurso antes de chegar aqui em São Paulo?

Entrevistado: O visto não foi fácil, embora eu tivesse o dinheiro. Paguei US \$2000 para alguém [coiote] que geralmente faz viagem pra conseguir chegar. Sempre pensei que uma passagem não poderia ser tão cara, mas não conhecia ainda a realidade. Não foi isso que eu quis, mas foi o caminho mais fácil. Tinha o visto da República Dominicana, fui para lá. Depois fui para o Equador, do Equador fui para o Peru. Quando cheguei ao Peru, tive que dar algum dinheiro para a polícia me deixar passar. Saí do Peru de ônibus para chegar ao Acre. Antes ficava muito chateado, fiquei me perguntando por que deixei o meu país. Se tivesse conhecido a situação, não deixaria o Haiti para vir aqui nessa condição. Quando cheguei à fronteira do Acre, a minha situação mudou. Já tinham táxis para levar as pessoas até o lugar para fazer os documentos. Quando cheguei lá, eles priorizaram os haitianos (tinham africanos também). Mas uma vez que você está na fronteira, é como se você estivesse em casa. O acolhimento foi perfeito. Não tinha uma casa, tinha um abrigo. Mas isso não quer dizer que o governo brasileiro não faz nada para os haitianos, pois o volume de haitianos era muito grande. Quando cheguei lá, tinha um amigo que conhecia alguém que alugou uma casa, fiquei um mês lá na casa dele, e depois de um mês vim aqui para São Paulo. Não conhecia o amigo antes. A viagem foi cansativa, sobretudo quando cheguei ao Peru. Eles não roubaram minhas coisas. Mas a polícia estava muito atenta e pedia dinheiro para gente.

Pergunta: Você já tirou um documento brasileiro?

Tenho um passaporte e já tirei alguns documentos brasileiros: CPF, carteira de trabalho, RNE. Agora estou esperando, já fiz o processo, agora é só esperar.

Pergunta: Antes de vir aqui você já tinha morado em outros países?

Entrevistado: Antes de vir aqui, nunca morei em outros países. Mas já visitei a República Dominicana. Fui em 2007 e em 2012 (Entrevistado 5; 25 anos).

Para chegar aqui conversei com alguém que me disse que ele poderia me ajudar se eu tivesse algum dinheiro. Perguntei se o voo ia ser direto. Ele respondeu que eu teria que passar pelo Equador e depois pegar um ônibus até o Peru. Rápido percebi que é algo

⁵² Cultura de migração é um termo utilizado por Zenteno, Giorguli, Gutierrez (2010) para explicar o quanto a migração é algo importante e inescapável para que os adolescentes mexicanos façam a transição para a vida adulta.

ilegal. Não me comprometi. Eu fui à embaixada do Brasil, infelizmente não estava conseguindo o visto, conversei com alguém que trabalha na embaixada mesmo, ele falou que se eu pudesse dar algum dinheiro a mais, eu poderia ter o visto mais rápido. Dei US \$700, e consegui o visto. O caminho que fiz foi: Haiti – Panamá, Panamá - São Paulo. A viagem foi tranquila, mas eu ouvi algumas pessoas falando que eles perderam algumas bagagens. Tenho um passaporte, meu visto. Aqui já tirei vários documentos, CPF e já saiu a minha residência. Antes de vir aqui já morei no Panamá. Tinha 21-22 anos (Entrevistado 9; 25 anos).

Não foi difícil para ter o visto. Peguei uma fila, mas é normal pegar uma fila. Preço: US \$200. Percurso: Haiti-Panamá, Panamá - São Paulo (Guarulhos). A viagem foi tranquila. Não tinha nenhum outro tipo de perigo. Já tirei o meu CPF, tenho a minha carteira de trabalho e depois de 6 meses consegui a residência permanente. Antes de vir, já morava em outros países, fui deportado da Ilha Providência quando tinha 27 anos. (Entrevistado 8; 29 anos).

Já tinha o visto da República Dominicana, fui lá. Da República Dominicana fui para o Equador onde tinha um amigo e um tio. Quando cheguei, eu fiz uma solicitação de visto na embaixada do Brasil no Equador. De lá, comprei uma passagem de avião para o Brasil. Cheguei a São Paulo com um visto de cinco anos. A viagem foi tranquila. Não tinha nenhum risco de perigo. Já tirei documento brasileiro e atualmente já tenho a minha carta de residência. Antes de vir aqui, já vivi em outro país, fui à República Dominicana para as férias. Tinha 21 anos. (Entrevistado 1; 33 anos).

5.3.1 Motivações para migrar

Nesse tópico que conta um pouco o processo migratório, tivemos a oportunidade de explorar as motivações da migração desses jovens. Entre essas motivações, o elemento mais citado é a procura de uma vida melhor (busca por emprego e uma melhor condição de vida). Os jovens se queixam da situação econômica do país. Aqueles que conseguiram chegar ao nível superior, depois da formatura, não lograram inserção no mercado de trabalho formal. Essa situação se repete entre aqueles que não tiveram a chance de terminar a escola e se capacitar profissionalmente. Para esses jovens a única saída foi a migração internacional no anseio de encontrar uma vida melhor e ter novas experiências.

Deixei o país porque eu quis fazer outra experiência. Depois de ficar 14 anos na escola e mais 4 anos na faculdade, você não pode conseguir um trabalho, embora você estivesse em uma escola pública. Você pode conseguir um trabalho mais rápido num país estrangeiro do que no Haiti. Isso é uma das razões pelas quais deixei o país. Conversei com algumas meninas hoje de manhã, até perguntei para elas se elas estão loucas, porque eu não sei o que a gente está fazendo aqui. Essas meninas são enfermeiras e trabalhavam no OXFAM, elas estão aqui no abrigo, desde que elas chegaram aqui, elas não conseguiram trabalhar nenhum dia. O problema é que as empresas exigem experiência de trabalho. Já tinha a ideia de deixar o país. Pensei fazer um estudo no estrangeiro. O meu

modelo foi o meu professor de criminologia, eu sempre quis que a minha vida fosse como a dele. Por isso, que quis deixar o país, e quis fazer algo mais rápido, por isso que estou aqui, mas infelizmente... Eu sempre quis ir para França. Sempre pensei solicitar uma bolsa na França para fazer um estudo avançado em criminologia ou direitos humanos. Aqui também, mesmo que vou ficar só um ano, tenho que estudar. Eu não me importo de gastar muito dinheiro, mas tenho que estudar... (Entrevistado 6; 31 anos).

O que me incentivou a vir aqui é que, como você sabe, o Haiti é um país onde os jovens migram cada vez mais. Eles não têm um futuro se ficar no país. E você tem que ter uma família, filhos. Têm que pensar em tudo isso, e o que você está fazendo como trabalho não responde a necessidade. Você pode ficar muito tempo no Haiti e você não resolve nada, você tem que deixar o país para buscar algo melhor, pois no Haiti tem uma falta de organização. Tive que deixar mesmo. O terremoto não é a única causa que me fez deixar o país. Do jeito que está a situação, ia deixar o país um dia. Eu não tinha uma preferência. O que é claro é que eu sempre pensei em deixar o país. (Entrevistado 3;30 anos).

Deixei o Haiti por conta da situação econômica do país. No Haiti não tem trabalho, para me sustentar eu tive que criar outra saída. Desde antes do terremoto, eu tinha a ideia de migrar. Só que não tinha condição ainda para fazer isso. Estou ficando velho, eu não posso fazer ainda nada na minha vida, tenho muitos irmãos, a minha família é grande, eu tive que sair mesmo para tentar ter algo para fazer. (Entrevistado18; 32 anos).

Outro elemento muito citado é a questão de “Baccalauréat” no Haiti. No sistema educativo haitiano existe um exame oficial durante os dois últimos anos do ensino médio denominado “Baccalauréat”. Para facilitar a compreensão, ele seria em parte comparável ao Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM no Brasil. Ser aprovado neste exame é condição necessária para o ingresso na universidade. Por outro lado, ele não garante por si só uma vaga na universidade, pois todos os candidatos aprovados no “Baccalauréat” devem ainda se submeter a uma espécie de vestibular. Na ausência de uma “boa” escola, a chance de reprovar neste teste é muito grande. Nesse contexto, depois de se submeterem às provas do “Baccalauréat” por três anos seguidos ou mais sem obter êxito, é comum os jovens decidirem deixar o país para trabalhar.

Um terceiro motivo tem a ver com a procura de independência. E a angústia de ajudar a família de origem. Muitos jovens ficam preocupados com o futuro. Eles se queixam que eles estão ficando velhos e ainda não realizaram nada na vida deles.

Um último fator a listar seria o conselho de um membro da família para migrar, tal foi o caso de um entrevistado que deixou o Haiti para morar no Brasil pensando que um visto humanitário de residência permanente neste país facilitaria a entrada nos Estados

Unidos. Com isso pode-se pensar que o Brasil representa apenas uma etapa migratória que tem como destino final um país desenvolvido.

É que na minha cidade em Gonaïves, se alguém não consegue passar no BACC de primeira, a chance de passar outras vezes é mínima. Foi o meu caso. Decidi deixar o país. Tenho que dizer que a maioria dos jovens que estão no Haiti tem só uma ideia: deixar o país. Tinha sempre a ideia de deixar o país. Pensei nos Estados Unidos. Aliás, já tentei ir, mas não consegui. Tenho muitos familiares lá. (Entrevistado 12; 24 anos).

Estou ficando velho. Quero ficar independente. Não quero viver contando com os meus pais. Quero fazer os meus próprios bens, também para ajudar os outros que ficam lá no Haiti. Desde os 14 anos que tenho a ideia de deixar o país, mas mesmo assim ia deixar um dia. O Haiti não oferece nada para a gente. (Entrevistado 13; 22 anos).

Não foi a minha decisão. Foi a decisão do meu namorado que está em Miami agora. Depois vou morar com ele. Tinha a ideia de visitar outros países e voltar logo para o Haiti. Não tinha a ideia de deixar o país de uma vez (Entrevistada 15; 26 anos, única moça que aceitou participar da pesquisa).

Parece que o terremoto não interferiu diretamente na decisão de migrar. Quase todos (17/20) já tinham a ideia de deixar o país bem antes de o terremoto acontecer. Talvez com o terremoto o desejo tenha aumentado, ou a catástrofe tenha acelerado o processo, mas deixar o país aparentemente sempre esteve no horizonte da grande maioria. Apenas um afirma ter migrado por causa do terremoto. Isto porque o terremoto destruiu todas as suas máquinas de costura (trabalho com que sobrevivia). Outro já estava morando no exterior (República Dominicana), e o último afirma que nunca teve a ideia de deixar o país, mas “do jeito que está a situação, a única saída é migrar”.

5.3.2 Decisão pelo país de destino

Mais da metade (13) dos entrevistados afirma que eles nunca pensaram em migrar para o Brasil. Eles estão aqui devido a facilidades comparativas: é mais fácil migrar para o Brasil do que para outros países. Essa facilidade pode ser explicada por vários fatores: alguns viram no país uma oportunidade que eles não quiseram perder. Outros acreditam que as portas do Brasil fossem abertas para eles, outros ainda comprovaram essa facilidade, pois eles já tinham feito várias tentativas de ir a outros países como os Estados Unidos, mas não conseguiram cruzar a fronteira.

Estou aqui no Brasil porque ele oferece essa oportunidade embora ele não esteja preparado ainda para fazer isso. Todos os haitianos gostariam de ir para a França, o Canadá e para os Estados Unidos, só que para ir nesses países o processo é muito difícil (Entrevistado 20; 28 anos).

Estou aqui no Brasil porque foi uma oportunidade. Já tentei ir para os Estados Unidos, não consegui. Já tinha meu irmão aqui antes de vir. Informações é o que não falta no Haiti. O governo haitiano conversou com o governo brasileiro, o Brasil abriu um caminho para os haitianos. Você pode ver que vários africanos estão aproveitando das oportunidades dos haitianos. Quando eles vêm aqui, eles não têm o mesmo tratamento que os haitianos (Entrevistado 12; 24 anos).

Outro elemento bastante citado para explicar a escolha pelo Brasil como país de destino é o fato de que estar no Brasil possibilitaria reemigrar para outros países, pois é mais complicado solicitar visto para um terceiro país vivendo no Haiti. Muitos já tentaram ir para outros países enquanto residiam no Haiti, mas não conseguiram.

Estou aqui porque eu sei que eu posso ter mais chance de ir para outros países. O Brasil não é meu destino (Entrevistado 6; 29 anos).

Outros fazem alusão ao desenvolvimento econômico do Brasil. Eles acreditam que o país pode oferecer oportunidades de emprego, sobretudo no período da copa do mundo de 2014. O que contribuiria para a realização de projetos futuros.

O Brasil é um país que está se desenvolvendo, eu acho que vou conseguir realizar os meus sonhos aqui. Desde mesmo antes do terremoto tinha a ideia, pois meu sonho era estudar no exterior. Felizmente vem essa oportunidade e aproveitei. Pela facilidade de língua, tive a vontade de ir a um país francófono (Bélgica, França, Suíça, Canadá). O Brasil não estava na minha lista. Estou aqui hoje porque ninguém conhece o seu destino, a vida me pôs aqui, e obedeci (...) (Entrevistado 2; 23 anos).

Outros ainda decidiram vir para o Brasil com a esperança de que eles poderiam ter mais chances de estudar, pois a situação é bem caótica no país de origem.

Estou aqui no Brasil hoje pensando que teria mais chance de estudar. Mas, durante todos os meus estudos clássicos, sempre imaginei fazer um mestrado num país francófono: Bélgica, Canadá, França... (Entrevistado 1; 33 anos).

Antes de vir para o Brasil, a maioria (18) dos entrevistados já conhecia alguém que estava morando no país. Isto evidencia a importância do papel das redes no processo migratório. Parece que a questão da migração para o Brasil foi um assunto muito debatido entre os haitianos e no Haiti, pois as fontes de informações para vir ao país sul-americano são bem diversificadas. Entre essas fontes podemos citar: membros da família, amigos, colegas, embaixada do Brasil no Haiti e internet. Apenas dois indivíduos não tinham nenhum contato antes de migrar.

Já conhecia alguns, amigos, colegas meus antes de vir aqui. Eles compartilharam informações comigo e também fui buscar informação pela internet. (Entrevistado 2; 23 anos).

Antes de vir aqui já conhecia algumas pessoas (Haitianos). Consegui informações por meu tio enquanto estava no Equador. (Entrevistado 1; 33 anos).

Estou no Brasil é para buscar uma vida ainda bem melhor, na República Dominicana, o meu salário podia dar só comida. Aqui pensei que poderia pagar escola, moradia, além da comida. Não tinha nenhuma informação, todo mundo está vindo, eu também, eu venho. Se eu tivesse pensado antes não viria. Aqui a situação é muito ruim. Até agora não consegui mandar nada para a minha família. Se eu tivesse uma passagem, eu voltaria para República Dominicana (Entrevistado 11; 29 anos).

5.3.3 Chegada ao Brasil

Treze (13) dos jovens estão encontrando sérias dificuldades para se adaptar ao Brasil, enquanto outros sete (7) não revelam grande incômodo diante das primeiras dificuldades encontradas no país de acolhida. A dificuldade desses jovens é consequência da incapacidade de conseguir emprego na sua área. As ofertas de trabalho mais comuns se concentram no setor de serviço, isto frustra as expectativas de parte dos jovens ouvidos. Eles se queixam de que eles têm responsabilidades as quais precisam responder de qualquer maneira. Enquanto eles estão no Brasil, eles se sentem obrigados a fazer qualquer coisa para suprir as suas necessidades básicas e ainda, se possível, ajudar os que continuam no Haiti. A auto-imagem que eles constroem sobre si é de que são estrangeiros e “refugiados”. Logo, eles têm que se adaptar ao lugar de destino, mas estão vivendo em uma condição que não é propícia para isto.

A dificuldade com a língua é um sério problema para os migrantes, pois não falar português dificulta a inserção no mercado laboral. Aqueles que conseguem ter um trabalho reclamam que as tarefas são muito pesadas e que não é viável conciliar trabalho e estudo.

Outra fonte de descontentamento tem a ver com o jeito de viver e o tipo de tratamento que eles recebem ao chegar ao abrigo em São Paulo. Isto se revela principalmente no que diz respeito aos horários rígidos da instituição de abrigo. Não se sabe ao certo a razão, mas é recorrente a insatisfação com o fato de todos necessitarem desocupar o dormitório entre às 8h da manhã e às 17h da noite. Aparentemente, espera-se que eles saiam pelas ruas neste período buscando trabalho, se dediquem às aulas de português e se relacionem com a cidade de alguma forma.

Outros afirmam que estão satisfeitos. Porém, percebe-se que a vida não é tão “boa” quanto eles descrevem. É o caso de um entrevistado que explica que não está vivendo bem, mas tem esperanças de que a situação pode melhorar. Há dois entrevistados que expressam o sentimento de que, uma vez que eles estão aqui, não há escolha, eles precisam gostar.

Aqueles que se consideram satisfeitos vivendo no Brasil, em geral tem uma característica comum: conseguiram inserção laboral em sua área de atuação ou estão se dedicando a cursos profissionalizantes no momento da entrevista. Alguns consideram que o custo de vida não é tão caro aqui. Complementam sua argumentação afirmando que se o migrante consegue falar um pouco a língua portuguesa, em pouco tempo conseguirá um emprego. Outros expressam o seu bem-estar aqui, pois estão vivendo como se estivessem em casa. Nestes casos, um traço comum é a existência de muitos familiares e amigos no Brasil. Por outro lado, há indícios de que parte do grupo pesquisado apenas aceita sua condição presente da maneira como está, pois eles sabem que o fato de estar no Brasil é somente uma transição na vida deles.

Metade dos entrevistados gosta do estilo de vida no Brasil e a outra metade, não. A maioria (14) não recebe nenhuma ajuda de familiares e amigos. Apenas seis pessoas dentre as vinte ouvidas recebem algum tipo de auxílio de familiares ou do namorado. Eles reconhecem que recebem certo amparo do Estado e da sociedade civil no Brasil (aulas de português, escola gratuita, alojamento e comida). A maioria (18) tem pelo menos um membro da família e alguns poucos amigos haitianos residindo em território brasileiro.

Como já foi dito, apenas dois haitianos dentre os ouvidos não contam com nenhum contato no país.

Agora estou trabalhando, mas o Brasil não traz fruto para os jovens haitianos. Estou aqui e nunca trabalhei na minha área. Você está aqui, você tem responsabilidades, você tem que pegar o que você consegue. Você é estrangeiro e refugiado, você tem que se adaptar para sobreviver, mas o Brasil não oferece condição para viver bem. Desde que você está fora [do Haiti], você sabe que você é adulto, você não tem mãe nem pai que vai conseguir ajudar você. Ao contrário, eles estão esperando algo de você. Por isso eu vim aqui. Não consegui um trabalho formal, mas por enquanto fico com este trabalho para sobreviver. Depois, vou ter que ficar um tempo na escola para eu me organizar melhor. Estou gostando do fato de morar no Brasil, pois é melhor do que o Haiti. Aqui tem uma melhor organização em relação ao meu país. Não recebi nenhuma ajuda nem da minha família, nem de amigos. Não tenho parentes aqui, tenho amigos. A maioria deles é de haitianos, mas têm alguns que são brasileiros (Entrevistado 3; 30 anos).

Aqui a vida é muito complicada, mas a minha profissão me ensina a me adaptar em qualquer situação, estou tentando me adaptar até conseguir o possível, o que pode mudar. Não gosto do fato de morar aqui no Brasil, pois não me encontro aqui. Estou vivendo numa condição (atmosfera, ambiente) que não é propício. Sim, consegui algumas ajudas dos meus amigos da minha igreja, mas não recebo nada da minha família. Não tenho parentes, mas tenho um irmão (ele é mais jovem), tenho bons amigos brasileiros (Entrevistado 1; 33 anos).

(...) depois de um mês, consegui um emprego. Não gosto do jeito que estou vivendo aqui. Os trabalhos são difíceis. Também não dá para estudar deste jeito. Os trabalhos não oferecem essa possibilidade. Às vezes, o meu pai me ajuda, mas bem pouco. Mas aqui não recebi nenhuma [ajuda]. Contato brasileiro, eu tenho, a minha namorada [a namorada é brasileira] (deu uma risada) (Entrevistado 7; 27 anos).

Aqui eu me sinto muito bem, já que tenho muitos familiares aqui. Eu não passo fome, não ando desnudo, eu trabalho, eu não tenho nenhum problema. Também não é porque eu gosto. Aceito passar este tempo que estou passando aqui. Recebi só ajuda do meu namorado. Tenho muitos amigos haitianos aqui e mais meu irmão. Não tenho nenhum contato brasileiro. Muitos falam que eles gostam de mim, mas não sei falar português (Entrevistado 15; 26 anos).

Nenhum haitiano que vai para o estrangeiro tem uma vida boa imediatamente ao chegar a um país estrangeiro (ainda menos no Brasil que tem uma língua muito difícil). Na verdade têm muitos trabalhos, agora a grande questão é que tipo de trabalho que você precisa. Onde tem mais vagas para os haitianos é na construção civil e limpeza. Vendo isso, o que eu faço, eu vou à escola, depois de 1 ou 2 anos, espero viver como eu pretendo. Atualmente estou procurando trabalho. Consegui algum mais não gosto destes tipos. Eu gosto do jeito de viver aqui porque aqui me dá oportunidades de estudo em relação ao Haiti. Consegui ajuda sim: escola gratuita, língua (SINAI, Instituto federal). Meus pais me ajudam muito

também. Não tenho parente, mas tenho muitos amigos haitianos aqui. Não tenho nenhum contato brasileiro (Entrevistado 20; 28 anos).

Aparentemente não existe nenhuma relação entre gostar ou não de estar no Brasil e o tempo de permanência no país. Como foi dito anteriormente, a grande maioria dos haitianos chegaram ao Brasil entre 2013 e 2014 sendo onze em 2014, sete em 2013, um em 2012 e outro em 2011. Dentre aqueles que afirmam ter gostado, mais da metade (6) chegou em 2014, e daqueles que não gostaram, metade (5) veio neste mesmo ano. O que sugere que não há uma relação direta entre gostar ou não da experiência e o tempo de permanência no país. A relação que poderia existir, talvez tenha a ver com o nível de escolaridade. Embora o número de entrevistados seja pequeno, pode-se ver que dentre os três jovens que possuem o nível universitário, dois não gostam das suas experiências no Brasil.

Para fazer um balanço da vida deles durante o tempo que eles estão no Brasil, pergunta-se sobre as suas experiências negativas e positivas. As experiências positivas foram várias, mas o elemento mais citado é o fato de trabalhar, embora o vínculo empregatício seja informal. Outras experiências positivas têm a ver com o fato de morar fora. Esta experiência faz aumentar o desejo de viver em outras nações. Ademais, menciona-se como pontos positivos o fato de viajar, conhecer outros países, outras cidades, aprender uma nova língua e o tipo de tratamento recebido da parte dos brasileiros. As relações interpessoais no Brasil são bem avaliadas, os brasileiros não parecem expressar sentimento de superioridade nas relações face a face. Um dos entrevistados compara o acolhimento dos haitianos no Brasil com aquele recebido na República Dominicana. Segundo ele, sentiu-se bem no país sul-americano, ainda que esteja fora do Haiti. Outra experiência tem a ver com o crescimento pessoal. Apenas três jovens consideram que não tiveram nenhuma experiência positiva até o momento da entrevista. Todos os três têm estudos universitários completos ou incompletos. Nestes casos parece haver maior frustração de expectativas, pois os trabalhos ofertados aos haitianos não contemplam formação altamente qualificada.

Nunca morei fora antes, aqui aprendi a conviver com outros amigos. É pra mim uma vida nova (Entrevistado 2; 23 anos).

A minha melhor experiência é o tipo de tratamento que recebi aqui. Aqui os brasileiros são muito gentis comigo. Se você compara o acolhimento dos haitianos na República Dominicana é muito diferente do acolhimento recebido aqui [Parece haver certo preconceito contra haitianos na República Dominicana. Talvez pela migração massiva, mas não fica clara qual a origem.] (Entrevistado 5; 25 anos).

A minha melhor experiência... Hum... Deixa eu ver.... Ver o Brasil pela primeira vez (risos) (Entrevistado 15; 26 anos)

Isso tem a ver com o meu cotidiano, é para mim uma experiência vital, me sinto crescer (Entrevistado 10; 33 anos).

Com certeza eles tiveram também experiências negativas. Para parte dos entrevistados, as piores experiências foram no trajeto percorrido no Peru. Entre estas experiências destaca-se também o sofrimento dos haitianos no abrigo no pátio da igreja Nossa Senhora da Paz e no abrigo na Rua Glicério. Eles explicam que este sofrimento deriva do fato de que chegaram a passar fome, não dormem bem no abrigo e não se sentem livres enquanto vivem ali. A falta de trabalho também é motivo de angústia e sofrimento. Entre as experiências negativas também aparece a convivência com pessoas que não conheciam antes, o que leva algumas vezes a atritos entre haitianos que dividem o dormitório. São mencionadas também: dificuldades de adaptação ao clima (alguns chegaram durante o inverno paulistano), o fato de ficar longe da família e ser revistado pela polícia paulistana. Dois entrevistados atribuíam as suas experiências negativas à própria vinda para o Brasil – eles estão entre aqueles três casos que acreditam não ter tido nenhuma experiência positiva no país. Outros falam do racismo expresso pela falta de colaboração entre haitianos e alguns brasileiros.

[Considera como experiência negativa] A convivência com esses colegas [de dormitório] havia desvalorização das pessoas. Havia uma confusão, briguei com um haitiano, tem algumas palavras que não precisávamos dizer, mas foram ditas, sinto muito (Entrevistado 2; 23 anos).

As minhas piores experiências aconteceram quando estava no Peru. Essa parte da viagem foi muito ruim (Entrevistado 5, 25 anos).

Quando eu vi os haitianos aqui sofrendo, passando fome, dormindo no chão, quando eu vi eles nessa situação, eu lamentei muito (Entrevistado 9; 25 anos).

[Sobre experiências negativas] A minha vinda para o Brasil. Já gastei muito para vir para cá, preciso trabalhar um pouco para juntar algum dinheiro para ir para algum outro país (Entrevistado 17; 26 anos).

Estava andando na rua e de repente a polícia veio e me revistou. Mas não fui vítima (Entrevistado 20; 27 anos).

5.4 Perspectivas futuras e possíveis mudanças na vida dos jovens ocasionadas pela migração

Entre os sonhos verbalizados pelos entrevistados estão: ter uma condição de vida melhor aqui no Brasil; ingressar em uma universidade; ter onde morar de maneira digna; ajudar a família de origem; ter os pais e familiares ao seu lado; viajar e deixar outros membros da família felizes, ajudando-os. Alguns (8) pretendem ficar no Brasil trabalhando com objetivo de recuperar o dinheiro que já foi gasto com a viagem. Depois disso, pretendem voltar para o Haiti ou reemigrar para outros países tais como os Estados Unidos, a República Dominicana e a Itália. Outros ainda (5) queriam estudar em uma universidade brasileira.

O meu sonho atual é ter algum dinheiro para conseguir viver, mas numa condição boa. Tenho muitos familiares no Haiti que precisam da minha ajuda (...) (Entrevistado 12; 24 anos).

O que eu desejo mais atualmente é viver melhor cada dia mais (...) (Entrevistado 4; 26 anos).

Eu quero ficar no Brasil para recuperar o dinheiro que gastei com a viagem e depois voltar para o Haiti e fazer algo concreto. Porque aqui tem trabalho, mas do jeito que está, é coisa de escravidão. Talvez eles [os parentes que ficaram no Haiti] tenham uma esperança, pensando que eles têm alguém no estrangeiro, mas eles não sabem como eu estou vivendo aqui. Nem contei as dificuldades encontradas aqui, eles vão ficar preocupados. (Entrevistado 6; 29 anos).

Meu sonho atual é entrar em uma universidade para fazer um mestrado (Entrevistado 1; 33 anos).

O meu sonho mais caro é ter onde morar, ter um trabalho, estudar (Entrevistado 10; 33 anos).

No que diz respeito às perspectivas futuras, três sentem uma total incerteza quanto ao que pode acontecer no futuro. Cinco deles não conseguem imaginar onde podem estar daqui a cinco anos. Para o restante, as perspectivas são diversas. Alguns querem ter um diploma de mestrado e trabalhar a fim de ter a estabilidade financeira. Outros pensam em ter o seu próprio negócio, ter uma experiência profissional, deixar o tipo de trabalho forçado que estão fazendo no Brasil. Uma constante é o desejo de alcançar melhorias econômicas e realizar o sonho de ter uma família. Entre os que já sabem que não querem continuar no Brasil três imaginam estar nos Estados Unidos, um na República Dominicana e um na Itália daqui a cinco anos. Três supõem que já terão retornado ao Haiti. Oito estão indecisos. Outros quatro acreditam que ainda estarão no Brasil, considerando especialmente a situação caótica do Haiti.

(...) daqui a cinco anos, estarei provavelmente nos Estados Unidos, pois estou aqui porque eu sei que com uma residência no Brasil vai ser mais fácil para ir para lá (...) (Entrevistado 12; 24 anos).

Daqui a cinco anos, não quero trabalhar mais com ninguém, pretendo fazer o meu próprio negócio. Não sei onde que estarei durante este tempo. Sim, esse tempo [no Brasil] mudou a minha vida. Ele me ensinou a viver com outros, ter mais sensibilidade, mais sabedoria, isso aumenta o meu desejo de viajar, de fazer outros amigos (Entrevistado 4; 26 anos).

Daqui a cinco anos, eu acho que posso realizar os meus sonhos, pois a minha vida não depende da minha vinda para o Brasil. O meu objetivo é ir para frente, com esse objetivo, eu acredito que vou conseguir realizar os meus sonhos. Não sei onde estarei daqui a cinco anos (Entrevistado 6; 29 anos – um dos três que possui estudos universitários e demonstra frustração com a vinda para o Brasil).

Daqui a cinco anos terei um diploma de mestrado, começarei a ter estabilidade financeira para sustentar e criar uma família. Estarei onde Deus vai decidir, mas se for minha escolha, eu não espero que seja no Brasil (Entrevistado 1; 33 anos).

Daqui a cinco anos, acho que serei alguém diferente. Não vou viver mais deste jeito. Estarei ainda no Brasil, posso ir ao Haiti, mas para morar mesmo é o Brasil que eu prefiro (Entrevistado 12; 24 anos).

Para a maioria, o tempo que eles já passaram no Brasil foi suficiente para mudar algo na vida deles. Eles se tornaram mais maduros, mais responsáveis. Sentem que sua capacidade de tolerância aumentou. Sentem-se também mais sensíveis, mais sábios. Esse tempo lhes ensinou a conviver, a fazer amigos e contribuiu para alimentar o desejo de

viajar. A experiência migratória deu-lhes oportunidade de conhecer outro povo, outra cultura e outro clima. Mudanças aconteceram também em termos de relação humana e entenderam que a realidade da vida é trabalhar. No entanto, durante esse tempo alguns conheceram sofrimentos, especialmente a privação de liberdade comum à condição de abrigados. Essa experiência lhes leva hoje a refletir mais antes de tomar qualquer decisão. Para três deles, nada mudou.

(...) o tempo que passei aqui, faz com que eu seja mais tolerante com os outros (Entrevistado 1; 33 anos).

(...) o tempo que passei aqui mudou alguma coisa na minha vida sim, quando estava no Haiti geralmente ia para escola fazer tarefas e passear, mas aqui desde 4 horas você tem que acordar para trabalhar (Entrevistado 12; 24 anos).

(...) o tempo que passei aqui mudou algumas coisas na minha vida: minha reflexão. Sou privado de liberdade. Tenho que sair daqui às 8h e voltar às 17h. Isso é um tipo de escravidão, não tenho liberdade. (Entrevistado 10; 33 anos).

(...) o tempo que passei aqui me faz pensar no tipo de tratamento que os dominicanos dão aos haitianos. Aqui os brasileiros me ensinam que somos os mesmos. Não tem um grau de superioridade (Entrevistado 5; 25 anos).

(...) o tempo que passei aqui mudou alguma coisa na minha vida sim, estou morando num outro país, outro clima. A relação humana é melhor aqui (Entrevistado 13; 22 anos).

5.5 Eventos relacionados à transição para a vida adulta

Como foi dito no início deste trabalho, de acordo com a perspectiva demográfica, cinco eventos principais marcam a transição para a vida adulta: a saída da escola, a entrada no mercado de trabalho, a saída da casa da família de origem, a primeira união e o nascimento do primeiro filho. Esses eventos foram analisados a fim de captar quando e em que contexto eles aconteceram.

5.5.1 saída da escola

Em linhas gerais, o sistema educativo haitiano compreende o setor formal e o setor informal (MENFP, 2010). O formal abarca quatro níveis hierárquicos: 1) a pré-escola, destinada às crianças de 3 a 5 anos, que não tem caráter obrigatório; 2) o primário que tem duração de seis anos e teoricamente é o único nível obrigatório; 3) o secundário que exige sete anos de estudo; 4) o ensino superior ou estudos universitários. O setor formal também

inclui uma quinta modalidade de estudos: a educação profissional, que seriam os cursos técnicos de capacitação. Já o setor informal cuida da alfabetização e da pós-alfabetização dos indivíduos de 15 anos e mais (MENFP, 2010). O ingresso nas escolas públicas é obrigatório a partir dos seis anos de idade. Não havendo abandono escolar e nem reprovação, seria de se esperar que idealmente as crianças permanecessem na escola ao menos até por volta dos doze anos, idade em que deveriam concluir o primário.

No que diz respeito à escolaridade, os jovens haitianos que participaram desta pesquisa possuem um perfil educacional muito heterogêneo. Antes de vir para o Brasil, três dos entrevistados tinham formação superior completa ou incompleta (um estudante de direito, um estudante de administração e direito mais um graduado em gestão que estava estudando direito). Quatro entrevistados haviam terminado o ensino secundário. Onze entrevistados tinham ensino secundário incompleto. Por fim, dois outros abandonaram a escola ainda durante o primário.

A metade (10) frequentou tanto escolas privadas quanto públicas. Geralmente, eles estudam em uma escola privada durante o primário e em escolas públicas no secundário. Isso se deve a duas razões. A primeira é de ordem econômica. Eles acreditam que o fato de estudar em escolas públicas, ainda que elas não sejam inteiramente gratuitas no Haiti, ajudaria os pais a poupar dinheiro para também apoiar outros filhos menores. Outra razão que pode explicar a mudança do sistema privado para o público é que na maioria das vezes as escolas em que eles iniciaram seus estudos não oferecem o nível secundário. Deste modo, quando terminam o ensino primário, eles devem deixar essa escola, e muitas vezes também a sua comunidade de origem, para cursar o ensino secundário em áreas mais desenvolvidas. Há, portanto, certa dificuldade de acesso às escolas secundárias, pois parece não estarem disponíveis em todas as localidades do país. Quando migram para dar continuidade aos estudos, a tendência é ingressarem em uma escola pública que ofereça ensino secundário. Poucos frequentaram apenas escola pública ou apenas escola privada.

Entre os 20 entrevistados, 16 pararam de estudar pelo menos uma vez durante a sua trajetória escolar. Os resultados mostram que eles interromperam os estudos entre 16 e 25 anos. Isso acontece por diferentes razões: a reprovação no “Baccalauréat” (avaliação realizada nos dois últimos anos do secundário já citada anteriormente); problemas de aprendizagem; a necessidade de trabalhar para ajudar financeiramente a família; o desejo de

desistir do primário ou secundário para começar a educação profissional, supondo que assim ingressaria mais rapidamente no mercado laboral; o desejo de ter uma vida melhor, o que também passa por ter trabalho; sonhos de consumo como o desejo de ter um carro; e conflitos familiares. A idade média da saída da escola é 20 anos.

Embora a idade de entrada no sistema escolar haitiano esteja hoje fixada aos 6 anos, nota-se que nem todos os jovens considerados nesta pesquisa tiveram esta oportunidade. A entrada tardia na escola gera conseqüentemente atrasos, assim temos indivíduos com idade relativamente avançada com um nível de escolaridade aquém do esperado. Ou seja, embora o jovem tenha deixado a escola na adolescência, por exemplo, isso não quer dizer obrigatoriamente que ele tenha um nível educacional condizente com a sua idade.

Deve-se destacar que são constantes os casos de jovens que consideram o “Baccalauréat” como um obstáculo à continuidade dos estudos. Sem a aprovação neste exame, eles veem estancadas todas as chances de progressão educacional e de qualificação profissional de nível universitário. A sensação é de que se tem no Haiti uma “dupla peneira” constituída pelo “Baccalauréat” e o vestibular. Eles percebem o “Baccalauréat” como um mecanismo de exclusão social. Estudantes provenientes de escolas confessionais – a maioria de congregações católicas – costumam ter mais sucesso no “Baccalauréat”, enquanto outras têm seus alunos rechaçados.

Temos como hipótese que, o fato de as aulas ministradas nas escolas confessionais serem oferecidas em francês pode ter impacto neste resultado, dado que o exame também é realizado em francês. Em muitas escolas públicas haitianas as aulas são em *créole* e o material didático em francês. As escolas privadas também tendem aparentemente a oferecerem melhor qualidade de ensino. Os diferenciais de qualidade e o nível de familiaridade com o uso da norma culta da língua francesa podem impactar os resultados do “Baccalauréat”. As vozes dos jovens ouvidos por esta pesquisa nos levam a cogitar que os gestores do sistema educacional haitiano deveriam repensar o fluxo de passagem dos estudantes do ensino secundário para o superior. Faz-se necessário em primeiro lugar, reduzir as desigualdades na qualidade da educação oferecida por escolas públicas e privadas. O sistema também se revela altamente excludente, por conta do baixo número de vagas disponíveis em universidades, talvez por isto a necessidade de um duplo filtro antes da entrada na universidade (“Baccalauréat” e vestibular). Mas do ponto de vista dos jovens,

poderia ser menos desgastante unificar estas avaliações de forma que uma aprovação no “Baccalauréat” permitisse o ingresso na universidade.

Quando estava no Haiti, estava no último ano do ensino médio (Fui 2 vezes ao exame oficial), não consegui passar. Depois fui numa escola profissional. Fiz “mecanique auto”, numa escola privada. No Haiti tem algo que chama “Bacc permanente”. Estava estudando para me preparar para o próximo exame, enquanto estava na escola profissional. De repente, chega essa notícia de Brasil, então, eu vim. (Entrevistado 7; 28 anos).

Quando estava no Haiti, cheguei ao penúltimo ano do ensino médio. No primário estudei em uma escola privada, no secundário numa pública, e depois, particular. Sim, parei de estudar em 2005, aos 16 anos. Parei porque sou o mais velho, sempre pensei em ajudar a família em caso de necessidade. Nunca recomecei a ir para a escola (Entrevistado 5; 25 anos).

Cheguei ao último ano do ensino primário (escola privada), e depois deixei para fazer o último ano do primário numa escola pública. Tinha 18 anos quando deixei a escola. Nunca voltei depois (Entrevistado 17; 26 anos).

Cheguei ao sexto ano do ensino fundamental (último ano do primário). Estava numa escola privada. Parei para ir para República Dominicana para trabalhar. Nunca voltei para escola. (Entrevistado 11; 29 anos).

Já tenho o meu diploma de Gestão, tenho um certificado em Direito pela Universidade do Estado em Cap-Haitien (Entrevistado 1; 33 anos).

5.5.2 Entrada no mercado de trabalho

Entre os 20 entrevistados, 18 já trabalharam pelo menos uma vez na vida e apenas dois nunca desempenharam atividade econômica antes de chegar ao Brasil. No entanto, entre aqueles que já trabalharam, nenhum tinha um emprego formal. As ocupações que tiveram ao longo da vida são diversas, mas aquelas mais citadas são: a venda de produtos como cartão telefônico e refrigerante, pequeno negócio, ajudar o pai na agricultura, como pedreiro ou electricista. Além disso, alguns também tiveram experiência como costureiro, cobrador, motorista, mesário na eleição e na construção civil. Há certos jovens que afirmam que “fazem um pouco de tudo”, o que corrobora evidências já encontradas na pesquisa de Fernandes e Castro (2014). Embora os entrevistados sejam ainda jovens, a breve retrospectiva de suas trajetórias laborais revela que as possibilidades de mobilidade ocupacional são nulas no Haiti. Isto é, os que tiveram experiência de trabalho se inseriram precariamente no mercado e em funções de baixa qualificação profissional. Esta situação se

mantém no Brasil, onde a inserção segue sendo relativamente precária e em trabalhos manuais pesados.

A maioria (15) afirma que começou a trabalhar entre 10 e 20 anos. Sendo que três não indicam uma idade inicial, informando que trabalham desde pequenininho com o pai, outro familiar ou amigo. Apenas dois começaram depois dos 20 anos (23 e 27 anos). Ao considerar o número de jovens que já trabalharam pelo menos uma vez na vida, a idade média de entrada no mercado de trabalho é 18 anos.

Comecei a trabalhar desde pequenininho. Depois da escola sempre procurei algo para fazer. Por exemplo, podia ajudar minha tia a vender os seus produtos, ou procurava algo para fazer com amigos que já estavam trabalhando. Gostei sempre da eletricidade, quando os meus amigos vão trabalhar vou com eles, trabalho com eles e consegui algum dinheiro para sobreviver. O meu primeiro trabalho foi como eletricista mesmo (Entrevistado 3; 30 anos).

Antes de vir para cá, estava trabalhando na frente da embaixada do Brasil. O meu primeiro trabalho foi como pintor, um amigo que me ensinou a pintar. Também trabalhei como pedreiro. Fiz de tudo, não tinha nenhum complexo. Comecei a trabalhar aos 12 anos (Entrevistado 19; 28 anos).

Antes de vir aqui, estava vendendo cartão telefônico e refrigerante. Algumas vezes trabalhava como pedreiro com o meu padrasto. Comecei desde os 14 anos. O meu primeiro trabalho foi como pedreiro mesmo (Entrevistado 13; 22 anos).

Antes de vir aqui trabalhei como pedreiro. Quando você é jovem não perde nenhuma oportunidade nessa vida. Assim, você não vai se arrepender no futuro. Eu fazia um pouco de tudo quando estava no Haiti (Entrevistado 16; 20 anos).

(...) estava trabalhando na frente da embaixada do Brasil, preenchendo formulário para as pessoas que precisam vir para o Brasil. Comecei a trabalhar aos 14 anos. Comecei com a pintura (casa). Trabalhei como motorista também. (Entrevistado 20; 28 anos).

5.5.3 Saída da casa da família de origem

Entre os 20 entrevistados, menos da metade (nove) já havia deixado a casa dos pais antes de vir para o Brasil. A nossa hipótese é que, por conta da situação econômica haitiana, os jovens são obrigados a ficar na casa dos pais por mais tempo. Os demais deixaram a família apenas agora na condição de migrante. A idade de emancipação em relação à família de origem varia entre 16 e 24 anos. Seis entrevistados deixaram a casa da família de origem em definitivo (ao menos até o momento da entrevista), retornando à casa

da família apenas na condição de visitante. Dois deixaram a casa dos pais para morar com outros membros da família com o único objetivo de estudar. Um nono entrevistado encontra-se em uma situação mais difícil de ser definida, pois ele circula entre a casa dos pais e a casa da mãe de seu filho, com quem já havia casado.

Considerando estritamente aqueles que já vivenciaram a emancipação em relação à família de origem, pode-se afirmar que este evento ocorre por volta dos 20 anos.

Antes de vir aqui estava morando em Pelerin. Depois do terremoto, não aguentei viver do jeito que a minha família vivia, fui alugar uma casa lá para ficar. Tinha 24 anos. Sempre fui visita-los, mas nunca voltei a morar com eles (Entrevistado 20; 28 anos).

Sempre morei na casa dos meus pais. Saí da casa dos meus pais só quando eu fui para o ensino médio. Fui a Cap-Haitien onde morei com minha tia e minha prima. Nunca morei numa casa com uma mulher como esposa (Entrevistado 3; 30 anos).

Antes de vir aqui eu morava ainda na casa dos meus pais. Nunca morei com uma mulher numa casa como esposa (Entrevistado 10; 33 anos).

Antes de vir aqui não morava com meus pais. Deixei a casa deles aos 20 anos. Nunca voltei a morar na casa deles, só passo para visitar eles (Entrevistado 17; 26 anos).

5.5.4. Primeira união e o vínculo amoroso

Seis dos entrevistados já viveram em união pelo menos uma vez na vida, embora por períodos curtos algumas vezes. Entre eles um não se lembra da idade com que aconteceu essa primeira união. Ao considerar estritamente os outros cinco casos, a idade média desse evento é 19 anos.

No que diz respeito ao estado conjugal, foram entrevistados 18 solteiros. Dentre eles, havia a única garota do grupo que declarou ser noiva de um rapaz que se encontrava residindo nos Estados Unidos. Entre os 18 solteiros, quatro declaram que já foram unidos. Dentre estes, três têm filhos no Haiti e um foi pai, mas o filho já faleceu. Apenas dois entrevistados eram unidos (um era casado e um vivia em união consensual durante a pesquisa). Dentre os 20 entrevistados, metade admitia ter alguém especial que não era necessariamente um cônjuge, mas no caso tinha status de namorada.

A maioria dos entrevistados (16) teve a seu primeiro relacionamento afetivo com uma pessoa do sexo oposto entre 10 e 20 anos. Quatro entrevistados não se recordam da idade do seu primeiro namoro. Eles encontraram as primeiras namoradas na escola, na

igreja ou na vizinhança. Percebemos que o primeiro relacionamento afetivo envolvendo o sexo oposto ocorreu por volta dos 15 anos. Os entrevistados mencionam como aspectos positivos deste primeiro relacionamento o fato de lhes permitir entender melhor as mulheres, o vínculo amoroso, o significado do amor à medida que os enamorados tinham a mesma sensação. Para alguns a namorada foi uma amiga, alguém com quem conseguiam falar de tudo. Algo que chama a atenção é que, apesar das dificuldades materiais enfrentadas por todos, são as características de personalidade que mais se destacam no parceiro afetivo, em detrimento da condição financeira em que se encontram.

Os aspectos negativos mencionados quando recordam o primeiro relacionamento foram: traição, decepção, o jeito de acabar com o namoro. Para três dos entrevistados nada marcou essa primeira relação, eles namoraram apenas por namorar.

Não me lembro da minha idade (primeira relação). Isso aconteceu enquanto eu estava ainda na escola. Nessa primeira relação tentei entender a mulher, o que é a vida de casal, entender o que há no amor embora estivesse um pouco pequeno e não entendia essas coisas muito bem. Nunca morei com uma mulher numa casa. Estou ainda solteiro. E não tenho ninguém na minha vida, estou sozinho aqui no Brasil (Entrevistado 1; 33 anos).

Tive minha primeira namorada aos 19 anos. A gente morava perto. O que me marcou nessa relação é que os pais dela não tinham muito dinheiro, mas ela tinha uma personalidade muito forte. Encontrei algumas características que gostei muito nela. A gente se deu muito bem. Foi isso que sempre quis. Por enquanto sou solteiro. Terminou tudo, pois ela me pediu pra fazer isso. Ela não quis mais ficar comigo. Não tenho ninguém na minha vida agora. Mas tenho amigas. (Entrevistado 6; 28 anos).

Tive minha primeira namorada aos 14 anos. Encontrei-a no meu bairro. Não há algo que atraiu a minha atenção nessa relação. Só quis namorar. Sou solteiro. Mas tenho uma namorada brasileira. A gente não está morando junto (Entrevistado 7; 27 anos).

5.5.5 Nascimento do primeiro filho

A maioria dos entrevistados (14) ainda não tem filhos. Seis entrevistados já tinham pelo menos um filho antes de chegar ao Brasil. Considerando estritamente estes casos, a idade média do nascimento do primeiro filho foi 22 anos, podendo variar de 16 a 26 anos.

Quando questionados sobre os seus objetivos imediatos no Brasil, as respostas são diversas: a maioria pretende trabalhar, juntar algum dinheiro para ter uma vida melhor no Brasil a ponto de poder constituir uma família feliz. Pretendem ajudar a família de origem,

ter dinheiro para viajar para outros países ou para voltar para o Haiti e montar um negócio. Outros pretendem estudar para ter um diploma que lhes permita ter um emprego digno, seja no Brasil ou em qualquer outro lugar.

Metade não quer criar uma família no Brasil, porque isto implica um vínculo forte com o lugar e pode gerar a necessidade de se radicar no país. As elaborações neste sentido são múltiplas: geograficamente o Brasil é um pouco longe do Haiti e deslocar uma família é caro, seria difícil visitar familiares no Haiti. Outros não querem criar uma família aqui, porque a namorada (o) ou cônjuge não está morando no Brasil. Há indefinição quanto ao lugar onde criarão raízes, mas sentem, ao menos neste momento, que este lugar não é o Brasil. Um entrevistado que já é pai de seis filhos não pretende formar família no Brasil, porque considera que já tem um número elevado de filhos. Quatro querem criar uma família aqui e seis não sabem ainda se eles querem ou não.

Nos casos em que os haitianos estariam dispostos a criar uma família aqui, a maioria gostaria que sua esposa fosse haitiana. A preferência de onze dos migrantes haitianos é por parceiros da mesma nacionalidade para se relacionarem afetivamente. Alguns frisaram também a “elasticidade” da cultura brasileira para justificar a sua escolha. Ou seja, a mulher brasileira é mais liberal do que a mulher haitiana. Para três, a mulher com que constituiriam família poderia ser de qualquer nacionalidade, desde que atendesse a determinados critérios. Cinco falam que não sabem se seriam capazes de se relacionarem com brasileiras. Apenas um afirmou que o seu cônjuge poderia ser uma brasileira, pois está namorando uma.

Não tenho filho. Enquanto eu estou aqui pretendo estudar, ter um emprego para me sustentar enquanto estudo, e dar um jeito de deixar o Brasil. Não pretendo criar uma família aqui, porque o Brasil é muito longe do Haiti, estarei muito longe da minha família. Não sei se a minha esposa vai ser brasileira ou haitiana, só Deus sabe. Não tenho nenhum problema de nacionalidade (Entrevistado 1; 33 anos).

Tenho 6 filhos com três mulheres. Enquanto estou aqui pretendo trabalhar e ir para a República Dominicana. Não pretendo criar uma família aqui. Já tenho muitos filhos (Entrevistado 11; 29 anos).

Não tenho filho. Enquanto estou aqui, pretendo trabalhar para ajudar a minha família. Não pretendo criar uma família. O meu namorado está nos Estados Unidos. Ele não mora aqui. Daqui a pouco vou partir daqui para ir morar com ele (Entrevistada 15; 26 anos).

Tenho um filho de 1 ano e 4 meses. Ele está com a mãe dele. Tinha 26 anos quando ele nasceu. Enquanto estou aqui pretendo ir para a universidade. Sim, pretendo criar uma família. Não sei quem vai ser a minha esposa. Tanto as haitianas quanto as brasileiras têm o seu lado ruim. Você sabe que sou migrante, antes de casar com alguém tem que saber as normas, você têm que saber os seus direitos e seus deveres (Entrevistado 19; 28 anos).

5.6 Significado de ser jovem e ser adulto

Este último tópico explora a percepção dos migrantes haitianos sobre o que é ser jovem e ser adulto. Entre os 20 entrevistados, 17 conseguiram dar a sua opinião sobre o que é ser jovem. Para a maioria, trata-se de uma fase da vida em que se tem muita energia, é um período de aprendizagem e de realização que deve ser aproveitado. Por isso, eles vinculam essa etapa de vida com o futuro de uma sociedade, pensando em um velho ditado popular “Jeune espoir de demain, espoir d’un pays⁵³”. Para outros a juventude é um momento de concretização de sonhos e um momento para preparar a sua velhice. Outros ainda definem a juventude como um estado de espírito e não uma questão de idade. Três dos entrevistados não conseguiram dar uma definição sobre o que é ser jovem.

Ser jovem é uma etapa da vida. Período da vida onde a gente tem muitas energias, toda capacidade mental para estudar, aprender, aproveitar a vida. Mas você deve estar muito atento, pois tem algumas escolhas que podem destruir toda uma vida (Entrevistado 1; 33 anos).

Ser jovem é uma possibilidade de preparar a sua vida, o seu futuro. E não se pode negar essa oportunidade (...). Essa etapa de vida vai definir a sua velhice. Se você aproveitou da sua juventude com certeza você vai apaixonar pela sua velhice (Entrevistado 7; 28 anos).

Ser jovem não é uma questão de idade. É um estado de espírito. É uma maneira de pensar. (Entrevistado 20; 28 anos).

Dezoito jovens conseguiram responder o que é ser adulto. Na opinião deles, ser adulto é uma etapa de vida que segue a juventude e significa responsabilidade, maturidade, capacidade de reflexão, de tomada de decisão, de aceitação das consequências de suas escolhas e ao fato de ter alguma experiência de vida. Um quarto dos entrevistados atribuía à definição do que é ser adulto a um critério etário, identificando a ideia de “ser adulto” à velhice. Para outros, ser adulto é uma questão de espírito, como ser jovem. Dois dos entrevistados não conseguiram responder o que é ser adulto.

⁵³ Literalmente isso significa: Jovem esperança do amanhã, esperança de um país.

Cinco se sentem adulto ao menos em parte, pois estão vivendo sem a família e fora do seu país de origem, se sentindo responsáveis, conseguindo “se virar sozinhos”. Seis não se sentem adultos porque os pais são ainda vivos, porque eles se sentem inseguros financeiramente, porque eles não atingiram ainda certa idade, ou porque eles ainda não são capazes de tomar algumas decisões. Os demais não sabem dizer se são adultos ou não.

No que diz respeito à idade para se tornar adulto, recolhemos quatro categorias de respostas. Uma pouco mencionada e respondida por apenas dois entrevistados é a não existência de uma idade certa para se tornar adulto. Dois não conseguem fixar uma idade para ser adulto. Oito entrevistados afirmam que alguém pode ser considerado adulto a partir de 50 anos ou mais. São justamente aqueles entrevistados que entendem a vida adulta como sinônimo de velhice. Para os oito jovens restantes a idade para se tornar adulto varia entre 12 e 33 anos.

Ser adulto é ter certa maturidade, quem pode dar a sua opinião, ser capaz de refletir, é ser responsável. Sim, me sinto adulto, pois estou consciente da minha responsabilidade. Para mim, alguém pode ser adulto aos 30 anos (Entrevistado 3; 30 anos).

Ser adulto não é uma questão de idade, você é adulta quando você pode fazer tudo por conta própria. Não me sinto adulto, pois, têm algumas coisas que não posso decidir sozinho (Entrevistado 5; 25 anos).

Um adulto é alguém responsável que tem maturidade de pensar antes de fazer qualquer coisa. Sim, eu sou mais do que adulto, pois tenho uma capacidade de reflexão, uma capacidade intelectual, apesar de não ter ainda uma capacidade econômica, mas sou adulto, moro fora do meu país e estou consciente das minhas responsabilidades. Acho que acima de 30 anos alguém pode ser considerado adulto (Entrevistado 1; 33 anos).

Ser adulto tem a ver com a velhice, é quando a pessoa não pode fazer nada fisicamente (Entrevistado 9; 25 anos).

Ser adulto é ter certa idade e pode ser comparável com a velhice (Entrevistado 4; 24 anos).

Eu faço tudo sozinho aqui, mas não me sinto adulto ainda, pois os meus pais estão ainda vivos (entrevistado 15; 20 anos).

Quanto a aconselhar outros jovens haitianos a migrar ou não para o Brasil, as opiniões são divergentes. Entre os 20 entrevistados, nove recomendam a seus conterrâneos migrar para o Brasil. O mesmo número de haitianos não recomendam tal migração,

enquanto dois têm um comportamento neutro, ou seja, apresentam razões tanto para migrar quanto para continuar no Haiti. Aqueles que não aprovam a ideia de migrar, se justificam mencionando as condições de vida no abrigo, desaconselhando especialmente as mulheres quanto a vir ao Brasil. Lembram também que é muito difícil morar longe da família.

Os que recomendam a vinda para o Brasil sustentam que, com esta experiência, os jovens vão conseguir fazer a diferença em seu país de origem, apoiando financeiramente os seus familiares e contribuindo para a reconstrução nacional. Eles acreditam que podem fomentar o desenvolvimento do país de origem. Parte dos que creem que a experiência migratória pode levar a resultados positivos não deixam de ressaltar que é necessário atentar para algumas condições antes de se lançar nesta aventura. Para ter sucesso é preciso observar rigorosamente alguns critérios: 1) Obter documentos de comprovação de escolaridade antes de deixar o Haiti. Ao chegar ao Brasil eles descobriram que a inserção no mercado de trabalho é difícil tanto para brasileiros quanto para haitianos com certificados de estudos, e que se torna praticamente inviável obter trabalho se alguém não tem documentação que ateste sua formação. 2) Ter uma profissão, pois sem qualificação trabalha-se mais e ganha-se menos. 3) Uma vez no Brasil, trabalhe para ajudar os familiares que seguem no Haiti e viva de forma a promover o seu próprio bem-estar. 4) Planeje-se antes de viajar. 5) Não pense que o Brasil é um paraíso, pense que tudo é difícil nessa vida.

Entre os que recomendam a migração com ressalvas, observam-se as seguintes ponderações: o jovem que não estiver fazendo nada no Haiti, dependendo de como conduzir a sua vida, pode economizar e conseguir viver melhor em território brasileiro. No entanto, o jovem que estiver fazendo algo positivo – estudando ou gerenciando um pequeno negócio – não deveria deixar o Haiti. Os trechos de relatos apresentados a seguir ajudam a entender estas ponderações:

Dar um conselho para os jovens que estão querendo deixar o Haiti para vir ao Brasil é algo muito difícil, pois a realidade dos dois países não é a mesma. Um jovem que está no Haiti que não está fazendo nada, quando chegar aqui, ele pode conseguir um trabalho numa empresa, e com o pouco que tem, se ele é disciplinado, pode construir a sua vida e com o tempo isso pode ajudar ele a transformar a sua vida. Se alguém pode vir neste contexto tudo bem. Alguém que está na escola ou na universidade estudando, que tem um futuro garantido, que decidiu deixar o Haiti para vir ao Brasil como se o Brasil fosse os USA, Canadá, França... Eu sinto muito por essa pessoa, pois o Brasil não está pronto

ainda para oferecer essas oportunidades. Mesmo alguém que está formado aqui no Brasil, está encontrando dificuldades para se integrar na sociedade e se inserir no mercado de trabalho (Entrevistado 1; 33 anos).

Jovem, se você está fazendo algo positivo no Haiti, não vale a pena vir aqui. E se você quiser vir, procura alguém que você já conheça, pois quando chegar aqui, você não tem ninguém, a sua vida não vai ser fácil porque você não tem um trabalho que está te esperando. Até alguém que já está aqui, sofre muito para conseguir um trabalho. A situação é mais difícil para as mulheres (Entrevistado 7; 28 anos).

Adulto, não deixe o seu país para vir aqui no Brasil pensando que você vai conseguir trabalho. Tente fazer o melhor no seu país. Jovem, vá para a escola, vá para a universidade, se não der para ir para faculdade vá para uma escola profissional. Faça um pequeno negócio, isso pode ajudar a pagar os estudos. Tente dar seu voto a alguém que pode fazer algo pelo país. Tente mudar o sistema de Estado que nós temos no Haiti para poder ficar no nosso país (Entrevistado 6; 29 anos).

Não aconselharia um jovem a vir aqui no Brasil, pois não tem condições. Se eu soubesse que era assim, não viria. Deixar sua família é muito difícil, não aconselharia alguém a vir aqui nessa condição (Entrevistado 2; 23 anos).

Acho importante um jovem deixar o Haiti para morar em outros países. É uma experiência muito importante para mim. Mas em qualquer lugar que você for você tem que ter alguém para te acolher, senão, você pode sofrer muito (Entrevistado 5; 25 anos).

Pode-se notar que as trajetórias e as opiniões dos entrevistados são heterogêneas. É muito difícil identificar um padrão único de transição para a vida adulta neste grupo. Contudo, é possível perceber alguns traços comuns nos relatos dos participantes desta pesquisa:

- 1) Uma saída precoce da escola, posto que muitas vezes ocorre sem que os estudos sejam finalizados, devido à angústia de ajudar os familiares e o desejo de ter independência financeira o mais rápido possível.
- 2) Uma inserção precária no mercado de trabalho em atividades que exigem baixa qualificação. Os jovens, por deixarem a escola muitas vezes sem terminar o ensino secundário ou mesmo o primário, experimentam uma inserção laboral ruim por conta da sua baixa qualificação. Claro que, o fato de não ter um nível alto de escolaridade diminui a sua chance de ter um emprego digno capaz de responder às suas necessidades, ainda mais

em um país como o Haiti onde há falta de emprego. Isto provavelmente contribui para a existência do grande volume de jovens no mercado laboral informal. Consequentemente, uma entrada precária do mercado de trabalho é inevitável para esses jovens. Certamente estes dois eventos – saída da escola e entrada no mercado de trabalho – estão fortemente correlacionados no caso dos haitianos da nossa investigação.

3) Uma saída tardia da casa da família de origem se comparado ao padrão idealizado de acordo com o qual a formação de união e o nascimento do primeiro filho devem ocorrer quando o indivíduo constitui domicílio independente. Essa situação era de se esperar, pois conhecendo a situação do Haiti, é normal os jovens permanecerem na casa dos pais por muito tempo por razões econômicas. Embora alguns deixem a casa da família de origem apenas para estudar (caso de secundaristas ou universitários), eles continuam morando na casa de outros familiares, muitas vezes por falta de recursos para alugar uma casa.

4) Uma primeira união relativamente precoce (19 anos) em relação ao modelo europeu, onde os jovens experimentam esse evento cada vez mais tardia. Considerando os cinco casos para os quais o evento já havia ocorrido e os entrevistados lembravam-se da idade ao se unirem, as uniões ocorreram no final da adolescência. A grande maioria dos entrevistados não experimentou nenhuma união ao longo da vida. De acordo com os dados da DHS de 2012 estima-se que a idade média da primeira união é de 25,2 anos para os homens haitianos.

5) Quatro dos 20 entrevistados haviam tido filhos. Uma paternidade precoce em relação aos países desenvolvidos. Mais uma vez o número de indivíduos entrevistados nesta pesquisa é muito pequeno para que se espere que corresponda aos resultados encontrados na DHS. Contudo, algo que chama a atenção é que os rapazes que declaram ter experimentado uma união são todos pais (3 deles tem filhos vivos e em um caso, a criança já faleceu). Existe relação direta entre a primeira união e o nascimento do primeiro filho na sociedade haitiana. Ou seja, parece que os jovens se juntam e logo têm filhos, ou têm filhos e por isso se juntam.

Deve-se frisar que se observa entre os jovens haitianos a ausência de linearidade entre os eventos. Há abandonos e retomadas no sistema escolar, assim como há experiências de uma primeira união que pode ou não preceder o nascimento do primeiro filho. Mesmo os jovens que passaram por uniões e têm filhos, sentem-se “solteiros”. Eles

não se autotransformam como “separados”. A reversibilidade dos eventos, sobretudo em matéria de formação de união, é uma realidade nesta faixa etária.

Em suma, os relatos desses jovens deixam claro que para eles “ser adulto” significa responsabilidade, maturidade, experiência, capacidade de reflexão e de decidir. Também alguns atribuíam a essa etapa de vida a maior idade ou a velhice. Através dessa investigação dá para perceber que parte dos jovens (6) não se considera adulto por razões culturais (os pais são ainda vivos e os jovens devem obediência aos mais velhos). Isto nos leva a dizer que a cultura desempenha um papel importante na transição para a vida adulta dos jovens, pois, a existência dos pais⁵⁴, e o fato de não ter certa idade servem de justificativas para “não ser adulto”. Outros estão na incerteza de dar uma resposta. Essa ideia comprova estudos internacionais que justificam certa insegurança da parte dos jovens para se reconhecerem como adultos. No entanto outros (5) ainda declaram que se sentem adultos e uma das razões que explicam essa sensação de ser adulto é o fato de morar fora do país de origem, ou seja, o fato de migrar.

Neste contexto, é possível estabelecer alguma relação entre a migração e a transição para a vida adulta? A resposta é fácil. De certa forma, sim. O que nos levar a acreditar que não dá para falar de uma migração, mas sim das migrações. O que explica que cada indivíduo possui o seu próprio curso de vida, a sua própria trajetória, conseqüentemente, cada um vivenciou a sua própria experiência migratória. Isto quer dizer que a migração pode ter um impacto na transição para a vida adulta de um sujeito, mas isto não ocorre necessariamente em todos os casos, como mostra este estudo.

⁵⁴ Há no Haiti a percepção compartilhada de que enquanto os pais são ainda vivos, o indivíduo será sempre criança frente aos pais. Para os pais o indivíduo é sempre visto como uma criança.

Considerações finais

Antes de tudo, cabe lembrar que a ideia central desta investigação consiste em captar o impacto da migração sobre a transição para a vida dos jovens migrantes haitianos na cidade de São Paulo. A hipótese fundamental é de que a migração seja um evento a mais a marcar a transição para a vida adulta desses jovens. Como foi visto, a experiência migratória é percebida pelos jovens de diferentes formas, o que pode ser explicado pela percepção positiva ou negativa acerca dos impactos da migração na vida deles. Paralelamente, esse estudo converge com os resultados de várias pesquisas anteriores sobre migrantes haitianos no Brasil. Assim como traz revelações importantes sobre realidade dos jovens haitianos no Brasil.

A história retrospectiva dos jovens revela que a sociedade haitiana é de certa forma tradicional, entendendo aqui por tradicional um modo de vida que faz diferenciação entre os sexos, onde a visão dos mais velhos tem necessariamente precedência sobre aquela dos mais jovens, onde os filhos mesmo já adultos devem acatar a vontade de seus pais e onde a vida familiar detém certa centralidade na vida dos sujeitos. Metade dos jovens entrevistados em São Paulo é procedente de áreas urbanas e a outra metade de áreas rurais. A maioria dos jovens passou a infância e adolescência residindo com ambos os pais. Mas a convivência com avós e outros familiares é muito comum. Destaca-se o problema de falta de serviços de saúde e educação em algumas localidades do país, o que contribuiu também para a migração interna. O trabalho informal é muito comum entre os jovens por causa da sua baixa qualificação ou falta de experiência. Um traço comum ainda é a existência de uniões sucessivas, o que contribuiu para um elevado número de filhos da parte do pai haitiano.

O terremoto de janeiro de 2010 não afetou diretamente as decisões dos jovens, pois a maioria sempre teve a ideia de migrar. A catástrofe acelerou o processo, mas a migração dos jovens tem mais a ver com a situação econômica do país do que com a catástrofe.

Embora imaginássemos encontrar apenas jovens sem visto na igreja Nossa Senhora da Paz, local onde foram realizadas as entrevistas, e que eles tivessem entrado no Brasil majoritariamente pelas fronteiras acreanas, foram encontrados vários casos de imigrantes com visto e que seguiram outras rotas de entrada no país. Em linhas gerais, aqueles que vieram sem visto sofrem muito mais se comparados aos que possuíam visto. A contratação de coiores é o elemento que causa maior desconforto. O percurso seguido pelos jovens sem

visto é bem diferente daquele dos jovens que conseguiram esse documento antes de deixar o país de origem. Contudo, quando chegam a São Paulo, tanto os jovens com visto desde a origem quanto aqueles que vieram sem visto estão sujeitos à situação de vulnerabilidade. Percebe-se que nem todos os haitianos que estão no Brasil saíram direto do Haiti. Foi possível documentar outras trajetórias migratórias além dos caminhos citados pela literatura recente sobre a migração haitiana no Brasil.

As principais motivações dos jovens para deixar o Haiti são: a busca de uma vida melhor, a reprovação no exame de “Baccalauréat” e o conselho de algum membro da família.

O Brasil nunca foi um destino para os haitianos. O que explica a escolha do país sul-americano como destino hoje é a facilidade para cruzar suas fronteiras quando comparado aos países desenvolvidos; a possibilidade de reemigrar quando chegar ao território brasileiro; a possibilidade de dar continuidade aos estudos; a imagem que o Brasil projeta no exterior de terra de oportunidades e desenvolvimento econômico. Destaca-se a existência de redes no processo migratório haitiano, pois não raro os entrevistados relatam que conheciam pelo menos alguns familiares, amigos e colegas desde antes de chegar ao Brasil.

Quando chegam ao Brasil, as principais dificuldades encontradas pelos haitianos se referem à impossibilidade de conseguir emprego na sua área para aqueles mais qualificados, a falta de conhecimento da língua portuguesa, o que dificulta a inserção no mercado de trabalho, e o tipo de tratamento recebido no abrigo em São Paulo. A satisfação de alguns menos qualificados, resulta da inserção no mercado de trabalho e obtenção de renda. Como experiências negativas sublinharam a travessia do território peruano marcada pela extorsão policial, a falta de emprego e dificuldade de adaptação ao clima. Alguns relacionam as suas experiências negativas à própria vinda ao Brasil. As experiências positivas se explicam pelo fato de trabalhar e também pelas experiências pessoais, contato com uma nova cultura e a interação relativamente igualitária entre haitianos e brasileiros.

Atualmente o sonho mais caro dos jovens é melhorar a sua qualidade de vida e de sua família de origem, além de ingressar em alguma universidade brasileira. Quanto às perspectivas futuras, percebe-se uma incerteza entre alguns jovens quanto ao futuro. Eles

querem ter independência econômica e qualificar-se para o mercado de trabalho, com o objetivo de alcançar estabilidade financeira que lhes permita cumprir a expectativa de cuidar de uma família.

Essa experiência migratória mudou a vida da maior parte desses jovens, isto em vários sentidos: cultural, pessoal e emocional. Há poucos jovens que não relatam ter passado por significativas mudanças durante sua estadia aqui, e isso não tem nada a ver com o tempo passado no Brasil.

Quanto aos marcadores da transição para a vida adulta, observa-se uma saída da escola relativamente precoce entre os jovens haitianos. Entendendo-se aqui por precoce o abandono escolar sem finalizar o nível de escolaridade pretendido ou em curso. Frequentemente eles atingem uma escolaridade aquém daquela esperada para a sua idade. A decisão de deixar a escola antes de terminar o ensino secundário, e às vezes logo no primário, é motivada pela necessidade de ajudar os mais jovens das suas famílias de origem. Por isso, eles se sentem obrigados a entrar no mercado laboral informal. Isso é um elemento que explica em boa parte a transição entre os jovens vulneráveis ou menos favorecidos.

A pesquisa revela que poucos jovens já haviam tido a experiência de constituir domicílio independente da família de origem. A maioria dos jovens deixou a casa dos pais apenas para migrar para o Brasil. Isso pode ser explicado, provavelmente pela situação econômica desses jovens. Além disso, outros deixaram a casa dos pais motivados pela necessidade de dar continuidade aos seus estudos indo residir com outros membros da família extensa (tios, por exemplo). Isto atesta a falta de oportunidades educacionais em algumas localidades do país. É preciso descentralizar geograficamente o oferecimento de vagas em escolas secundárias e universidades no Haiti.

Poucos jovens experimentam uma união antes de migrar para o Brasil. Dentre aqueles que já foram unidos, apenas dois estavam ainda em união no momento das entrevistas. No entanto, metade dos entrevistados admitiu existir alguém especial em suas vidas. Mais uma vez destaca-se que são poucos os jovens que eram pais.

Os objetivos imediatos e as decisões futuras variam de acordo com as experiências migratórias de cada entrevistado.

Para os jovens haitianos ser jovem se resume a aprendizagem, realização, concretização de sonhos. Percepção que não é diferente da definição da literatura internacional. Esses jovens veem a juventude como uma esperança, uma promessa de desenvolvimento a fim de assegurar um futuro digno, a ponto de poderem mudar a situação atual do Haiti.

Para eles, ser adulto significa maturidade, responsabilidade, experiência, momento de tomada de decisão. Aparece também tanto para ser jovem quanto para ser adulto, a questão de que os dois conceitos são um estado de espírito. Mais uma vez essa concepção não é diferente da literatura internacional. Todavia, algo inesperado nesta investigação foi o fato de alguns jovens identificarem o adulto à um critério de idade, ou mais especificamente, à velhice.

A maioria dos jovens nutre grande incerteza quanto a se identificar como adultos ou não. Alguns se sentem adultos por ter morado fora do país de origem, pois isto os tornou mais responsáveis, e aprenderam a se virar sozinhos. Outros não, eles justificam isso pela insegurança financeira e por duas outras razões talvez que sejam próprias à cultura haitiana. São elas: esses jovens não atingiram certa idade (a partir de 50 anos) e possuem pais vivos.

Alguns jovens recomendam a migração para o Brasil tendo em conta algumas condições, outros não. As razões dependem da experiência migratória de cada entrevistado. O discurso negativo se justificou pelo tipo de tratamento recebido no abrigo e a saudade da família. O positivo se fundamenta no fato de que ao deixar o país, quando voltar, os jovens podem contribuir para o desenvolvimento nacional.

Enfim, em linhas gerais três elementos fundamentais ajudam a compreender a transição para a vida adulta: a família, a educação e o trabalho. Esse processo de transição dos jovens haitianos foi investigado em um contexto bem específico: o da migração internacional. Deve-se reconhecer que a experiência migratória de muitos jovens haitianos na cidade de São Paulo ainda é de curta duração. Portanto é difícil tecer grandes generalizações sobre qual será o efeito da migração sobre a transição para a vida adulta. O impacto mais evidente e direto é que a migração forçou parte destes jovens a se separar da família pela primeira vez. Percebe-se também que a migração mudou a vida de grande parte dos jovens haitianos em termos pessoais. Cada um deles está vivenciado sua própria experiência migratória de forma subjetiva e dando um significado a ela. Porém, o que eles

visam com a migração é a real melhoria de suas condições de vida, inserção laboral, oportunidades educacionais e geração de renda que lhes permita um padrão de vida digno e ajudar economicamente a família.

Esta pesquisa permitiu explorar as percepções dos jovens sobre a migração, as suas expectativas e desejos para o futuro. Como sugestão para uma agenda de pesquisa, seria interessante investigar o processo de transição desses jovens que estão na cidade de São Paulo em perspectiva longitudinal, quando já estiverem fora do abrigo e com mais tempo de residência no Brasil. Outra abordagem relevante seria estudar a transição para a vida adulta dos jovens que permaneceram no Haiti. Contando com um trabalho de equipe, e adotando uma perspectiva mais ampla, seria oportuno o estudo da transição para a vida adulta dos jovens haitianos que migram para outros lugares do Brasil e do mundo atentando para as especificidades de cada fluxo e dos diferentes processos migratórios.

Referências bibliográficas

- ALESSI, M.L.B. **A migração de haitianos para o Brasil**. Curitiba, v.2, n.2. 2013.
- ARRAES, E. F. Desastres e desenvolvimento: o caso do Haiti. In: **Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade**. Ano III, nº 7, agosto de 2013.
- ARRUDA, A.M.T. **Migração e refúgio: uma breve problematização sobre os direcionamentos governamentais para recepção a haitianos no Brasil e na Republica Dominicana**. 2013.
- ARRUDA, M.R. **Prolongamento da juventude: Opção ou falta de opção?**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas. 2004. 108p.
- BELLEGARDE, D. **La résistance haitienne: l’occupation américaine d’Haiti**. ed.jardin. Haiti. 2009.
- BELLERIVE, J. M. **Haiti Earthquake PDNA:Assessment of damage, losses, general and sectoral needs: Annexe to the Action Plan for National Haiti**. Port-au-Prince, 2010.
- BLANCO, M. El enfoque del curso de vida: orígenes y desarrollo. In: **Revista Latinoamericana de Población**, 2011.
- BRITO,G (2014). **Pela primeira vez, imigrantes protagonizam debates sobre política nacional**. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/05/pela-primeira-vez-imigrantes-protagonizam-debate-sobre-politica-nacional-de-imigracao-1494.html>. Acessado em: 03/09/2014.
- CASTOR, S. **L’occupation américaine d’Haiti**. 3.ed française. Haiti. 1998.
- CAMARANO, A.A; MELLO, J.L; KANSO, S. Transições ao longo do ciclo da vida. In: CAMARANO, A.A. (org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?**. Rio de Janeiro, 2006. Pp.31-92.
- **Caminhos para a vida adulta: as multiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro. 2004. n.21, pp. 11-50
- **A transição para a vida adulta : novos ou velhos desafios ? Mercado de trabalho, conjuntura e Análise**. 2003. n.21, pp.53-66.
- CHAGAS, M. **CNIg prorroga prazo para a concessão de visto humanitário aos haitianos. 15/12/14**. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/12/cnig-prorroga>. Acesso: 01/04/2015.
- CENTRO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA DO IMIGRANTE. Os haitianos são o problema? Ou o problema é a falta de uma política migratória que respeite os migrantes? **Jornal Conexión Migrante**. 25/04/2014. Disponível em:<http://www.cdhic.org.br/?p=1936>. Acessado em: 03/09/2014.

CICHELL,V; MERICO,M. **Le passage à la vie adulte des italiens: entre le modèle traditionnel et individualisation des trajectoires.** 2007. v.2, n.4.

COMIGRAR. **Conferência realidade migratória no Brasil.** Vídeo. Produção: TVNBR, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZRrelkcpJ2k>. Acesso: 03/09/2014.

CEMLA, BID. **Le profile de la population haitienne aux Etats-Unis.** 2013

ELDER, G. et al. The emergence and development of life course theory. In: **Handbook of life course**, 2003

ETIENNE, J.F, *Histoire d'Haiti*. Biblioteca *Haitienne des Pères du Saint-Esprit*, 2003.

FACHIN P; JUNGES,M. **Haitianos os novos imigrantes do Brasil: Entrevista especial com Duval Guimalhães e Sidney da Silva.** 06/08/2011. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45912-haitianos-os-novos-imigrantes-do-brasil-entrevista-especial-com-duval-magalhaes-e-sidney-da-silva>. Acesso: 05/09/2014.

FERNANDES, D. CASTRO, M.C.G. Projeto: **Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral.** Belo Horizonte, 2014.

FERNANDES, D. M; PATARRA, N. L. Brasil país de imigração? In: **Revista Internacional em Língua Portuguesa (Migrações).** 2011. III série. n. 24.

FURSTENBERG, F.F ; GRANT, M.;. Changes in the transition to Adult in Less Developed Countries. **European Journal of Population**, v.23, n.3-4, p.415-28, oct./2007

_____. Gwowing up is harder to do. **Contexts.** 2004. v.3, Issue 3, p.33-41.

FURSTENBERG, F.F. The intersections of social class and the transition to adulthood. In: **Social class and transitions to adulthood: new direction for child and adolescent development.** ed J.T. Mortimer. 2008. P.1-10.

GALLAND, O. un nouvel âge de la vie. In: **Revue française de Sociologie.** Paris. 1995. v.31, n. 31(4).

GALLAND,O. **Sociologie de la jeunesse.** Paris, ed.4 Armand Colin, 2007. (collections U sociologies).

GALLAND, O. Une entrée de plus en plus tardive dans la vie adulte. In: **Economie et statistique.** 1995. pp. 33-52.

GERMANI, G. **Sociologia da modernização: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina.** SP: Mestre Jou, 1974.

GIL, A.C. Entrevista. In: **Métodos e técnicas de Pesquisa Social.** 2011, São Paulo. ed. 6. Editor: Atlas.

HAITI REFERENCE. **Listes des chefs d'Etats haitiens.** 2015. Disponível em: <http://www.haiti-reference.com/histoire/notables/presidents.php>. Acesso: 01/02/2015.

HECKERT, J. **Haitian Migration and the Changing Context of the Transition to Adulthood**. 2010. Universidade de Pensilvânia. Population Association of America (PAA-2011).

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL. **Sobre o uso irresponsável do termo “invasão dos haitianos” pela empresa**. 21/01/2014. Disponível em: http://www.ippur.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=864:sobre-o-uso-irresponsavel-do-termo-invasao-de-haitianos-pela-imprensa&catid=67:outros&Itemid=7 Acesso em: 01/02/2015.

JOACHIM, B. **Les racines du sous-développement en Haiti**. Porto-Príncipe. 1979.

JOURDAN, G. **Risque sismique et nouvelles constructions de maisons en béton armé: étude de cas Villa Rosa**. Travail de mémoire en master 1, dans le cadre du programme de Géographie, Paris 8-Ecole Normale Supérieure. (2012).

LEVY, R. Why look at life courses in an interdisciplinary perspective? In: **Advances in Life Course Research**. 2005. V.10.pp.3-32.

LIEFBROER, A; TOULEMON, L. Demographic perspectives on the transition to adulthood: an introduction. In: **Advances in Life Course Research**, 2010; Volume 15, 53–58.

LOUDOR, W.E. Haiti-Migration: Zoom sur la recente vague migratoire haitienne vers l'Amérique Latine. **Alter Press**. Bogota, 5 julho 2012. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article13070#.VAB4uPldWPZ>. Acesso: 29/08/ 2014.

MACMILLAN, R. **The structure of life course: classic issues and current controversies**. 2005. V.9 pp.3-24.

MARQUES, J. Senador haitiano pede ajuda brasileira e retirada de tropas da ONU. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 22/05/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/05/1458414-senador-haitiano-pede-ajuda-brasileira-e-retirada-de-tropas-da-onu.shtml>. Acesso: 04/09/2014.

MELLO, J.L. **Transições para a vida adulta : os jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. 2005.

Ministério do Trabalho e Emprego. **Guia de procedimentos: Autorização de Trabalho a Estrangeiro**. Julho de 2013. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3F9B201201403B60B0A25FB5/Novo%20Guia11%20-%20Julho%202013%20-%20atualizado%20RN%20104%20-%20Final.pdf>. Acesso: 04/09/2014.

MINISTÈRE DE LA PLANIFICATION ET DE LA COOPÉRATION EXTERNE. Programme d'action de développement d'Haiti: 2001-2010. Avril/2001.

MOARES, I. A. et al. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. Revista Conjuntura Austral ,vol. 4, nº. 20. 2013.

MONGERARD, S. **La coopération franco-haitienne (1945-1975)**. Mémoire de Maîtrise.. Université de Poitiers. France, 2012.

MOREIRA, J. B. **Política em Relação á refugiados no Brasil (1947-2010)**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2012.

NASCIMENTO, S. THOMAZ, O.R. Da crise ás ruínas: impacto do terremoto sobre o ensino superior no Haiti. 2010.

NIETO, C. Brasil: nuevo destino de la migración haitiana. In: **Migración haitiana a Brasil. Redes Migratórias y espaço social transnacional**. 2014.

ORSI, C. Ajuda internacional ao Haiti é “grande mentira” defende tese. **Jornal da Unicamp**. Campinas. 14/04/2014. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/594/ajuda-internacional-ao-haiti-e-grande-mentira-defende-tese>. Acesso: 04/09/2014.

RICHARDSON. R.J. Entrevista. In: **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 2012. São Paulo. 3ª ed. Atlas. pp. 207 -219.

ROSA. R, M. **A construção de desigualdade no Haiti: Experiências históricas e situações atuais**. 2006, pp. 1-25.

ROCHA, G. S. **Pense no Haiti, reze pelo Haiti**: a história da freira Santana e sua aventura no mar do Caribe: um grito de solidariedade. São Paulo, SP: Musa, 1995. SAINT-LOUIS, V. **Mer et Liberté: Haiti (1492-1794)**. Haiti. 2008.

SANTOS, M. C. **“Felicidade clandestina”:** Refúgio e Família no Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. 2014.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, SP: EDUSP, 1998. 299 p.

SEGUY, F. As raízes históricas do precário do haitiano. In: **catástrofe de janeiro de 2010, a “internacional comunitária” e a recolonização do Haiti**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES. Haiti, um país empobrecido, destruído. **Migração e Liberdade: Migrar é direito, tráfico humano é crime**. São Paulo, 2012. Disponível <http://spmigrantes.wordpress.com/2012/02/03/haiti-um-pais-empobrecido-destruido/>. Acessado em 29/08/ 2014.

SILVA, S. A. De refugiados a imigrantes: Desafios a inserção sociocultural dos haitianos em Manaus. In: **Vidas em transito: conhecer e refletir na perspectiva da mobilidade humana**. 2014. pp. 188-202.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: **Economia política e urbanização**. ed.3. CEBRAP, Brasiliense, 1976.

SINGH, M. The 2007-08 Financial Crisis In Review. In: **Investopedia**. ----- . Disponível em: <http://www.investopedia.com/articles/economics/09/financial-crisis-review.asp>

STATISTIQUE CANADA. La communauté haitienne au Canada. Disponível em: <http://www.statcan.gc.ca/pub/89-621-x/89-621-x2007011-fra.htm>. Acessado em: 29 Agosto 2014.

TELEMAQUE, J. **Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Rio de Janeiro. RJ. 2012.

VIEIRA, J.M. **Transição para a vida adulta em São Paulo: cenários e tendências sócio-demográficas**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009. 208p.

WAINWRIGHT, E. **Culture haitienne à travers des textes choisis**. Copyright. Education. Coconut Creek, FL. 2001.

WARREN, C. **Transitions différées des jeunes adultes**. Québec. 2007.

WARGNY, C. **Haiti n'existe pas. 1804-2004: deux cents ans de solitude**. ed. Autrement. Paris. 2004.

ZENTENO, R; GIORGULI, S.E.;GUTIERREZ,E. **Mexican adolescent migration to the U.S and transitions to adulthood**. Rio de Janeiro. 2010.

Sites consultados

Afro Cuba Web. Disponível em: <http://www.afrocubaweb.com/haiticuba.htm#Cuba%20y%20Hait%C3%AD:%20A%C3%BAn%20m%C3%A1s%20pr%C3%B3ximas>. Acessado em: 28/08/2014.

Demographic Health Survey. Disponível em: <http://ici.radio-canada.ca/nouvelles/dossiers/haiti/diaspora.shtml>. Acessado em: 05/05/2015.

Ministère des Haitiens Vivant à l'Étranger (MHAVE). Disponível em: <http://www.mhave.gouv.ht/mhave.html>. Acessado em: 28/08/2014.

Ministério do Trabalho e do Emprego- MTE. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/legislacao/resolucao-normativa-n-27-de-25-11-1998.htm>. Acesso: 03/09/2014.

Missão da Paz. Disponível em: <http://www.missaospaz.org/#!/about/c1wfv>. Acesso: 08/09/2014.

Missão da Paz. Disponível em: <http://www.missaospaz.org/#!/cdm/c1wgx>. Acesso: 08/09/2014.

Programa Estudante-convênio de Graduação. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PECG.php#tab1>. Acessado em: 04/09/2014.

Rádio Canadá. Disponível em: <http://ici.radio-canada.ca/nouvelles/dossiers/haiti/diaspora.shtml>. Acessado em: 28/08/2014.

Haiti Référence. Disponível em: <http://www.haiti-reference.com/>. Acesso em: 01/02/2015.

UNdata. Disponível em: <http://data.un.org/>. Acesso em 04/02/2015.

Caritas, Arquidiocesana de São Paulo. Disponível em: <http://www.caritassp.org.br/>. Acesso em: 04/02/2014.

Anexo

Roteiro original

Questions - entretiens “Haitiens à Sao-Paulo”

I. Histoire rétrospective (enfance et adolescence) /contexte de vie dans le pays d’origine

1. Quelle est ta date de naissance? Lieu de naissance? Lieu où tu as grandi? Si tu n’as pas grandi au même endroit, pourquoi? Date de ton arrivée au Brésil?
2. a) Raconte moi un peu de ton enfance. Avec qui as-tu vécu durant ton enfance ou la majeure partie de ton enfance? Comment a été la relation avec les autres personnes de la maison. b) ton adolescence? Reprendre les questions de 2a.
3. Comment a été ta vie quand tu étais en Haiti? Tu vivais où exactement?
4. Tu vivais avec qui? Tu as des frères et soeurs? Combien? Quelle place occupes-tu dans la famille aîné, cadet, benjamin ou ...?

II. Catastrophe environnementale (Comment a-t-elle affecté les décisions des jeunes?)

1. Le séisme du 12 janvier 2010 semble avoir été un des événements le plus frappant de l’histoire récente d’Haiti. Tu as été où en ce moment?
2. Tu étais en train de faire quoi?
3. Comment ça a été pour toi toute suite après?
4. Quelque chose a changé dans ta vie après le séisme?
5. Qu’est ce qui a changé exactement?
6. Tu as eu des pertes matérielles?
7. Tu as perdu des personnes chères, familles, proches?
8. Comment a été ta vie durant ces années après le séisme? Qu’as-tu fait pendant ce temps?

III. Processus migratoire

1. Raconte-moi un peu de ton parcours avant d'arriver à Sao Paulo – moyen de transport, Etat qui t'a reçu, villes où vous avez déjà passé ? Comment as-tu fais pour arriver au Brésil? (insisté sur la question de coïote).
2. Comment a été le voyage. Il y a eu quelques types de danger?
3. Tu as un passeport? Visa? Tu as déjà retiré quelques documents brésiliens ici? Situation actuelle (Réfugié, visa temporaire ou permanent)?
4. Tu avais déjà vécu a l'extérieur avant de venir ici? Si oui, où? Tu avais quel âge?

a. Motivations de la migration

1. Qu'est ce qui t'a poussé à migrer? 2. (Le séisme t'a motivé en quelque sorte à migrer ou tu avais toujours eu cette idée? Pourquoi?).

b. Décision pour le pays de destination

1. Avant le séisme tu as eu le désir de migrer? Si oui, pour quels pays?
2. Pourquoi as-tu opté pour le Brésil?
3. Avant de venir ici tu avais déjà connu quelqu'un qui vit au Brésil? Où est ce que tu as rencontré les informations ? (réseaux sociaux, média, soldats brésiliens en Hati, ambassade, internet etc..). - Qui est cette personne? Comment as-tu pu la connaître?

c. Arrivée au Brésil

4. Comment vis-tu ta vie au Brésil? Tu aimes le fait que tu vis au Brésil? Pourquoi?
5. Tu as reçu quelques types d'aide? De qui?
6. Tu as des parents et amis au Brésil? Ils sont tous haitiens ou tu as des contacts brésiliens?
7. Quelles ont été les meilleures expériences que tu as eues depuis ton arrivée ici (au Brésil)?
8. Quelles ont été tes pires expériences?

IV. Perspectives futures et possibles changements dans la vie des jeunes

1. Actuellement quels sont tes rêves les plus chers?

2. Comment imagines-tu ta vie dans 5 ans?
3. Tu t'imagines en Haïti, au Brésil ou à un autre endroit?
4. Le temps que tu as passé ici a changé quelque chose en toi? Manière de vivre, façon de penser et de voir les choses etc....

V. Evénements liés au passage à l'âge adulte

1. Sortie de l'école

1. As-tu fréquenté l'école? Si oui, quel est le plus haut niveau atteint ?
2. Tu as étudié dans une école publique ou privée? Publique, pourquoi? Privée, pourquoi? S'il y a eu des changements pourquoi?
3. Tu as eu des études universitaires en Haïti? Quelle université? Publique, pourquoi? Privée, pourquoi?
4. Tu as interrompu tes études? Tu avais quel âge? Motifs? Tu as repris? Motifs de la reprise? Ceci s'est arrivé plusieurs fois?

2. Entrée dans le marché du travail

1. Avant de venir ici tu faisais quoi? (Si l'interviewé était en train de travailler, son âge)
2. A quel âge as-tu commencé à travailler?
3. Quel a été ton premier emploi? Tu as eu d'autres emplois après celui-là? (Si oui), quelles ont été tes expériences de travail après celle-là? (Qu'est ce qui s'est arrivé et pourquoi?)

3. Sortie de la maison familiale d'origine

1. Avant de venir ici tu vivais encore avec tes parents?
2. A quel âge as-tu quitté leur maison pour la première fois pour aller vivre ailleurs?
3. Après avoir quitté la maison, il est arrivé un moment où tu es retourné à vivre avec eux ou vous avez toujours continué à vivre séparément ?

4. Première Union

1. A quel âge tu as eu ton (ta) premier (ère) petit (e) ami (e) ? où l'as tu rencontré (e) ? Qu'est ce qui t'a marqué dans cette première relation ?

2. A quel âge tu as commencé à vivre avec un (e) conjoint (e)?
3. Tu es marié, célibataire ?
4. Tu as quelqu'un dans ta vie actuellement ? Si oui, c'est ta première union? Quel type d'union, mariage civil? Religieux? ou union consensuelle?

5. Naissance du premier enfant

1. Tu as des enfants? Si oui, sexe? Age?
2. L'enfant vit avec qui actuellement?
3. A quel âge as-tu ton premier enfant?
4. Que comptes-tu faire ici au Brésil? Tu comptes former une famille? Avec un conjoint (e) brésilien (ne) ou haïtien (ne)? Pourquoi?

VI. Etre jeune et être adulte

1. Selon toi que signifie être jeune? Etre adulte?
2. Tu te sens adulte? Pourquoi?
3. Si tu aurais à choisir un âge à devenir adulte, quel âge choisirais-tu?

Conseil

Si tu aurais pu envoyer un message aux autres jeunes qui sont en Haïti, quel conseil donnerais-tu à ceux qui ont l'idée de migrer un jour pour le Brésil ?

Roteiro traduzido em português
Questões entrevistas – “Haitianos em São Paulo”

I. História retrospectiva (infância e adolescência) / contexto de vida no país de origem.

1. Qual é sua data de nascimento? Lugar de nascimento? Onde você cresceu? Se você não cresceu no mesmo lugar, por quê? Qual é data da sua chegada ao Brasil?
2. a) Conte para mim um pouco da sua infância. Com quem você cresceu durante a sua infância ou a maior parte da sua infância? Como foi a sua relação com outras pessoas da casa. b) Sua adolescência? Repete as questões em 2 a.
3. Como foi a sua vida quando era no Haiti? Você morava onde exatamente?
4. Você morava com quem? Você tem irmã e irmãos? Quantos? Qual é o seu lugar na sua família? Filho mais velho, caçula?

II. Catástrofe ambiental (Como ela afetou as decisões dos jovens?)

1. O terremoto de 12 de janeiro de 2010 parece ter sido um dos mais marcantes da história recente de eventos Haiti. Você estava onde durante o sismo.
2. O que você estava fazendo?
3. Como foi imediatamente depois do terremoto?
4. Alguma coisa tem mudado depois do sismo?
5. O que mudou exatamente?
6. Você teve perdas materiais?
7. Você perdeu pessoas queridas, familiares, próximas?
8. Como foi a sua vida os anos depois do terremoto? O que você tem feito durante esse tempo?

III. Processo migratório

1. Por favor, conte para mim um pouco do seu percurso antes de chegar a São Paulo? Meio de transporte, Estado que te acolheu, cidade, onde você já passou? Como você fez para chegar ao Brasil? (insistir sobre a questão de coite).
2. Como foi a viagem? Houve alguns tipos de perigo?
3. Você tem um passaporte? Visto? Você já tirou alguns documentos brasileiros aqui? Situação atual (Refugiado, visto temporário ou permanente?).
4. Você já tinha morado no exterior antes de chegar aqui? Onde? Você tinha quantos anos?

a. Motivações da migração

1. O que te incentivou a migrar? 2. O sismo te motivou em alguns sentidos a deixar o país ou você sempre tinha essa ideia? Por quê?

b. Decisão pelo país de destino

1. Antes do terremoto você tinha a ideia de migrar? Se sim, para onde?
2. Porque você optou pelo Brasil?
3. Antes de vir aqui você conhecia alguém que mora aqui? Onde você encontrou as informações? (Rede social, mídia, exercito brasileiro no Haiti, embaixada do Brasil no Haiti, internet etc.) – Quem é essa pessoa? Como você a conheceu?

c. Chegada ao Brasil

1. Como você está vivendo aqui? Você gosta o fato de estar aqui no Brasil? Por quê?
2. Você recebeu alguns tipos de ajuda? De quem?
3. Você tem parente e amigos no Brasil? Eles são todos haitianos ou você tem contatos brasileiros?
4. Quais são as suas melhores experiências desde que chegue ao Brasil?
5. Quais são as suas piores experiências?

<h3>IV. Perspectivas futuras e possíveis mudanças na vida dos jovens</h3>
--

1. Atualmente quais são os seus sonhos mais caros?
2. Como você imagina a sua vida daqui cinco anos?
3. Você te imagina no Haiti, no Brasil ou em outro lugar?

4. O tempo que você passou aqui mudou alguma coisa na sua vida? Maneira de viver, de pensar e de ver as coisas etc.?

V. Eventos relacionados á transição para a vida adulta

1. Saída da escola

1. Você frequentou escola? Se sim, qual foi o mais alto nível atingindo?
2. Você estudou em uma escola pública ou privada? Pública, por quê? Privada, por quê? Se houve mudanças por quê?
3. Você fez estudos universitários no Haiti? Qual universidade? Pública, por quê? Privada, por quê?
4. Você parou de estudar alguma vez? Você tinha quantos anos? Motivos? Você voltou para escola uma vez? Motivos do retorno? Isso aconteceu várias vezes?

2. Entrada do mercado de trabalho

1. O que você antes de vir aqui?
2. Se sim, aos quantos anos você começou a trabalhar?
3. Qual foi o seu primeiro emprego? Você teve outros empregos antes disso? Se sim, quais foram as suas outras experiências? (O que aconteceu e por quê?).

3. Saída da casa familiar de origem

1. Antes de vir aqui você morava ainda com seus pais?
2. Aos quantos anos você saiu da casa pela primeira vez para viver fora?
3. Depois de ter deixado a casa dos pais, aconteceu uma vez que você voltou a morar com eles ou você sempre continuou a viver separadamente?

4. Primeira união

1. Com quantos anos você teve o seu primeiro ou sal primeira namorada? Onde você encontrou essa pessoa? O que te marcou nessa primeira relação?
2. Com quantos anos você começou a morar com um cônjuge?
3. Você está casado ou solteiro?

4. Você tem alguém na sua vida atualmente? Se sim, é sua primeira união? Tipo de união? Casamento civil, religioso ou união consensual?

5. Nascimento do primeiro filho

1. Você tem filhos? Se si, sexo, idade?

2. A criança mora com quem atualmente?

3. Com que idade você teve o seu primeiro filho?

4. O que você pretende fazer enquanto você está no Brasil? Você pretende criar uma família? Com um cônjuge brasileiro ou brasileiro (a) ou haitiano (a) Por quê?

VI. Ser jovem e ser adulto

1. Segundo você o que significa se jovem? Ser adulto?

2. Você se sente adulto?

3. Se você teria a escolher uma idade ao se tornar adulta, que idade você escolheria?

4. Se você tivesse mandar uma mensagem para os jovens haitianos que pretendem migrar para o Brasil um dia, o que você aconselharia?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Transição para a vida adulta dos jovens migrantes haitianos

Pesquisador Principal ou Orientador (a): Joice Melo Vieira

Aluna: Chaneline Jean Baptiste

- 1. Natureza da pesquisa:** *o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade **conhecer a realidade dos jovens haitianos que migram para o Brasil.***
- 2. Participantes da pesquisa:** Entrevistado #
População alvo da pesquisa: Jovens de 15 a 34 anos
- 3. Sobre as entrevistas:** (se houver, especificar como serão realizadas).
- 4. Confidencialidade:** *todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.*
- 5. Benefícios:** *ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre essa população migrante que está no Brasil, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa na formulação de políticas públicas para jovens, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.*
- 6. Pagamento:** *a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador